

168

Revista da **SOCIEDADE**  
de **GEOGRAFIA** do Rio de Janeiro

T O M O X L I — 1 9 3 5 — (2.º semestre)

COMISSÃO DE REDAÇÃO

Alcides Bezerra — Alexandre Sommier — Carlos Domingues —  
Saladino de Gusmão — S. Fróis de Abreu

S U M Á R I O

Contra-Almirante Raul Tavares — Corografia da Costa do  
Brasil.

Engenheiro Alberto Couto Fernandes — Esperanto, Língua  
de Turismo.

Wanderley Pinho — Fixação dos imigrantes e assimilação  
do imigrante estrangeiro.

Paulo José Pires Brandão — Cabo-Frio.

José Magarinos — Imigração (Esboço Médico-Social).

F. Restrepo Eldridge — O Esforço do Japão para o Predomínio  
Comercial do Mundo (Tradução).

M. A. Teixeira de Freitas — Unificação e Aperfeiçoamento  
das Estatísticas Nacionais.

RESUMO DE TODOS OS ARTIGOS EM ESPERANTO

AVEN. MARECHAL FLORIANO, 212-1.º—Rio de Janeiro

B R A S I L





== Revista da **SOCIEDADE**  
de **GEOGRAFIA** do Rio de Janeiro

---

---

T O M O X L I  
1 9 3 5  
(2.º semestre)

COMISSÃO DE REDAÇÃO

Alcides Bezerra — Alexandre Sommer — Carlos Domingues —  
Saladino de Gusmão — S. Fróis de Abreu

I N D I C E

Contra-Almirante Raul Tavares — Corografia da Costa do Brasil.....	89
Engenheiro Alberto Couto Fernandes — Esperanto, Língua de Turismo.....	127
Wanderley Pinho — Fixação dos imigrantes e assimi- lação do imigrante estrangeiro.....	133
Paulo José Pires Brandão — Cabo-Frio.....	152
José Magarinos — Imigração (Esbôço Médico-Social)	155
F. Restrepo Eldridge — O Esfôrço do Japão para o Predomínio Comercial do Mundo (Tradução)....	159
M. A. Teixeira de Freitas — Unificação e Aperfeiçoa- mento das Estatísticas Nacionais.....	166

RESUMO DE TODOS OS ARTIGOS EM ESPERANTO

AVEN. MARECHAL FLORIANO, 212-1.º—Rio de Janeiro  
BRASIL

UNIVERSIDAD DE LA HABANA  
Biblioteca Central  
Rubén Martínez Villena

**C A N J E**



## COROGRAFIA DA COSTA DO BRASIL

(Do Cabo de São-Roque à Baía do Salvador)

Contra-Almirante Raul Tavares

1.º Vice-Presidente da Sociedade

(Continuação dos tomos XXXVIII e XXXIX)

*Costa entre o Cabo de São-Roque e o Rio-Grande-do-Norte.*

A costa corre ao S. 1/4 S E, 14,5 milhas até à ponta Genipabú, que demora 3 milhas ao Norte do forte dos Reis Magos e está na ponta Sul da embocadura do Rio-Grande-do-Norte. A 3 milhas do cabo está o rio Maxaranguape, com pequena povoação e alguns coqueiros na ponta Norte da embocadura; 2 milhas mais longe há outra povoação e a milha e meia a de Jacumamo.

O rio Ceará-mirim desemboca a 1,7 milha ao NW. da ponta Genipabú, existindo intermediariamente uma povoação. A costa, desde o rio Maxaranguape, está salpicada de grupos de coqueiros e circundada, à distância de 0,7 milha, por um recife. A duas milhas dela, encontra-se de 13 a 14 metros de fundo. O baixio da ponta de Genipabú estende-se a mais de 0,7 milha ao S E. da ponta.

*Rio-Grande-do-Norte* — A bôca dêste rio, chamado também de Pontengí, está formada por uma abertura do recife; sua parte Sul estende-se para o Norte da ponta Sul da bôca a uma distância de 0,7 milha, deixando uma passagem com 7 metros d'água entre êle e o recife do Norte. Por dentro dos recifes que estão mais fora, há pequena restinga que corre na mesma direção, a qual se radica ao banco da parte Norte da entrada e demora seu extremo Sul ao Oeste, a duas milhas do extremo Norte da restinga do Sul e a 0,4 milha da costa.

Por dentro dos arrecifes, o canal está sujeito a grandes variações, sendo muito estreito, com uma profundidade de 4,2 metros na barra em maré baixa.

O rio, da bôca ao través da população, tem de 0,2 a 0,3 milha de largura, com fundos de 8 a 10 metros.

E' muito caudaloso na estação das chuvas, diminuindo a sua caudal, sensivelmente, na estação sêca, e 3 milhas acima da povoação está obstruído por um banco de areia, que só tem 2,8 metros d'água.

Com maré alta, o banco do Norte está coberto proxima-mente a uma milha da bôca. Defende a sua entrada o forte dos Reis Magos, situado no centro do recife do Sul e isolado com maré alta. As marés vivas sobem de 2,4 a 3 metros. Êste rio nasce nas abas e pelo lado do Sul do serrote do Fuzil, ramal da Serra de Angico. Seu curso é de 105 milhas. Recebe as águas de varios riachuelos, sendo o mais considerável o Jundiaí. Êle é navegável por embarcações pequenas de pouco calado até o Perequito, na distância de 3 milhas.

Embarcações pequenas sobem o Quixabeira mais uma milha e as barças vão até o Macaíba, distante 12 milhas. Dizem as crônicas que o Potengí foi navegado por espaço de 33 milhas até por navios grandes. Na sua foz vêem-se 2 braços chamados Manimbú e Jaguaribe, que são apenas alagados ou braços de mar que, com pouco mais de uma milha, secam completamente.

*Natal* — Capital do Estado do Rio-Grande-do-Norte, com cêrca de 15.000 habitantes. Está situada na margem Leste do rio Potengí, 2 milhas para dentro da bôca. E' atualmente uma base de Aviação Naval. Está ligada telegraficamente com o Maranhão e Pernambuco, sendo ponto de escala de navios de cabotagem. Há uma estrada de ferro para Ceará-mirim. O estabelecimento do pôrto é de 4h. 15m.; amplitude média 2 metros. A' vazante a corrente atinge a uma velocidade de 2 milhas nos bancos e na parte Norte da barra a corrente leva para os arrecifes, sendo a unidade de altura de 1 metro e 24 c/m.

Na bôca do rio Potengí ou Rio-Grande-do-Norte, no forte dos Reis Magos, está construído o farol, que é em armação de ferro pintada de branco. O seu alcance é de 12 milhas, com relâmpagos brancos de 5 segundos de duração separados por eclipse de 5 e meio segundos. Altura focal acima do nível médio 14m,13. Posição: Lat = 5° — 45' — 30" Sul e Long = 35° — 11' — 36" W. Gw. Há outra luz no forte colocado no extremo do picão; é visível a 10 milhas e tem os seguintes característicos: 1 relâmpago branco de 3 segundos, seguido de eclipse de 2s,7 cada 3 segundos.

*Aspecto físico da costa do Rio-Grande-do-Norte* — E' de areia branca e corre ao Sul 16 milhas até à ponta Cotovelo. A ponta Negra está no meio dessa distância, com alguns recifes que se estendem ao Norte por espaço de meia milha. A 1',3 ao

NW. da ponta citada, há pequena povoação com um grupo de coqueiros e abrigado pela mesma ponta encontra-se um fundeadouro contra os ventos do quadrante Sul. A costa Norte e Sul forma pequena curva para o Oeste, com algumas enseadas livres de pedras e de perigos e à distância de 1 milha há fundos de 7 a 11 metros d'água. Entre as pontas Negra e Cotovelo vêem-se algumas barrancas avermelhadas, chamadas Barreiras do Inferno, e entre a última e a de Buzios, 2',7 milhas ao Sul, está o rio Pirangí. Em frente das duas pontas há lajes que se estendem para fora milha e meia. Da ponta dos Buzios, a costa se dirige para o Sul 13 milhas até à ponta do Moleque, formando um seio de 2 milhas de curvatura e 9 milhas mais abaixo se encontram a baía e a povoação de Formosa. A 4',7 milhas ao Sul da ponta dos Buzios desemboca o riachuelo de Camoropim ou Mairí, e a 2 milhas ao Norte estão a ponta e a povoação de Tabatinga. A 3 milhas ao Sul de Camoropim, no saco que forma a costa, há algumas casas com grupos de coqueiros e a 4',7 milhas mais para o Sul ou seja 1',5 milha ao NW., está a ponta da Pipa e sua povoação, e ambas tomam êste nome em virtude de uma laje destacada fora da ponta, cujo extremo se parece com uma pipa de vinho, que é o único ponto de marcação desta costa. Encontra-se ao NE. da povoação um fundeadouro provisório e a uma milha para fora da ponta há um escolho que se estende meia milha, com 5 metros d'água.

Mais um pouco ao Norte da ponta Tabatinga, a costa está rodeada, à distância de meia milha, por um arrecife que rompe e às vezes vela.

Da ponta do Moleque, a costa, formando ligeiro saco, corre para o Sul umas 5 milhas até à bôca do rio Cunhaú, que tem na margem Sul a colina do seu nome, enquanto na do Norte, estão a colina e o rio Sibama. De Cunhaú segue ao Sul 3',5 milhas e depois a Leste, formando a baía Formosa; 3 milhas ao Norte e ao Sul de Cunhaú há um recife que se estende meia milha para fora e que vela de quando em quando.

*Rio Pirangí* — A 2',7 milhas ao Sul da ponta do Cotovelo está a de Buzios e no meio delas a bôca do rio Pirangí, com uma povoação à curta distância de cada margem. Da última ponta sai um recife que vela às vezes, com vários escolhos, que se estendem ao Norte até em frente à bôca do rio e termina proximamente a 1',5 milha para fora da ponta do Cotovelo. Há um fundeadouro em frente da povoação ao Norte do rio, com 6',2 metros d'água. Uma milha a Leste do extremo Norte do recife sonda-se 15 metros e uns 9 metros à mesma distância para o NW.

*Rio Cunhaú* — Reconhece-se-o pela colina do mesmo nome que está ao Sul, e a de Sibwana ao Norte. A sua entrada está numa aba do recife na parte Norte da sua bôca, com 4',3 metros de fundo em maré-baixa. Ambos os passos estão rodeados de bancos de areia. O rio tem 3',3 metros d'água até 5 milhas mais acima. Uma povoação se encontra na margem Norte, por dentro da sua foz.

*Baía Formosa* — Está compreendida entre a foz do Cunhaú e a ponta Formosa. Dá ancoradouro com ventos do Sul em 7 e 10 metros d'água na baixa-mar. A povoação do mesmo nome está situada na parte NE. da ponta que forma a baía. A costa até o Sul da baía da Traição, ou seja por espaço de 20 milhas, apresenta uma linha constante de dunas cobertas intervaladamente por mato. Está mais ou menos rodeada por um recife que vela, às vezes, mas que se não estende a mais de uma milha da costa. Desembocam neste trecho os rios: Sagí, Guagú e Camarutuba, este último 5',5 milhas ao Norte da ponta da baía da Traição; a povoação do mesmo nome demora na parte Norte da entrada. Quatro milhas e meia ao Sul da ponta da Traição está a foz do rio Mamanguape e esta costa é notável por algumas pequenas barrancas avermelhadas. A 8 milhas mais ao Sul encontra-se a ponta Lucena. Da ponta da Traição, o arrecife, velando mais ou menos, corre para o Sul; cobre a bôca do Mamanguape e passa junto à ponta da sua entrada, onde está coberto pela água, mas entrecortado e aproximando-se à terra, até 2',2 milhas da ponta Lucena. A uma milha ao Norte e aos 50° NW. da ponta Bacoparí, demora a ponta Formosa, também chamada do Fortinho. A ponta do Bacoparí está a umas 5 milhas e aos 30° SE. do pontal do Outeiro de Suzana e a 1 milha aos 50° SE. da ponta Formosa. É o extremo Sul da baía Formosa e nela se acha um farol, torre de ferro pintada de branco com 25 metros de altura sôbre o nível médio das águas, sendo a sua situação: Lat = 6° — 22' — 4" Sul e Long = 34° — 59' — 6" W.Gw.

Mostra luz branca com lampejos visíveis a 15 milhas, sendo a altitude do foco de 25 metros. Há necessidade de se chamar a atenção para a circunstância de que a marcação desta posição, nas cartas náuticas, pondo-a fora da linha da costa, demonstra que está errado o traçado da costa.

*Baía da Traição* — Está formada pela ponta do mesmo nome, que se estende a Leste por mais de uma milha. Vê-se uma povoação com coqueiros pelas costas e um escolho se encontra na parte Sul, com 2 a 3,5 metros d'água, que começa por uma

grande pedra chamada Feiticeira, ao redor da qual se encontra 5, 2, 7 e 8,8 metros d'água. Com um intervalo de 310 metros em fundos de 4,4 a 5,2 metros de cascalho e areia grossa, segue o arrecife em direção da ponta da Traição, deixando segundo intervalo com 18 a 20 metros de largura e fundos de 2,5 e 3,5 metros d'água.

No meio da entrada, entre o extremo Norte do recife e a costa, há outro escolho coberto e alcantilado, que, porém, pode ser deixado por qualquer bordo. O fundeadouro, que é somente proprio para pequenos navios, está próximo ao extremo Norte do recife, com 5,6 a 7 metros d'água. Na ponta da Traição, também chamada da Trincheira, está um farol, que é o da barra, por onde se devem guiar os navegantes em demanda da baía da Traição. É uma torre de ferro pintada de branco e situada em Lat = 6° — 40' — 42" Sul e Long = 34° — 55' — 12" W.Gw.

Exibe luz branca de relâmpagos a 11 milhas e está acima do nível do mar 11m,5 metros.

*Lagoa Acentibiro* — Tem 4,7 milhas de extensão e uma de largura, com 1 a 4 metros d'água. Está separada da baía da Traição por um istmo estreito ao Norte da povoação. Um passo apertado entre a ponta Coqueirinho e os ilhotes ao Sul dela, 3 milhas mais abaixo da Traição, conduz à lagoa. A povoação e a igreja de São Miguel ficam na sua parte Oeste.

*Rio Mamanguape* — É navegável para pequenas embarcações que levam os produtos do Norte da Paraíba a Pernambuco. A ponta sul da boca do rio é baixa, arenosa, e se estende para o NE.; há uma povoação e alguns coqueiros na sua parte Norte. A ponta Coqueirinho, com a povoação do mesmo nome, estão a 1,7 milha para o Norte, de onde a costa chama ao Oeste uma milha para a entrada de um canal muito extenso que conduz à laguna Acentibiro. Entre a ponta Sul de Coqueirinho e a de Mamanguape há vários ilhotes e escolhos que formam um canal com a costa Sul do rio, cuja entrada se verifica por uma quebrada do recife a umas 2,7 milhas ao Norte da ponta Mamanguape. O canal por dentro do arrecife tem 3 a 14 metros d'água; entre os escolhos e a costa Sul, a profundidade é de 2 metros, mas um pouco mais distante da costa há lugares com 4,8 metros d'água.

*Ponta Lucena* — Está a 3 milhas ao norte da boca do rio Paraíba, a cerca de 15 milhas aos 16° SE. da baía da Traição. Avança para o mar e tem uma povoação que se estende uma milha na sua parte Norte encoberta por coqueiros, e na sua frente

o pouco fundo vai até 3 milhas para fora. Pelo Norte da ponta está outra povoação chamada de Campina e em frente ao pontal Sul das barreiras do Miriripe há um fundeadouro. A ponta tem um grande banco chamado — Baixos-de-Lucena —, que vela a 3 milhas ao N. 10° E. da ponta e proximamente à mesma distância da costa. Estende-se ao Sul umas 4 milhas, passando a 1,5 milha a Leste da ponta; está coberto em mar calmo, rompendo quando há ressaca. Por dentro do banco que rodeia a ponta há vários escolhos, com passos entre si de 2 metros d'água, e o mesmo fundo no canal que formam com o banco. A cêrca de 2 milhas do banco há fundos de 7 metros. Sete milhas a Leste da ponta, a profundidade já é de 27 metros; a 25 milhas para fora sondam-se em 53 metros d'água.

*Rio Paraíba* — Nasce nas montanhas de Borborema, nos confins de Pernambuco e da Paraíba. Corre umas 300 milhas em direção NE. e E. através dêste último Estado e desagua no mar por duas bôcas; durante o verão seu leito fica sêco a 60 milhas da costa.

Os dois canais correm entre as suas margens e a ilha da Restinga: o do Forte Velho à margem esquerda e o canal de Cabedelo à margem direita. Vindo do Cabo Branco, a costa parece dividida em duas partes distintas: a do Norte baixa e arenosa com vegetação nas suas elevações, a do Sul coberta de vegetação luxuriante e de belo aspecto. O rio corre entre essas duas partes na direção S. SW. A bôca do rio está indicada por extensas arrebentações, originadas pelos arrecifes que a rodeiam e pelos baixios que se estendem ao Norte da ponta Lucena. A sua barra está balizada a uma milha da costa, podendo-se encontrar 5,1 metros de fundo em baixa-mar.

A' margem direita do rio se acha a povoação de Cabedelo e mais a 10 milhas rio acima a de João-Pessoa, que é a Capital. Ainda na mesma margem, vêem-se as povoações de Jacaré, Martins, Mandacarú, Tambiágrande e Tambiázinho e na margem esquerda Restinga, Engenhoca e Galego. Vindo da barra, vêem-se, ao subir o rio, as ilhas da Restinga, a Ilhota e a ilha Stuart e os rios Mandacarú e Tambiágrande, na margem direita, e os rios Tirirí, Mata-o-Cação e Jaurú na margem esquerda. Nas terras altas do Oeste, avista-se o convento de Nossa Senhora da Guia, que é um edifício escuro que está construído na fralda de um morro e que pouco se avista de longe. A ponta do Mato ou Baía, que é a extremidade Sul da bôca do rio, é baixa, com vegetação e constitue o extremo da parte exterior, ficando justamente na parte interior a fortaleza de Cabedelo, que se a vê do mar, marcando-a no terceiro quadrante.

*Marés* — O estabelecimento do pôrto, na barra de Cabedelo, é de 5h; a amplitude média de 2 metros; máxima de 2m.5. Em João-Pessoa a amplitude é de 3m.5 e o estabelecimento do pôrto de 5h. 02m. 57s.

*Cabo Branco* — Da ponta do Mato, a costa segue baixa e arborizada, 12 milhas ao Sul até Cabo Branco, que é uma ponta cortada a pique de areia branca, visível do Norte ou do Sul; porém, do mar aparece projetada sôbre a costa. Há alguns coqueiros no seu cimo e um pouco mais ao Sul está a capela de Nossa Senhora da Penha. E' visível a 14 milhas, sendo um ponto obrigatório de aterragem para os portos da costa Norte do Brasil.

Tem uns trinta metros de altura. E' facilmente reconhecido por ser de terra escura, muito igual e com uma pequena barreira branca cortada a pique. O recife, mais ou menos descoberto e cortado, rodeia a costa à distância de meia milha da ponta do Mato até mais de uma milha do Cabo, com vários escolhos por dentro, que formam entre si pequenos canais com 2,8 a 5 metros d'água. A 3 milhas para fora do cabo há 14,8 metros de fundo de areia, lama e coral.

*Tambaú* — Duas milhas ao Norte do Cabo Branco está a povoação de Tambaú, com um caminho que conduz a João-Pessoa, distante 5 milhas. Em frente à povoação há um ancoradouro conveniente para os navios que desejam comunicar com João-Pessoa sem subir o rio. Tambaú pode ser vista de longe, assim como os campanários de João-Pessoa, que aparecem sôbre a colina por trás da povoação. Quando demoram a Oeste, pode-se entrar e dar fundo. O lugar referido tem 9 metros d'água, demorando o Cabo Branco ao S. 18° W., e o centro do grupo dos coqueiros ao S. 77° W., a uma milha do recife. Não há perigo algum e desde 8 milhas a sonda decresce de 19 a 9 metros d'água.

A costa do Cabo Branco até Tambaú corre proximamente ao Sul, na distância de 18 milhas até Coqueiros ou ponta da Guia, que se conhece pela sua saliência, enquanto a de Pitimbú, ao Norte dela, é talhada a pique.

A ponta de Pedras está 10 milhas mais distante e 3,5 milhas ao Sul está a barra de Catuama, no extremo Norte da Ilha de Itamaracá.

Na ponta de Pedras há um poste automático A. G. A. montado sobre armação de ferro pintada de branco com 64 metros de altura. Seu alcance é de 18 milhas. As suas coordenadas aproximadas são: Lat = 7° Sul e Long = 34° 48' W.Gw.

A costa apresenta praias de areia de trecho em trecho, interrompidas por barrancos avermelhados de 6 a 18 metros de altura e pelas bôcas de rios sem importância e pequenos. O recife continua rodeando-a, mas quebrado em muitos sítios e em alguns desaparece. No paralelo do rio Abiaí, na latitude 7° 21' Sul, reaparece o recife, que vela às vezes e outras volta a ser mais regular, e, ao Norte, há um pequeno fundeadouro contra ventos do Sul. Desta parte do recife, até ao Sul da barra de Catuama, a costa está rodeada de bancos até uma ou duas milhas de distância, com 4 a 5 metros d'água, e a 3 milhas a Leste da ponta de Pedras somente com 3 metros, e de 7 a 9 metros entre êles e o arrecife. Pela sua parte interior há numerosos bancos que fazem impraticável a navegação, a não ser para pequenos navios, cujos comandos conheçam a localidade. Ao Norte da Ponta de Pedras está o monte Almescar, isolado; mais ao Sul o de Itapessoca, com grande quantidade de coqueiros no seu extremo Norte, e, ao Sul déle, se encontra o monte Campiro, que, também, tem coqueiros, com um isolado bem no centro: entre os dois montes há um profundo vale.

*Pôrto dos Franceses ou Pitimbú* — Entre Pitimbú e Coqueiros ou ponta da Guia, está situada uma povoação numa praia de coqueiros. Entre a praia e os arrecifes podem fundear poucas e pequenas embarcações, porque o espaço entre as pontas está cheio de bancos de areia e a tensa não é boa. De uma profundidade de 5 metros que se encontra na entrada, desce-se a 2 metros de areia grossa, próximo à praia. Por fora dêsse fundo, êste é de lama mole e próximo ao arrecife há 5 metros de areia grossa e de pedras. Se o vento soprar fresco do SE., nenhum abrigo se encontrará neste ancoradouro, cuja entrada é facultada por um canaleta de 40 metros de largura, porque o mar fica alteroso. A curta distância do Picão do Norte da entrada observam-se dois cabeços que velam na baixa-mar das marés vivas. Durante o verão o porto de Pitimbú presta bom abrigo; não assim no inverno, porque o arrecife do passo se descobre poucas vezes. Encontra-se na baía a pequena aldeia do mesmo nome com a sua igreja. Pela parte exterior do recife que rodeia a costa à distância de mais de 1 milha, há o banco de rocha chamado Tacís, que se estende ao Sul, desde o paralelo da barra até o arrecife, umas 3 milhas, com 4 metros d'água. Entre êle e o recife encontram-se de 7 a 9 metros e por fora 11 a 13 metros. O recife Norte da entrada, também, está rodeado por um banco. O recife dos Tacís se estende até a baía do rio Goiana, a umas 3 1/2 milhas da costa.

*Rio Goiana* — A bôca deste rio tem 0,15 milha de largura e 4 a 5 metros d'água, fundo de lama. Está situado entre Coqueiros e a Ponta de Pedras, porém, mais próximo desta. E' sinuoso e corre com rapidez; é navegável umas 10 milhas, desde a sua foz até um lugarejo chamado Japomim. Mas, dêste lugar até a vila de Goiana, que fica meia milha rio acima, só podem navegar embarcações pequenas, como barcaças ou faluas. Dista a povoação de Goiana do mar 12 milhas, correndo o rio 9 milhas em linha reta. Recebe o rio Tracunhaem pelo SW. e o Jacaré ou Capiberibemirim pelo NW. A entrada verifica-se por um espaço do recife de 30 metros de largura e fundo de 3',8 metros na baixa-mar das marés vivas. O Picão do Norte vela a um quarto de maré, mostrando alguns cabeços, descoberto o de Sul com 0,9 metro d'água na baixa-mar de Sizigia. O canal que conduz ao fundeadouro tem de 5 a 7 metros d'água, areia e cascalho.

*Ponta de Pedras* — E' o extremo mais oriental da costa do Brasil, notável por uma povoação na parte Sul. Pouco mais de 3 milhas ao SW. está a ponta do Funil, próxima da qual se encontra o fundeadouro da barra de Catuama. Entre as duas pontas vê-se as povoações das pontas de Pedras e Catuama. A ponta de Pedras é dominada por terras elevadas de uns 80 metros que ficam a 1 milha no interior e que podem ser avistadas de 16 a 20 milhas. O recife fica à distância de 1,5 milha. O rebordo exterior dos bancos que a rodeiam na distância de 4 milhas da costa, termina ao S. 70° E. da ponta Funil. O banco existente a 3 milhas da Ponta de Pedras tem, somente, 3 metros d'água, com 11 a 13 metros na sua parte exterior; entre êle e o recife há 7 a 8 metros de profundidade.

*Barra do Gerimum* — Duas milhas ao S. SE. da ponta de Pedras está a pequena barra de Gerimum, formada por uma quebrada do recife ao Norte da de Catuama, com mais de 0,1 milha de largura e 5,8 a 7,2 metros de fundo, areia grossa. O Picão Norte é maior que o do Sul e tem 3 metros d'água com maré baixa. No último há 2,1 metros de fundo e se estende com uma cadeia de rochas em direção N. 88° W. Por dentro dêles há bom fundeadouro com 4 a 5 metros d'água, areia grossa; mas, é pequeno e não se deve atracar à costa por causa dos escolhos. O estreito canal que formam os bancos, conduz a um fundeadouro interior denominado Poço. O espaço entre o recife e a costa, desde a Ponta de Pedras à do Funil, está obstruído por bancos que formam um canal estreito com o recife, com 2,9 a 5 metros d'água, o qual leva à barra de Catuama. O banco ex-

terior do recife deixa um espaço limpo ao Sul dêle, encontrando-se em suas proximidades de 10 a 12 metros de fundo.

*Barra de Catuama* — Encontra-se na parte setentrional da ilha de Itamaracá; é maior e melhor do que as que se acham mais ao Norte; conduz aos rios de Itapessoca e Tejucupapo, na costa; ao de Jaguaribe, na ilha e o canal ou braço de mar que a separa do continente. Tem uma milha de largura com 6 a 9 metros d'água. O canal entre os bancos, da barra ao fundeadouro, é ainda mais estreito, com 3,6 a 6,5 metros de fundo arenoso. O fundeadouro de Catuama tem um espaço de 1,5 milha de longitude e 0,3 de largura na direção N. S. Está formado pelas pontas do Funil e Atapuz na costa, e a de Jaguaribe na ilha, com fundos de 6 a 8 metros areia grossa; mas, junto às pontas do Funil e Seleiro, o fundo é de lama e cascalho. O recife passa numa distância de umas 3 milhas, e até próximo do Picão do Norte corre em coroas sôltas com 2,1 metros d'água em maré baixa; a parte Sul também tem pedras que velam. Por dentro do Picão do Norte há uma rocha chamada Gostoso, com 3 metros d'água e demora ao Sul 76° E. da ponta do Funil e ao N. 37° E. da do Pilar. A barra é larga, porém o canal que leva ao ancoradouro é estreito e perigoso, em virtude das várias coroas que por êle correm, altas e grandes, o que torna perigoso o bordejar das embarcações a vela e por mudar o canal de direção conforme o vento que sopra e a estação reinante.

*Rio Abegaó* — A bôca dêste pequeno rio, que conduz ao lago Tejucupapo, fica a 1,2 milha ao Sul da Goiana. Tem cêrca de 128 metros de largura, a qual se conserva por espaço de 0,7 milha. O fundo é de 8 metros na sua bôca e de 5 a 6,5 metros até 4'5 milhas acima e daí vai diminuindo até 0,9 metro.

*Rio Itapessoca* — Êste pequeno rio desagua entre as pontas Funil e Seleiro, ao Norte do fundeadouro de Catuama. A sua bôca está estreitada por algumas rochas, porém, além delas se alarga até 238 metros. Tem de 6'5 a 7'5 metros de fundo, areia e lama, na baixa-mar, e é navegável por embarcações de certo porte.

*Rio Tejucupapo* — Chama-se também Mararanduba e a sua bôca tem 300 metros de largura, a qual conserva até a uma distância de 6 milhas com fundo de 5'1 metros, sendo a princípio de areia e depois de lama. A entrada é formada pelas pontas Seleiro e Atapuz, ao Oeste do fundeadouro de Catuama;

conduz à povoação do mesmo nome, 9 milhas acima, e ao pôrto da Ilhota.

*Ilha Itamaracá* — Tem de comprimento 8 a 9 milhas de extensão na direção N. S. E' guarnecida quasi tôda por cocorais, dentre os quais se destacam casas brancas e palhoças de pescadores. A sua maior largura, que se verifica na parte Sul, tem 4 milhas. Ela é separada do continente por um canal de fundo muito variável que comunica a baía de Catuama com a barra de Itamaracá, e que conduz ao fundeadouro de Catuama. Seu extremo Norte é a ponta de Jaguaribe, que também forma a margem sul da baía de Catuama.

Duas milhas ao Sul da bôca do Jaguaribe, está a povoação do Pilar. Três milhas mais ao sul a povoação de Bom-Jesús e mais a de São-Paulo, Rio-do-Ambar e Santa-Cruz. No seu extremo SE. há a velha fortaleza de Santa Cruz, que outrora chamava-se forte de Orange. A ponta Sul da ilha termina com uma língua de areia que se estende meia milha na direção E. NE., e se une a um grande banco chamado Macaco, o qual se encontra em frente a êste extremo da ilha; tem uma entrada formada pelas abas naturais do arrecife, a qual conduz a um canal que separa a ilha do continente. O arrecife se acha em frente a ela a 2'5 milhas de distância, e por fora dêle aparecem os Tacís (baixo de pedra). O arrecife vela na baixa-mar desde a barra de Catuama até mais ao Sul da povoação do Pilar, onde chega a se cobrir, continuando assim até ao Sul da barra da Ilha. O baixo de pedra Tacís, com 3,8 a 5 metros de fundo, continua a rodear o arrecife à distância de 4 milhas de terra e termina na parte Norte da barra da ilha e ao N. 68° E. da fortaleza à distância de 3,2 milhas. O espaço entre o arrecife e a ilha está obstruído por banco de areia, com passos entre si de 0'9 a 1'8 metro d'água; mas próximo ao arrecife há de 2'1 a 3 metros de fundo. Um canal de 105 metros de largura, chamado Poço, corre em direção E. W. com a povoação de Bom-Jesús e tem 2 a 3 metros de fundo, areia fina. A ilha de Itamaracá produz algodão, açúcar, aguardente e as mangas muito notáveis pelo seu sabor. Nela se encontram algumas salinas, sendo as mais importantes as do rio Jaguaribe, que ficam a 1 milha da foz dêste rio estreito e que corre a umas 3 milhas e meia para o Sul com fundos variáveis até 6 metros e vários sumidouros.

*Canal da Ilha* — Separa a ilha do continente e é navegável por embarcações de cabotagem. Na parte Norte, estreita-se em virtude de duas ilhotas de lama, que deixam canais de cêrca de 300 metros para ambas as margens. E' mais profundo do lado

da ilha, onde se tem 5 a 10 metros d'água. Ao Sul das ilhotas, desemboca o rio do Araripe, com 350 metros de largura na bôca. Êste rio tem mais de 6 milhas de curso, sendo navegável por 3 milhas, com 5 a 6 metros d'água. Ao Sul do rio do Araripe, vê-se o riacho do Congo ou Tomba-las-águas, com 550 metros de bôca e navegável por 1 1/2 milha. Para o Sul do Congo, a pouco mais de uma milha, a profundidade no canal diminue até 2 metros, encontrando-se as marés das barras de Catuama e Sul, que explica o acúmulo de areia e a diminuição do fundo. A 3 1/2 milhas ao Sul do Congo fica a igreja de São Gonçalo e a povoação de Itapissuma, no continente, a qual exporta grande quantidade de açúcar que desce do interior e é levada à Capital do Estado pela pequena cabotagem. Vital de Oliveira assinala os alicerces visíveis ainda de uma ponte que os holandeses quiseram construir para uní-la à ilha. O canal, tendo 3,5 a 6 metros de fundo, continua para o sul por 1 1/2 milha até um ponto chamado Marcos, onde faz cotovelo, vindo a E. para a barra do Sul. A foz do Iguarassú é estreita e fica em opposição à antiga Vila da Ilha. O rio é navegável por pequenas embarcações até 2 milhas com 2 a 3,5 metros de profundidade; d'aí em diante é obstruído por baixios. A 4 1/2 milhas do mar, no banco oriental do rio, está a vila de Iguarassú ou Ramalho, ligada por estrada de ferro a Pilar e Goiana, no continente.

*Barra da Ilha ou barra sul de Itamaracá* — Encontra-se um pouco ao Norte do paralelo do forte, no extremo Sul de Itamaracá, e fica a 18 milhas de Pernambuco. A entrada tem mais de meia milha de largura, com 13 metros de fundo pela parte de fora e 8 metros entre os dois picões, com fundo de areia grossa. Na parte Sul da entrada o arrecife vela e um pouco ao Norte, no Picão do Sul, há 2,1 metros d'água na baixa-mar e no do Norte se encontra 3 metros d'água. Por dentro do Picão do Sul há um escolho de cascalho grosso e pedras, que obriga a que as embarcações se aproximem da parte Norte da entrada. Dentro do arrecife, ao Norte, há uma cadeia de rochas correndo N — S —, que vela e forma um passo com 2 metros d'água, o qual leva ao canal do Poço, onde há fundeadouro para navios de cabotagem.

O canal interior da barra é formado por bancos de areia e termina no fundeadouro do pôrto da Ilha, com 5 a 5,5 metros de fundo de areia, mas é estreito, não dando espaço para manobrar com os navios de vela de grande porte. A maior profundidade está na ponta Sul. A navegação é fácil e o mar rompe nos bancos na preamar, os quais num quarto do refluxo velam e mostram os limites do canal. Depois de montar o forte se en-

contra bom fundeadouro. A 1,7 milha para dentro há uma povoação e em frente à costa está a bôca do rio Iguarassú. Quasi à mesma distância, mais acima se acha o extremo SW. da Ilha, onde o canal toma a direção N. e E., e a 2 milhas do continente vê-se a igreja de São-Gonçalo e a povoação de Itapissuma. As sondas, desde o través do forte até a povoação, são de 6 a 7 metros, e, na ponta SW. da ilha, o fundo baixa a 4,8 metros; mas próximo ao continente elas alcançam 6 metros em fundos de areia e lama. Com as marés vivas as águas sobem a 2,7 metros.

*Rio Jaguaribe* — Este pequeno rio desemboca na ponta Norte de Itamaracá. E' importante pelo seu grande comércio de sal, que se recolhe nas grandes salinas de ambos os lados da Ilha e que principiam a uma milha da bôca do rio. Este é estreito, corre para o Sul umas 3,5 milhas e tem de 2 a 6,2 metros de fundo com alguns poços. Entra-se nêle pela barra de Catuama, porém, pela parte Norte da sua bôca há bancos de areia que limitam a parte Sul do canal ao fundeadouro de Catuama.

*Rio Araripe* — E' o primeiro que se encontra vindo-se do Norte e desagua no canal ou braço de mar que separa Itamaracá do continente. Tem mais de 6 milhas de extensão e é navegável por espaço de 3 milhas. Sua largura, na bôca, é de 0,12 milha com 6,5 a 5,1 metros d'água, diminuindo os fundos gradualmente.

*Rio Congo* — Está ao Sul do Araripe. Pode-se-o atingir vindo do Norte pela barra de Catuama e do Sul pela da Ilha. E' navegável para pequenas embarcações até 1,5 milha do seu curso. Sua bôca tem 0,1 milha de largo com 3,9 metros de fundo na baixa-mar, mas com maré alta é muito mais profundo.

*Rio Iguarassú* — A bôca dêste rio é estreita e fica quasi oposta à antiga povoação da Ilha de Itamaracá. E' navegável para pequenos navios até 2 milhas do seu curso, com 2 a 3,9 metros de água. Mais acima está cheio de escolhos. A 4,5 milhas do mar encontra-se a povoação do mesmo nome.

*Rio Farinha Jaguaribe* — Está a 1,5 milha ao Sul da ponta SE. de Itamaracá. Corre 3 milhas ao S. e SW., com 2'9 a 7'2 metros de fundo; depois se divide em dois braços: o Jaguaribe continua para o Sul, enquanto o outro, ou seja o Inhaman, corre ao Oeste. O Maria-Farinha tem 176 metros de largura na

sua bôca e por êle se faz um comércio considerável de gesso. A barra está obstruída por bancos, que deixam um canal com 1 metro de água. A 1',5 milha ao S. 2° W., da barra da Ilha está a de Maria-Farinha, formada por pequena obra no arrecife com 3 metros d'água. A mor parte do arrecife vela, mas, ao marcar a bôca do rio ao S. 72' W., êle se cobre totalmente. A estreiteza do canal que corre ao S. 84° W., desde a obra do arrecife, com 2,7 a 1 metro d'água até à entrada do rio Farinha, é formada por bancos de areia de ambos os lados. Há também um passo estreito entre o recife e uma restinga de rocha por dentro dêle, que segue em direção paralela, com 3 metros de fundo de cascalho grosso, o qual conduz ao canal da barra da Ilha. A ponta meridional da entrada do rio é arenosa, um pouco elevada, coberta de coqueiros e bem destacada da costa oposta, que é alta, e continua assim até à ponta Ramalho, ao Sul de Itamaracá. Pouco mais de 2 milhas ao Sul da barra de Maria-Farinha, está a de São-José. O espaço por dentro do recife está cheio de bancos, alguns dos quais velam. A barra de São-José conhece-se por tres igrejas: a de Conceição, próximo à costa; São José, em terra, mais alta, e o convento de São Bento, na colina do mesmo nome, mais para o interior. O recife vela e desde a barra da Ilha até a de São-José, há, na frente, à distância de uma milha, um banco de pedra com 3 a 5 metros d'água; 7 metros pela parte de dentro e 11 a 13 metros a meia milha para fora.

*Barra de São-José* — E' formada pelas pontas Maria-Farinha e Leitão. A última se acha proximamente uma milha ao S. SE. da igreja da Conceição. O recife, que passa à distância de 2'7 milhas, tem uma abra de 34 ou 35 metros de largura e 7 metros de profundidade entre os dois Picões, que diminue até 2 metros a 0'7 milha da costa. Como tem bastante fundo, o recife e os ventos de E. NE. ao SE. levantam muito mar, o fundeadouro é exposto. A barra fica ao N. 64° E. da igreja da Conceição e ao S. 46° E. do forte que está na ponta meridional de Itamaracá.

Do Picão Sul segue-se uma cadeia de rochas que em parte vela e se estende em direção SW. 1/4 W., até a costa, na distância de 1'7 milha. Passando a 4 milhas da barra de São-José, os fortes do Pau-Amarelo e Itamaracá, vêm-se primeiro e depois as igrejas.

A costa de Itamaracá até o Sul está formada de colinas baixas com árvores, coqueiros e várias povoações. Da ponta do Pau-Amarelo, ao Sul de Olinda, a terra se eleva. A costa apresenta uma praia de areia e da ponta setentrional de Itamaracá

para o Sul, pode dizer-se, não há espaço livre de rompentes, arrebentações, às vezes mesmo interrompidas.

A 2 ou 3 milhas do recife há de 19 a 26 metros de fundo, areia e cascalho. A quatro e meia milhas ao Sul da fortaleza que se acha na ponta SE. de Itamaracá, fica a ponta do Leitão, com uma igreja a meia milha mais ao Sul e 3 milhas mais afastada da ponta vê-se a de Jango, distante da ponta do Pau-Amarelo uma milha ao Norte. A milha e meia ao Sul da ponta Jango fica a do Quadro, formando pequena baía, que tem no seu centro a capela da Conceição do Meio.

A 1',7 milha da ponta do Quadro está a bôca do rio Doce, com outra capela ao Sul, e 3',2 milhas mais longe encontra-se a ponta Olinda e o rio Tapado, que está uma milha ao Norte.

O recife, que vela mais para o Sul da ponta Quadro, começa a ocultar-se depois: é cortado e corre para o Sul com 2',1 a 6 metros d'água.

O banco continua rodeando-o a 2 milhas da costa, estendendo-se ao SE. de Olinda, na distância de 2',5 milhas com 5',5 a 10 metros de fundo.

Entre a costa e o recife há de 2',4 a 7 metros de fundo, areia grossa. Mas, como o recife tem bastante água, grandes arrebentações sôbre êle se alevantam. Há dois ou três manchões de rocha, proximamente em meio da distância da costa ao recife, que se estendem desde um pouco ao Norte da bôca do rio Doce até ao Sul meia milha, com 1',8 a 2',7 metros d'água. O forte do Pau-Amarelo reconhece-se por uma abra da costa que parece a entrada de um grande pôrto. Pequenos navios de 1',8 a 2',1 metros de calado podem entrar na preamar e dirigir-se por dentro do recife e dos bancos de Olinda a Recife.

*Rio Doce* — A bôca dêste rio, que está cheia de bancos de areia a mais de 3 milhas ao Norte de Olinda, tem 15 metros de largo e é navegável por costeiros; o rio Tapado está 2 milhas ao Sul e leva água durante as grandes chuvas de inverno.

*Barra do Pau-Amarelo* — Demora ao S. NE. do forte do mesmo nome a 2',5 milhas da costa. E' muito estreita e não tão profunda como a de São-José, mas o recife tem aquí menos água e o fundeadouro pela parte de dentro é mais abrigado. Entre os dois Picões há 8 metros d'água, fundo de areia, e por terra muitos escolhos e grande quantidade de bancos. Pela parte de dentro do Picão do Sul, há um fundeadouro com 3',8 a 5',8 metros d'água, areia grossa e cascalho, entre um banco de rocha com 3 metros d'água, chamado Rapa, e o recife. O forte de

Pau-Amarelo e o convento de São Bento, na colina NW., são bons pontos de marcação para a barra.

*Ponta de Olinda* — A povoação de Olinda ostenta-se um pouco ao Sul do cimo mais elevado das cercanias de Pernambuco e é notável pelas suas casas brancas e igrejas rodeadas de árvores. Outr'ora era a capital da província de Pernambuco e hoje pode ser considerada como um aprazível subúrbio de Recife. Quem vem do Norte é o extremo da terra alta; é de fácil reconhecimento esta ponta, porque dela para o Sul a terra é muito baixa. Do mar, a ponta de Olinda parece ser uma só ponta, mas efetivamente são duas pontas entre as quais corre a praia de São-Francisco com cêrca de 1 milha de extensão. Outr'ora havia nestas pontas as fortificações de São-Francisco e de Montenegro; nesta última se acha atualmente o farol de Olinda.

Vindo do largo, facilmente, reconhece-se a cidade de Olinda: correndo-se sôbre a costa no seu pararelo, com a terra da cidade ainda alagada, avista-se a igreja de Nossa Senhora do Monte, que lhe fica um pouco ao Norte. Avizinhandose mais da terra, vê-se um monte redondo de altura regular, que é justamente terra de Olinda, e dêle para o Norte, sete outeiros menores divididos por quebradas cônicas. O que fica mais ao Norte se une por um declive doce com a terra de elevação igual que lhe fica para o Norte.

*Baixios de Olinda ou Tabajacús* — Bordam em arco a ponta de Olinda, estendendo-se ao mar cêrca de 2,5 milhas. São constituídos por duas cadeias de rochas alagadas. Entre as pedras dispersas que limitam pelo lado oriental os baixios de Olinda, acham-se os Calhaus ou dois cabeços perigosos à navegação: um que fica proximamente a cêrca de 5,30 metros ao SE. da barreta do rio Tapado e outro pouco mais ao Oeste dêste. E' defendido por uma bóia de luz encarnada, de relâmpagos, é pintada de encarnado e visível a 5 milhas.

Como dissemos, no forte Montenegro está localizado o farol, que é uma tôrre de ferro forjado, pintada de branco. Lampejos brancos. Alcance 13 milhas. Posição: Lat = 8° — 01'. Long = 34° — 50' W. Gw.

*Recife* — E' a capital e o pôrto mais importante do Estado de Pernambuco. Está situada na foz do rio Capiberibe, edificada em uma planície e dividida em 4 partes, assentadas na península, em uma ilha e no continente. As quatro partes são: Recife, Santo-Antônio, São-José e Boa-Vista. Recife, parte comercial, está construída no extremo Sul da península formada

pelo rio Beberibe, ficando-lhe em posição oposta, no continente, Boa-Vista. Entre ambas, em uma ilha, estão Santo-Antônio e São-José. Recife, que em 1872 só tinha 20.000 habitantes, hoje tem 250.000. É escala de muitos navios de várias companhias de navegação estrangeira e ligada por estrada de ferro a João-Pessoa, Natal e Maceió. O Recife ou restinga que em frente ao Recife forma o pôrto, corre em linha reta ao longo da costa desde o Sul, começando na ponta da Boa-Viagem e terminando pelo través do forte do Brum, na península que domina a entrada do pôrto. Quasi no extremo do Recife há um pequeno forte octogonal, chamado Picão, e pouco mais ao Norte está o farol do mesmo nome, que, com o forte Brum, determinam a entrada do pôrto, que tem dois passos. A barra pequena, ou seja a mais próxima do farol, dá entrada apenas a navios que calem no máximo 5 metros. A barra grande tem 6 a 7 metros nas marés vivas; mas entre os quebra-mares alcança-se de 7 a 9 metros de profundidade.

*Banco Inglês* — Tem cerca de 4 metros d'água em baixamar e rompe com os ventos do SE. Corre do N. 1/4 ao S. 1/4 SW. Tem uma milha de comprimento e 0,25 de largo, com uma bóia em cada extremo. Na sua ponta Norte, bóia preta de luz branca; na ponta Sul, bóia encarnada de luz encarnada.

*Ponta do Pina* — Está a 2,5 milhas ao Sul do farol de Recife. É a extremidade de uma língua de terra que se projeta ao Norte por dentro do Recife, com alguns bancos que velam. O Recife, descoberto e cortado em trechos, forma pequenas barras, começando em Boa-Viagem, e a 3,7 milhas ao Sul da ponta corre ao Norte do farol em direção paralela à costa, na distância de 0,2 milha, com 1 a 1,8 metro d'água pela parte de dentro. Um pouco mais de 4 milhas ao Sul de Boa-Viagem está a ponta das Candeias, formando a costa, entre elas, uma abra. A 0,7 milha ao Norte da última acha-se a da Venda-Grande e na mesma distância mais ao Norte, aparece outra pequena, chamada Focinho-do-Boi. Da ponta das Candeias, a costa corre para o Sul duas milhas até a barra das Jangadas e daqui se ensontra uma porção de pontas salientes até 6,5 milhas para além do Cabo de Santo-Agostinho. Cinco milhas ao Sul do farol de Recife, há algumas colinas, em uma das quais, a 1,5 milha terra a dentro, está a igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, com duas tôrres. Para o Sul da igreja referida há uma povoação e uma capela, chamada da Boa-Viagem, que é visível da ponta, como sucede com o convento da Piedade, com a povoação de Venda-Grande e a de Nossa-Senhora-das-Candeias com a sua igreja. A

3',5 milhas ao Norte do Cabo de Santo-Agostinho encontra-se a cidade e a igreja de São-Gonçalo-de-Paiva. A 1,7 milha ac Sul da ponta da Venda-Grande e proximamente pelo través do convento da Piedade, que está imediato à costa, isolado e distante 0',7 milha ao Norte do Focinho-do-Boi, está a ponta Norte de uma estreita cadeia de rochas, com 0',7 metro d'água; estende-se ao Sul mais de uma milha e cêrca de meia milha da costa. Da ponta da Venda-Grande, o recife corre para o Sul em frente da povoação das Candeias e vem terminar um pouco ao Sul da ponta de Simão-Pinto, ou seja no extremo Norte da barra das Jangadas. O banco de pedra que se estende ao Sul do través da povoação de Afogados conclue proximamente a uma milha ao Sul da barra das Jangadas.

*Barra das Candeias* — A 9'5 milhas ao Sul do farol de Recife encontra-se esta barra, formada por uma abra no recife, em frente da povoação do mesmo nome e que termina cêrca da ponta de Simão-Pinto. Tem 112 metros de largura e demora ao N. 39° E. da igreja, com 5',1 metros de água, fundo de lama, no meio da barra. Dois manchões de pedra estendem-se do recife à costa e formam um fundeadouro trapezoidal, pôsto que pequeno e mau. No banco de pedra em frente desta parte da costa, a 1',7 milha de distância, há 7 metros d'água.

*Barra das Jangadas* — Encontra-se a mais de 0,7 milha ao S. da ponta Simão Pinto, e a 6 milhas ao N. do Cabo de Santo-Agostinho, comunica com os rios Pirapama e Jaboatão. Tem 38 metros de largura, com 0,9 a 1,8 de profundidade; mas se acha exposta a todos os ventos e sempre há mar grosso e as areias são movediças. No inverno, os navios costeiros de pouco calado podem cruzar a barra sòmente em circunstâncias favoráveis. Dentro há um espaço de mais de 0,3 milha, com 4 e 5,8 metros d'água entre os bancos de areia. No saco NW. da barra das Jangadas há três colinas; a do meio é redonda e se chama Canguito; a do S. chama-se Moguaípe e a do N. Sapé. O rio Jaboatão desemboca na barra das Jangadas; sua bôca tem 274 metros de largura, com 4 a 5 metros de água. Corre para o NW. e os bancos de areia o estreitam gradualmente. Do banco da direita, um grande e estreito alagado conduz ao Lago de Curcuranas, que se encontra a 3 milhas ao norte.

O rio Pirapama, também, desemboca no mar vindo do SW. Sua bôca tem 128 metros de largura, com mais de 3,6 metros d'água; suas águas correm com alguma fôrça e formam uma cascata a pouca distância da foz.

*Baía Gaibú* — Pouco mais de 2 milhas ao NW. do Cabo Santo-Agostinho está a ponta de Pedras-Pretas e o troço de costa chama-se baía Gaibú, que tem 3,8 a 5,8 metros de fundo de lama e areia. Sua parte N. está cercada de uma cadeia de rochas próxima à praia. A ponta das Pedras-Pretas está, também, rodeada de rochas, com dois bancos isolados que saem fora; o mais exterior tem 4,2 metros a 1 milha da ponta e demora do Cabo Santo-Agostinho ao N. 8° E.; o outro acha-se na mesma direção mais para dentro. Na baía e na parte baixa do Cabo encontra-se a pequena povoação de Gaibú, que se conhece pelos barrancos que existem por trás dela e a 1 milha do Cabo está a ponta de São-Francisco-Xavier-de-Gaibú e à sua frente o fundeadouro.

A baía dá abrigo a navios pequenos contra os ventos do SE.; mas o fundeadouro é reduzido e exposto aos ventos do Norte, com os quais se dificulta a comunicação com a terra. Ao NW. da ponta das Pedras-Pretas há uma colina, donde se acha a igreja de São Gonçalo de Paiva e a 5 milhas ao N. da ponta está a de Simão-Pinto, formando ambas a baía de Paiva. O Recife torna a aparecer a 1,2 milha ao N. das Pedras-Pretas e guarnece a costa a 0,1 milha de distância, até 1,2 milha para o N.

*Cabo Santo-Agostinho* — A 17,5 milhas ao S. do farol de Pernambuco há um escabroso promontório que avança até o mar, com elevação moderada, conhecido pelo nome de Cabo Santo-Agostinho.

E' notável por suas barrancas vermelhas e uma igreja e no seu cimo alguns coqueiros. Da sua base, saem algumas pontas com grandes rochas destacadas, acêrca das quais há de 9 a 11 metros d'água. Com tempo claro é visto o cabo a umas 24 milhas de distância, e, no seu extremo, corre um riacho de água doce e quente, chamado Riacho das Senhoras. Umas 3 milhas ao N. do cabo há algumas barrancas brancas que parecem, vistas de longe, com roupas estendidas.

A costa do Cabo para o N. é baixa e coberta de árvores proximamente até Pernambuco. Na sua parte S. está o forte Nazaré e pela de fora uma praia de areia, chamada da Salvação. De 2 a 4 milhas para fora, encontram-se de 20 a 29 metros d'água, fundo de areia e madreperolas sôltas.

A costa, até a ponta Serrambí, umas 14 milhas ao S. do Cabo, é baixa, igual e coberta de mato bravo. Pouco mais de 6 milhas ao S. do cabo está a ponta Cupe, um pouco saliente, com povoação e coqueiros a cada lado dela; a ponta está rodeada pelo Recife. A 3 milhas ao S. desta ponta encontra-se o pôrto de Galinhas e quasi à mesma distância e em igual direção dêste últi-

mo ponto, acha-se a ponta Maracaíbe e a 1,5 milha ao S. 7° W. dela, vê-se a de Serrambí. Entre essas duas pontas a costa é baixa e se a correndo aparece em intervalos pantanosa e alagadiça. Do mar, vêem-se em tôdas as direções, sítios salientes por sua plantação de coqueiros; a igreja de Nossa Senhora dos Outeiros sôbre uma colina entre as pontas Cupe e Maracaípe, e, aproximando-se às casas de Cupe e Pôrto-Galinhas, vê-se outra igreja próximo ao mar na bôca do Maracaípe. A costa está formada por praias de areia branca.

O recife, que começa junto à costa, forma a parte Sul do Cabo; vela e corre ao longo dela à distância de 0,2 a 0,1 milha até 1,2 milha ao S. da ponta Gamboa, no rio Ipojuca, que se une à costa. Volta a aparecer próximo da ponta Cupe; continua ao longo de Pôrto-Galinhas e das pontas Maracaípe e Serrambí, terminando a 7 milhas ao S. da última, a 1 milha ao N. da ilha de Santo Aleixo. Esta última parte está interrompida aquí e ali e na distância de 0,5 a 6,7 milhas da costa. De 2 milhas ao N. da ponta Cupe até ao S., não se deve chegar à costa sem precaução, nem passar dos 13 metros de fundo.

*Rio Suape* — Desemboca a 1,5 milha ao SW. do Cabo Santo-Agostinho; tem 0,32 milha de largura na sua bôca, com 3,5 a 5,1 metros d'água, fundo de areia fina. Duas milhas para cima tem 0,11 milha, com 0,9 a 1,5 metros de fundo, e repentinamente se estreita.

A barra de Suape, que leva também aos rios Tatuoca, Ipojuca e Merepe, está formada por uma abra no recife próximo ao cabo de Santo-Agostinho. E' estreita; o refluxo é muito forte e quando o vento é de fora levanta muito mar. E' difícil e perigoso passá-la, e sômente a frequentam navios pequenos, que aproveitam para entrar a maré alta e saem pouco antes da hora da preamar. Durante o inverno, com ventos de S. e de SE., os navios ficam detidos, às vezes, mais de um mês, esperando momento favorável para sair.

*Rio Tatuoca* — Desemboca no mar ao Sul do Suape e tem com êste entrada comum de meia milha de largura, rodeada por bancos de areia. O Tatuoca tem 118 metros de largura na sua bôca, mas se alarga até 396, com fundos de 3 a 4,3 metros. Três milhas acima divide-se em dois riachos, o Braga correndo para o Oeste e o Taveira para o NW.

*Rio Ipojuca* — Desemboca no mar através bancos de areia, que ficam em sêco em alguns lugares a 3 milhas ao Sul do Cabo de Santo-Agostinho. Tem de 1,5 a 2,1 metros d'água na sua

bôca, que aumenta até 5,1 e continua crescendo por mais de 3 milhas para cima. Conduz à povoação de Ipojuca, distante cêrca de 5,5 milhas da sua bôca.

*Rio Merepe* — Desagua no mar vindo do sul e junto à bôca do Ipojuca, a 0,17 milha para dentro da ponta Gamboa. Tem uma largura, ao desembocar, de 0,12 milha, mas aumenta até 0,7, estreitando-se daí por diante. Encontram-se nessa parte, o mesmo que em todo seu curso, baixios de coral e fundos de 2,1 a 3 metros ao longo do banco a leste. A 2,2 milhas mais acima da bôca está o pôrto de Jaipú, distante da povoação 0,7 milha, frequentando-o apenas navios pequenos.

*Pôrto das Galinhas* — A entrada está formada pelo Picão ou extremo do recife que rodeia esta parte da costa até ao Sul, terminando na ponta das Galinhas, que está ao N. da povoação, a S. 47° W., e por um banco de rocha isolado de 0,5 milha para o Norte, que demora da mesma ponta ao S. 36° W.

No meio da entrada há 6,8 metros de água e mais para dentro 5 e 4,8, fundo de lama; mas próximo à terra o fundo é de areia grossa. Uma cadeia de pedras estende-se do Picão do Sul até a ponta, que é escarpada e obstrue o pôrto. O fundeadouro é inseguro por estar aberto à barra. Os navios pequenos, cujo calado permite, poderão fundear em frente da povoação, passando sôbre as pedras na hora própria da maré alta. Os navios que demandam a barra das Galinhas, ao encontrar-se a 3 milhas da costa, manterão as duas colinas redondas e muito visíveis, que estão por trás da povoação, abertas ao Norte dos coqueiros dessa parte da ponta das Galinhas, e governarão sôbre a barra, marcando a ponta ao S. 41° W., a umas 0,7 milha ao N. dela. Com ventos do primeiro quadrante pode-se entrar dando volta pelo extremo N. do banco de pedra entre êle e Cupe, mas com ventos do S. deve-se entrar pelo primeiro passo.

*Rio Maracaípe* — Desemboca no mar, entre a ponta do mesmo nome e a de Serrambí.

Sua bôca tem cêrca de 45 metros de largura, mas aumenta depois até 3 milhas da sua foz, e, então, estreita-se com rapidez. Na bôca tem 3 metros d'água e no rio de 2,1 a 4,3 metros de fundo.

*Rio Serinhaem* — Vem do NW. e desagua ao S. da ponta Serrambí e ao W. da ilha de Santo-Aleixo. Sua bôca tem 0,1 milha de largura, mas está obstruída por bancos de areia que deixam um canal navegável para navios pequenos que carregam

lenha 6 milhas mais acima da povoação de Serinhaem, que está a essa distância para o interior. O Trapiche ou Gran-Bordique, que vem do W. e tem 3 milhas de comprimento, forma entrada comum com o Serinhaem; sondam-se de 1,8 a 2,7 metros d'água e é navegável até ao moinho do mesmo nome. O recife da ponta Serrambí, que está a 1,5 milha de Santo-Aleixo, rodeia a costa na distância de meia milha e tapa a bôca do rio. A parte N. é muito larga, e está rodeada por um banco com algumas pedras isoladas, em cujas imediações se sondam em 10 metros d'água. Pela parte de dentro do recife há muitos bancos de areia que velam e pedras destacadas. Esta parte da costa se reconhece pela ilha de Santo-Aleixo, situada fora da bôca do rio, e pelo monte Selada, a 16 milhas ao NW. da ilha. Próximo à bôca, na margem sul do rio Formoso, há uma colina, em cujo cimo vê-se a igreja de Nossa Senhora de Guadalupe e mais ao N., no interior, no cimo de outra colina, está a povoação de Serinhaem e o convento de São Francisco. Mais além, vêem-se as povoações de Barra-de-Serinhaem, Gamela e Barra-do-Rio-Formoso, a certa distância das embocaduras dos rios.

*Serra Selada* — Está acêrca de 13 milhas terra adentro e ao meio da distância que separa o cabo de Santo-Agostinho da ponta Maracaípe.

Estende-se de N. a S. com uma abra no centro, que a divide em dois pequenos montes redondos. Esta é a terra mais alta das cercanias e está no paralelo de 8° — 26' — Sul.

*Ilha de Santo-Aleixo* — Três e meia milhas ao SSW. da ponta Maracaípe acha-se a pequena ilha dêsse nome, que tem 0,2 milha de extensão por 21 metros de altura no seu extremo SW. Há duas casas, um poço de água doce e algumas aves e carneiros. Da parte NW. da ilha, corre um recife para o W. de 0,2 milha de extensão e a 2,5 milhas da ponta S. e unida ao recife, encontra-se a rocha Tortuga, que sempre vela. O recife continua proximamente 0,1 milha até o S. dela e à distância de 0,7 a Leste da ilha há 19 metros d'água, fundo argiloso, e a 0,2 milha 13 metros. Uma milha ao S. as sondas são irregulares, passando rapidamente de 22 a 7,3 metros d'água. A 0,7 milha de terra da ilha há um passo para botes, que cruza o recife, até à bôca do Serinhaem; mas o mar rompe pelo través. No fundeadouro encontra-se por terra da ilha, em 7'8 e 9 metros de fundo, areia e cascalho finos.

*Marés* — A preamar na ilha de Santo-Aleixo nas sizíguas verifica-se às 4 h. 20 m., subindo as águas de 3 a 3, 6 metros.

*Rio-Formoso* — Desemboca no mar a 5 milhas ao S. 30° W. da ilha de Santo-Aleixo, 4 milhas ao norte do forte de Tamandaré. Tem 0,25 milha de largura na sua foz, mas se estreita um pouco durante uma milha, voltando a se alargar.

Mais acima da povoação dificilmente há lugar para um bote sequer. Dentro a foz, na parte S., há um banco de areia que forma um passo com a margem N. e tem 2,4 metros d'água, aumentando mais acima até 5,2 metros. A povoação do mesmo nome estende-se na margem direita a 4,5 milhas da foz. O riacho Passo desagua no Formoso vindo do N. a 1,5 milha da sua foz, e o Ariguinha, que vem do S. a uma milha.

Notável edifício vê-se na ponta N. e há 2 barrancos brancos para o Sul.

*Barra do Gamela* — Esta e a bôca principal do Formoso estão a 1,5 milha ao N. da bôca do rio, que tem 4 metros d'água, fundo de lama. Está formada por uma abra no recife, que se estende ao longo imediatamente à costa, cobrindo a bôca do rio desde a ponta S. da entrada até o N. da povoação de Gamela. Por dentro dos dois Picãos diminue o fundo a 1,5 e 0,9 metro. O recife do N. da barra está coberto, mas depois de certo intervalo aparece sôbre a água, enquanto o do S. vela. Por fora da barra aumenta o fundo a 9 e 11 metros, fundo de lama e areia fina, onde as embarcações com mais de 1,5 metro de calado podem fundear. Na ponta do Gamela, sôbre uma colina em frente da povoação, há algumas pedras negras, que são visíveis de fora e que fazem contraste com a areia branca. Manguinhos, que é a ponta S. da entrada do rio Formoso, está um pouco mais de 3 milhas ao N. de Tamandaré. A costa é baixa e desprovida de arvoredos; a imediata, ao Sul, forma pequeno seio ou seja a enseada de Campos. O recife, que vela na enseada do Bobo ao N. de Tamandaré, fica coberto aqui e ali e fracionado debaixo da forma de grandes rochas isoladas, até demorar a bôca do Formoso ao N. 81° W., o qual então se levanta rapidamente e mostra três cabeços, chamados Criminosos, ao N. dos quais torna a cobrir-se, terminando ao demorar a povoação do Gamela ao S. 72° W., na distância de 2 milhas. Está rodeado de pedras com fundo, tal como o espaço entre o recife e a parte N. da baía de Tamandaré. Este trecho de costa acha-se apenas abrigado e completamente deserto. Como o recife vela com freqüência, rompe o mar com violência sôbre o cascalho grosso que forma a praia.

*Tamandaré* — Este pôrto, suficientemente grande para vários navios, está formado por uma baía que tem à sua entrada um recife; verifica-se a entrada por uma abra de 0,4 milha de largura, porém, que está estreitada por dois outros recifes cha-

mados Baixo-Grande e Baixinho. No Picão N. há 4,3 metros d'água, demorando o forte ao N. 36° W. e a ponta Ilhetas ao S. 62° W. No Picão do Sul, há 3 metros d'água, demorando o forte ao N. 45° W. e a mesma ponta ao S. 58° W.

No meio da entrada há 13 metros d'água, fundo de lama. O Baixo-Grande fica ao N. 50° W. e o Tamandaré ao N. 20° W., com 4,3 metros e 7 a 11 metros em seu derredor. O Baixinho tem somente 18 metros de extensão E — W., com 3 metros de fundo e demora ao N. 9° W. do forte e ao N. 43° W., da ponta Tamandaré.

O fundeadouro tem de 6,5 a 7,4 metros próximo à costa e está protegido pelo recife chamado Ilha-do-Barro; porém, um navio não deve ir muito ao N. em virtude da cadeia de rochas que se estende da Ilha-do-Barro até a ponta Tamandaré. Há, entretanto, na parte S. do pôrto, grande espaço com bom fundeadouro, abrigado pelo recife interior; porém, como o exterior é baixo e coberto na maré média, acha-se exposto a todos os ventos. Apesar do Baixo-Grande estar mais próximo do Picão do Norte do que do Sul, o passo tem 9,2 e 11 metros de água, fundo de areia e cascalho. Na baía, a menos de 1 milha ao N. da ponta Ilhetas, vê-se a entrada dos pequenos rios Brejo e Ilhetas; está, porém, completamente obstruída na baixa-mar por um grande banco. A povoação de Tamandaré está localizada na margem Sul da ponta do mesmo nome, e ao Sul dela existe velho forte de forma quadrada. O pôrto é susceptível de ser muito melhorado, e, pelas férteis planícies que o rodeiam poderá adquirir importância no futuro, oferecendo bom abrigo à navegação entre Pernambuco e Baía.

*Passo do Una* — Está formado por uma abra no recife com 1,5 milha de largura e leva a um fundeadouro ao Norte com 3'8 a 6'8 metros d'água. A ponta N. da parte S. do recife está ao N. 58° E. da ponta Gravatá e a S. da parte N. está ao N. 44° E. da mesma ponta, ficando a Pedra do Conde ao S. 56° E. Da ponta Gravatá, um recife interior de rochas soltas estende-se ao N. através da embocadura do Una, proximamente 2 milhas ou até que a Capela da Várzea demore ao N. 77° W. Está dividido em duas partes, deixando um passo em direção ao rio para pequenas embarcações. Há, também, fundeadouro de lama por dentro do troço N. do recife, chamado Caixão. A terra ao N. do Una é uniforme, mas tem uma quebrada próximo à povoação de Vau, que se vê quando se está ao seu través.

Ao mesmo tempo, divisa-se pequena barranca, que deve ser enfiada com a Pedra do Conde; depois navegar-se-á ao N. 54° W. sobre o fundeadouro, passando a prudente distância do Pi-

ção do N., que sempre vela. Vindo do Sul, a linha constante de rompentes será visível, servindo de guia a Pedra do Conde; mas não se deve confundir com ela as Pedras do Pôrto, que se encontram a 1,2 milha ao Norte.

*Rio Una* — Desemboca a 6 milhas ao S. do forte Tamarandaré. Tem 15 metros de largura na sua bôca com 2,1 metros d'água e está obstruída por um banco com 1,2 metro, sôbre o qual rompe o mar com brisas frescas. Dentro e para o S. há uma laguna, onde está situada a povoação de Abreu de Una, estendendo-se para o NW. leva às povoações de Várzea e Vau-Una, como também à de Barreiros, na qual se embarca grande quantidade de açúcar. A corrente do Una é muito rápida e poucas embarcações podem descer na preamar. No verão é menos forte que no inverno, e nesta época é perigosa.

*Rio da Cruz* — Desagua no mar meia milha ao S. da ponta Gravatá e ao S. do Una. Tem 45 metros de largura na sua bôca, com 1,2 a 1,8 metro d'água e leva a Campina-Grande, na distância de 39 milhas.

*Rio Persinunga* — Tem umas 12 milhas de curso e separa Pernambuco de Maceió. Sua bôca tem 18,2 metros de largura, com pouco mais de 3 de água, não sendo navegável.

*Barra-Grande* — Esta parte da costa conhece-se facilmente em virtude de barrancas brancas que estão ao NE. da igreja ou convento de S. Bento, que está ao lado de uma grande casa no cimo de uma colina que tem o mesmo nome e que se estende ao N. da igreja de Barra Grande, situada numa elevação próxima à costa. Reconhece-se, também, pela povoação de Gamela ao S. de Barra-Grande, existente entre as colinas.

O pôrto de Barra-Grande acha-se em uma baía de 2,2 milhas de circunferência, formada pela ponta de São-Bento ao S. e pela de Antunes ou Barra-Grande ao N., separada mais de 7 milhas.

Todavia, a parte conhecida como pôrto de Barra-Grande cobre sômente um espaço de 3 milhas de longitude e 1,7 de largura. A baía tem por fora um recife que corre ao longo da costa desde o N., passando a 1,5 milha da ponta Antunes, e daí ao S. corre ao S. 24° W., formando várias abras, continuando coalhada de grandes rochas destacadas, que se chamam Alagados-de-Japarutuba. A primeira e a mais importante dessas abras é a Barra-Grande, que fica a E. de Gamela. Pouco ao N. há outra

chamada Barreta-de-Canindé e para o Sul encontra-se a chamada Alagados.

A entrada de Barra-Grande tem uns 900 metros de largura e demora ao S. 54° E. da igreja do mesmo nome e ao S. 82° E. da de São Bento.

Entre os dois Picões há 7 metros d'água e 3,7 a 6,7 dentro do recife. Dentro da barra pode-se fundear em frente da povoação de Barra-Grande ou ao S. da povoação de Gamela, afim de evitar um banco de areia que se estende da costa até o recife. De Gamela o recife se afasta da margem, formando uma curva ao longo dela na distância de 1 milha até ao S. de Pôrto-de-Pedras, onde outra vez se une à costa: existem pequenos canais entre as pedras que o formam, com 2 a 3,7 metros d'água pela sua parte de dentro.

*Rio Salgado* — Desemboca no mar um pouco ao S. da igreja de São-Bento. Tem 18 milhas de comprimento e 22,8 metros de largura na bôca, com 1,2 metro d'água. Para o norte se encontram os riachos Maragogí e Paus, com 6 e 12 milhas de curso, mas sem importância alguma.

*Serra de Marambaia* — No N. de Maceió e 25 milhas terra a dentro encontra-se esta serra ou cadeia de montanhas, visível na distância de 45 milhas. A terra que a rodeia não tem nenhum aspecto particular.

*Pôrto das Pedras* — A 8,5 milhas ao S. de Barra-Grande encontra-se êste pôrto protegido pelo recife e com ventos do S. o mar é chão, com 5,5 a 7,4 metros d'água, fundo arenoso; cabem bem fundeados meia duzia de navios de umas 120 toneladas; mas não se sendo prático não se deve deixar o prumo ao tomá-lo. Três quartos de milha ao N. da ponta setentrional do recife que abriga o fundeadouro, está a Baixa-Grande e proximamente à mesma distância ao N. e NW., outros dois escolhos, com 8,3 a 11 metros d'água entre êles. O rio Pôrto-Calvo desemboca ao S. do fundeadouro e a povoação, que está na costa S. da entrada, tem pouco comércio. Do Pôrto-de-Pedras ao rio Camaragibe, que está a 14 milhas ao SW., a terra é semelhante, com um monte baixo e alguns coqueiros, com praia de areia branca rodeada pelo recife, que está a 1 milha proximamente da costa. Na margem sul do Camaragibe há uma linha de barrancas desnudas de areia encarnada. Perto do rio Santo-Antônio-Mirim, a 17 milhas ao Sul, há também outra fila de barrancas vermelhas de 1,5 milha de extensão e três pequenas colinas redondas, que estão na margem N. Entre os dois rios encontra-se o

de Santo-Antônio-Grande, alguns riachos e umas aldeolas. O recife que rodeia esta parte da costa está cortado aqui e ali e vela de trecho a trecho. Tem uma linha exterior de escolhos, que corre paralelamente a êle a 1,5 milha da costa, terminado um pouco ao SW. de Santo-Antônio-Mirim. Daí continua a costa até o SW., 7 milhas mais até a ponta Verde. Nesse trecho da costa desaguam alguns riachuelos e as rochas se estendem por partes até fora quasi uma milha. Os recifes e baixios ao S. da bôca do rio Camaragibe protegem um fundeadouro contra os ventos do Norte, com 4,6 a 7,4 metros d'água, fundo de lama.

*Ponta Verde* — A ponta NE. da baía de Maceió tem muitos coqueiros. E' baixa, saliente e rodeada de pedras com grandes rompentes. A costa N. é, em geral, arenosa, com algumas barrancas vermelhas e coberta de coqueiros.

*Maceió* — E' o único fundeadouro conveniente que existe entre Pernambuco e Baía, e se acha num saco que forma a terra que corre para o W. da ponta Verde, protegido dos ventos da parte do N. pelo W. e S. até E. SE. pelo recife, que termina bruscamente a 2 milhas ao SW. da ponta Verde, o qual não vela na preamar. A costa da baía é de areia branca, por onde se estende, interpolada com coqueiros, a povoação de Jaraguá e meia milha a E., em uma baía exterior, está a aldeia de Paijuçara, com uma ponta de areia, onde há pequeno e velho forte. Proximamente a 1,2 milha ao SSW. dêsse forte, há um baixio isolado, com 4,5 metros d'água, que rompe com ventos frescos do Sul. Nos meses de verão, pode-se considerar esta baía como segura; mas de Maio a Setembro, quando predominam os ventos do sul, é muito exposta e levanta mar grosso. Com os ventos do sul, o desembarque é mau na baixa mar. No pôrto existem trapiches particulares, além dos da Alfândega Federal e da Estrada de Ferro, onde atracam os batelões para carga e descarga. A Oeste de Jaraguá há um riachuelo com um pequeno forte e na parte ocidental de um maciço de vegetação, eleva-se a cidade de Maceió, capital do Estado das Alagoas, com 75.000 almas.

A cidade é iluminada a electricidade, tem bondes elétricos, possui três usinas beneficiadoras do algodão, mas o seu clima é insalubre devido aos pântanos que demoram ao sul da cidade. Exporta algodão, peles, açúcar e aguardente.

*Farol* — Na ponta oeste da colina que domina Maceió, há um farol em tórre de alvenaria pintada de branco que exhibe luz branca com lampejos de segundos, seguida de 9 segundos de ocultação a que succede luz encarnada com lampejo de segundo,

seguido de 9 segundos de ocultação, formando um período de 20 segundos. Alcance 26 milhas. Altura ao nível do mar 63,3 metros.

*Marés* — A preamar nas sizíguas na baía de Maceió verifica-se às 4 h. 30 m.; a amplitude média é de 2 metros e a máxima de 2,6 metros.

*Lagoa do Norte* — Tem 3,5 milhas em direção NW., e 2,5 milhas de largura, com 1,8 a 2,7 metros d'água, fundo de lama.

O rio Mandaú desagua nela pela sua parte NW. Existem disseminadas várias ilhas na margem NE. e duas povoações com suas igrejas na margem SW. A entrada é estreita e está a 2,5 milhas ao SW. do farol de Maceió, por um canal de 1 metro d'água e que serpenteia entre ilhotas e baixios numa distância de 2,25 milhas.

*Lagoa Mangaba* — Está a 4 milhas ao SW. da Lagoa do Norte e as duas são paralelas. Interna-se cerca de 20 milhas e a 3,5 milhas do mar estreita-se até 3 milhas na sua cabeceira com 1,2 a 4,2 metros d'água, fundo de lama. Dois ou três riachos desaguam nela e nas suas margens há algumas aldeias. A sua entrada é a mesma da Lagoa do Norte, correndo ao SW., por dentro de uma língua de terra de 3 milhas, virando para o Oeste, um pouco ao N. do Pôrto-Francês. Da parte SW. da Lagoa do Norte desce um braço de rio, que desagua dentro do que vai desembocar na Lagoa Mangaba, formando a ilha de Santa-Rita. A povoação de Alagoas fica na extremidade Sul da citada lagoa, a 3,5 milhas da costa. Os produtos do interior são encaminhados através essas lagunas, por meio de jangadas. A 8,5 milhas ao SW. da ponta Verde está Pôrto-Francês, que é pequeno e só serve para embarcações pequenas. Umhas 6 milhas mais ao SW. acha-se a barra do rio São-Miguel. A povoação de Sant'Ana encontra-se na ponta N. da entrada, onde se embarcam os produtos dos arredores. A curta distância mar afora são visíveis os caminhos das proximidades de Sant'Ana. Da entrada da Lagoa do Norte, a costa do SW., que é baixa, está rodeada de perto pelo recife que forma o Pôrto-Francês e tapando a bôca do rio São-Miguel. Uma milha para fora da ponta sul da entrada dêste rio, há algumas rochas afogadas, que se estendem 2 milhas ao SW. As do N. velam em certas ocasiões. Por dentro das mesmas há fundeadouro em 3,7 e 4,6 metros d'água, areia e lama.

A costa, partindo de São-Miguel, corre ao SW. em distância de 15 milhas até à barra da Lagoa Jequiá. No centro está a

ponta Azeda, com alguns coqueiros sôbre ela; é um tanto saliente e os escolhos se estendem até fora por 1,5 milha, com 13 metros d'água junto a êles. A Lagoa Jequiá corre ao NW. 11 milhas. Em seu extremo desemboca o rio do mesmo nome. Tem esta lagoa 1,7 milha de largura, com 1,8 a 5,1 metros d'água e é navegável durante as marés vivas por pequenos navios até 80 toneladas. Os navios de cabotagem fundeiam por fora da barra.

A costa tem 24 metros de elevação quasi constante, com arvoredos e algumas barrancas avermelhadas, com praia de areia. Muito perto da costa há vários lagos ou lagunas que desaguam no mar. A sonda dos 19 metros estende-se ao longo da costa desde 1 a 3 milhas de distância, fundo de coral; mas há alguns rochedos dentro dessa distância, e o fundo aumenta gradualmente mar afora por 15 a 18 milhas, quando se encontram 40 a 50 metros d'água. Da entrada da lagoa Jequiá a costa continua para o SW. 10 milhas até à bôca do rio Coruripe e 25 milhas mais distante, também, para o SW., está a barra do rio São-Francisco; é baixa, arenosa, e a 9 milhas ao SW. da ponta Coruripe há varios perigos.

*Rochas de Dom-Rodrigo* — Três milhas ao S. 49° E. da ponta Coruripe estão estas rochas, que são vistas em baixa-mar. Distam 1 milha ao N. do recife que rodeia a bôca do rio Coruripe, com 9 e 10 metros d'água entre êles e o recife. As lajes de Miaí está a 3,5 milhas ao SW. dos rochedos de Dom-Rodrigo; teem mais de 1 milha de comprimento e 6,5 metros de fundo, demorando ao S. 5° W. da ponta Coruripe, distância 5 milhas. A 4,5 milhas da costa e 1,5 da parte profunda do recife, nesta última distância, há 6,7 a 10 metros d'água. Os baixios de Japú teem 1,7 milha de comprimento de NE. a SW. com 0,8 metro de fundo. Estão a 4,5 milhas da costa, demorando ao S. 24° W. da pequena colina de Japú, conhecida por 2 coqueiros, e da Moitadas-Onças, colina ao N. da ponta Peba ao S. 86° W. Êstes perigos teem 13 a 14,8 metros d'água junto a êles e não é prudente aproximar-se desta parte da costa além da linha dos 20 metros de fundo.

*Ponta Coruripe* — Avança para o mar formando uma baía aberta ao Sul, com 1 milha de circunferência, onde desemboca o rio do mesmo nome. Há uma aldeia e vários coqueiros na ponta: esta e a baía estão coalhadas de baixios. Uma milha ao ESE. da ponta, o recife reaparece e se estende por 5 milhas ao longo da costa, na distância de 2,3 milhas; está cortado e vela aquí e alí; a ponta SW. tem 1,2 metro d'água e demora ao S. 47° E.

da colina de Miaí, proximamente no meio da distância que medeia entre esta colina e as lajes do mesmo nome. Por dentro da parte central do recife há muitas rochas afogadas; encontra-se, entretanto, fundeadouro em 4,6 metros d'água entre estas rochas e as da baía. O passo está formado pela ponta N. do recife e a de Coruripe. Há também fundeadouro abrigado dos ventos do Sul em virtude dos recifes, com 5 metros na parte N. da ponta Peba, onde há duas a três casas e alguns coqueiros.

*Rio São-Francisco* — Nasce perto da antiga Vila-Rica, hoje Ouro-Preto, no Estado de Minas-Gerais, umas 240 milhas ao NNW. do Rio-de-Janeiro. E' um dos maiores do Brasil, navegável quasi todo o seu curso até Pirapora e para o N. quasi paralelamente à costa. Perde em profundidade e rapidez em sua corrente conforme se aproxima da sua bôca através de um terreno plano, mas está sujeito a grandes inundações entre Março e Setembro, em cujo caso a corrente se faz muito intensa.

A principal povoação das suas cercanias é Penedo, na margem esquerda do rio, a umas 22 milhas da barra. A ponta N. da entrada e a costa N. é baixa, de areia movediça e sem vegetação. Manguinho ou Samoco, que é a ponta S. da bôca, é baixa, plana e coberta de mangues, avançando para o SE. Ambas as pontas atiram para o mar grandes rompentes até 1,5 milha de distância. O canal da barra está entre as rompentes, com fundo de 2,7 metros na baixa-mar. Há fundeadouro por fora das rompentes, donde se pode esperar o práctico, cuja assistência é necessária. Por dentro da barra o fundo é de 8,3 metros, e é maior ou menor entre as margens dos rios e as numerosas ilhotas que existem por espaço de muitas milhas. Pelo través de Penedo encontra-se 10 metros d'água. Da entrada do rio São-Francisco, a costa é baixa e corre ao SW. na distância de 49 milhas até à barra do rio Cotinguiba. A 6 milhas da embocadura do São-Francisco há pequena abra na costa, chamada Barra-Nova, por onde teem saída as águas. Umas 29 milhas mais ao SW. está o riacho de Japarutuba, e 14 milhas além encontra-se a embocadura do Cotinguiba. Esta costa tem atrás de si a Serra de Pacatuba e mais no interior, ao W. e SW., estão as do Curralinho e a de Itabaiana. A praia, no sopé da Serra de Pacatuba, tem o nome de praia ou areias de Santa-Izabel. A serra de Itabaiana tem 860 metros de altitude e está a 25 milhas da costa. Apresenta três picos, sendo que o que está mais ao sul, a 22 milhas de Aracajú, tomou, pela sua forma especial, o nome de Chapéudo-Cardial. Ao NE. da barra de Cotinguiba está o monte Aracajú, notável por um corte em seu extremo N., e ao N. 82° W. da barra acha-se o morro da Têlha, visível a 18 ou 20 milhas.

Os navios a vela não devem aproximar-se desta parte da costa por causa dos fortes ventos do S. A praia é plana, com declive muito suave, e a areia dura.

*Farol de São-Francisco* — Na margem direita e no pontal sul da barra do rio São-Francisco, no lugar chamado Samorico. Torre octogonal de ferro forjado, pintada de branco. Luz branca de relâmpagos. Alcance 13 milhas. Altura acima do nível do mar 18 metros.

*Maré em Penedo* — Estabelecimento do pôrto 4 h. 17 m. — amplitude média 1,80 metro; máxima 2,30 metros.

*Rio Cotinguiba ou Cotandiba* — Desemboca a 49 milhas ao SW. do São-Francisco. Nasce ao norte da serra de Itabaiana, mas só é navegável até a cidade de Laranjeiras, a 10 milhas da foz. Esta povoação tem 5.000 habitantes e é o ponto de desembarque do algodão e couros que veem do interior. A pequena cidade de Maroim, sede da administração e residência dos representantes das casas estrangeiras, fica nas proximidades de Laranjeiras.

*Aracajú* — É um pôrto de algum movimento. Sua população é de cerca de 50.000 habitantes. É sede da Alfândega. Os navios fundeiam defronte da cidade. Fracos recursos portuários. Os serviços de descarga são feitos por bordo. Mantimentos caros. Aguada difícil. Há que ir buscar num riacho distante 4 milhas da cidade. Clima salubre. Exporta: açúcar, algodão, sal, couros e aguardente. Ligada por estrada de ferro a Baía e a Pirapora e por barcas a vapor a Mearim, diariamente.

*Barra de Cotinguiba* — O acesso era antigamente feito por dois canais. Atualmente, porém, só o é por um, o canal do Norte, e este mesmo sujeito a variações contínuas na direção e profundidade. Tal canal não excede de 3,5 metros na baixa-mar. Na preamar depende ainda do vagalhão que vem do largo. Só em excepcionais condições de tempo poderá tentar um navio de mais de 3 metros de calado vencer a barra. A estação mais favorável é de Novembro a Abril; dêste a Setembro, os ventos de SE. levantam muito mar, dificultando e às vezes impossibilitando a entrada. Os ventos de N. e NE. levantam também algum mar.

*Farol na barra* — Na foz e margem do rio Cotinguiba, há o farol construído de ferro, com a forma troncônica sôbre co-

luna também de ferro, sendo a torre pintada de branco. Lameijos brancos. Alcance de 31 milhas. Altura acima do nível do mar 38,27 metros.

*Marés* — O estabelecimento do pôrto e a amplitude das marés são os mesmos da barra do São-Francisco. A corrente na enchente arrasta para o S. e na vasante para o Norte. Durante a enchente há, de ordinário, menos mar na barra do que na vasante.

*Rio Vasa-Barrís* — Quatorze milhas ao SW. da boca do Cotinguiba está a do Vasa-Barrís ou Irapiranga ou ainda rio Sergipe. Deriva-se o nome do rio da povoação de Sergipe que está ao sopé das colinas, em um dos seus braços. A boca deste rio assemelha-se muito à do rio Cotinguiba; fica entre o Morro da Telha ao norte e os Três Irmãos ao sul. No pontal sul, de areia, notável pela altura e a 40 metros da antiga torre de sinais, hoje caída, em uma elevação de 6 metros, fica o mastro de sinais do pôsto semafórico. Em frente ao mastro a ponta é desnuda, mas por trás d'ele eleva-se um maciço de vegetação. No pontal norte há grande duna, alta e escarpada e a 2 milhas a NE. uma elevação amarelada. O Vasa-Barrís, também chamado Irapiranga, tem vários tributários, sendo o mais importante o Sergipe, que o excede em largura e profundidade, sendo também esta a causa pela qual se chama o primeiro de rio Sergipe ou Vasa-Barrís. São navegáveis por 24 a 30 milhas. São Cristóvão, importante povoação, de 15.000 habitantes, fica na junção do Sergipe com o Paranapama. Esta região é muito salubre e abundante em frutas. Exporta açúcar, algodão e fumo. A barra tem 3,5 metros na baixa-mar, 5,5 na preamar e 6 metros nas marés vivas. O canal corre a W. 4 SW. e os ventos do Norte levantam muito mar. É obrigatória a praticagem, porque a barra muda de direção constantemente. Da barra o rio corre a NW. por 2 milhas, com fundo de 18 metros, areia dura, daí segue a W. 4.<sup>a</sup> NW. com 16 a 18 metros de fundo, lama, e depois aos SW. 4.<sup>a</sup> W. por 2 milhas até o fundeadouro com 5,5 metros de fundo, lama mole, em frente ao trapiche de embarque de açúcar. Amarra-se aí de popa e proa, em virtude da estreiteza do rio.

*Rio Real* — A boca deste rio está a 21 milhas ao SW. da do Vasa-Barrís. Não se a pode ver do mar, mas se a conhece pelas rompentes das suas margens. Mangue-Sêco, que é a ponta S. da entrada, estende-se por uma praia de areia branca, chamada de Pranchas-do-Rio-Real. A barra tem 4,6 metros d'água

nas sizígias, mas há de ordinário mar grosso e não se deverá entrar sem práctico. As entradas ficam a SE. e ENE. do farol. A 2 milhas da barra, vê-se poucas casas. Dentro da barra o rio toma bruscamente para o SW. e recebe as águas de outros vários riachos.

*Farol do Rio Real* — É um poste A. Q. A. na sua foz e margem esquerda do rio, montado sobre a Atalaia, pintado de branco. Alcance 14 milhas. Altura do foco acima do nível do mar, 23 metros.

*Rio Itapicurú* — Vinte e uma milhas ao SW. da barra do rio Real, está a do Itapicurú, obstruída pelas rompentes, com 2,1 e 2,4 metros d'água na preamar. A costa desde a barra do Cotinguiba corre ao SW., 35 milhas até a bôca do rio Real e daí corre mais ao Sul até um pouco mais além do paralelo de 12°. A 6 ou 7 milhas da barra do Itapicurú há uma serie de pequenas colinas, chamadas oiteiros de São-Miguel, que rodeiam a costa até o SW. Do paralelo 12° corre a costa ao SW. outras 40 milhas até a tôrre de Garcia-D'Avila, espécie de forte com vigia, que se acha situado entre árvores sobre uma altura. É a coisa mais notável que há nesta parte da costa. A umas 8 milhas mais ao Norte da referida tôrre, encontra-se o monte Mas-saranduba.

Da tôrre de Garcia-d'Avila, a costa continua para o SW. por 33 milhas, até a ponta Itapuan, com uma pequena aldeia, e daí em diante ao W. SW., 11 milhas até o cabo de Santo-Antônio. Está cheia de montículos de areia com coqueiros e praia de areia branca rodeada pelo recife, o qual vela em algumas partes, parecendo separado da costa em forma de ilhotas, particularmente nos arredores da ponta de Itapuan.

Ao largo de Itapicurú, na latitude 11° 53' Sul e longitude 37° 22' W. de G. W., com a profundidade mínima de 7 metros e bem próximo de 15, 20 e 25, há um baixio, distante apenas três milhas da linha dos 200 metros de fundo. As dimensões dêste baixio são avaliadas em 70 metros de comprimento por 40 de largura.

Os oiteiros de São-Miguel são visíveis a 15 milhas, dominando as dunas da costa, e por isso sendo bons pontos de reconhecimento. Do rio Real, finalmente, a costa se estira em linha reta para SSW. por cerca de 100 milhas, até a latitude 13° Sul. É de aspeto uniforme. Correndo-se na linha dos 10 metros, não há perigos nesse trecho da costa. Nela desaguan alguns rios, sendo os mais importantes os seguintes:

*Rio Tariri* — A foz fica na latitude  $12^{\circ} - 04' - S.$ , com duas povoações nas margens. A umas duas milhas da foz e ao N., se acha o casco da barca "Laltolmoe", naufragada.

*Rio Inhambupe* — Desemboca aos  $12^{\circ} - 11'$  de latitude S. Próximo à bôca, no banco sul, fica a cidade de Conde.

*Rio Sibaúma* — Lança-se no mar na latitude  $12^{\circ} - 24' - S.$  A povoação do mesmo nome fica próxima à foz. A 5 milhas para o N., há um monte visível a 18 milhas e para o S., na mesma distância, uma serra constituída pelos morros Saípe e Massaranduba.

*Farol de Garcia-d'Avila* — Está no pontal da praia do Forte. Tôrre metálica cercada de um travejamento com diagonais, pintada de branco. Relâmpagos brancos e encarnados, alternados, de 5 em 5 segundos, sem ocultação. Alcance 25 milhas. Altura do foco acima no nível do mar 22,4 metros.

*Farol de Itapuan* — Na ponta de Itapuan. Tôrre troncônica de ferro fundido, pintada de roxo-terra. Relâmpago de luz branca de 0s,5 de duração seguido de um eclipse de 5s,5. Altura do foco acima do nível do mar, 24 metros. Alcance 15 milhas.

*Rio Vermelho* — A sua foz abre-se para o SSW. Desemboca numa pequena enseada em cuja ponta oeste existe um recife que obstrue parte da enseada, deixando apenas estreita passagem.

Ao oeste dêsse rio a costa é elevada e formada por oiteiros arborizados. Destacam-se, sem solução de continuidade, construções vistosas dos subúrbios baianos, que vão guarnecendo a costa desde o litoral até as partes mais elevadas.

*Cabo de Santo-Antônio* — A ponta SW., que forma a parte Leste da entrada da Baía do Salvador, é de regular altura, arborizada, podendo-se ver com bom tempo à distância de 30 milhas. A terra das imediações do cabo é mais alta que a de Oeste. Na extremidade da ponta ficam o forte do mesmo nome e o farol, e a três milhas a E., na parte mais W., há um poste de sinais. Mais a E. dêsse poste há outro escarpado baixo e escuro, com coqueiros, chamado Ponta Itapuanzinho.

*Farol de Santo-Antônio* — Tôrre troncônica de alvenaria, pintada de branco. Dois relâmpagos de 5 segundos brancos se-

parados por um eclipse de 5 segundos a que succede um lampejo encarnado de 5 segundos seguido de um eclipse de 5 segundos. Alcance 31 milhas. Altitude 39 metros acima do nível médio do mar.

*Banco de Santo-Antônio* — Este banco, cuja extensão é de 4 milhas de N. a S., tendo uma milha de largura, varia de profundidade de 7 a 10 metros, fundo de areia e cascalho. No extremo norte do banco, a 1 milha e aos 20° SE. do farol, há um cabeço coberto por 5,5 metros d'água, e ao sul dêste, respectivamente, a 1/2 e 3/4 de milha, há outros cabeços em 4,5 e 5,5 metros d'água. Aos 24° SE. do farol, em 4 metros d'água, extremo S. do banco, a 4,5 milhas (10° SE.) do farol e em 6 metros d'água, há ainda outros cabeços. O banco é escarpado e em certas partes, com ventos frescos, sobretudo, lestadadas, o mar rompe sobre êle. Uma milha para o Sul a profundidade é já de 30 a 35 metros; na parte norte do banco, encontram mais ou menos as mesmas profundidades, que, porém, vão diminuindo junto dêle até 11 metros. Com bom tempo, os navios de calado até 4,5 metros podem passar por cima do banco, mas com mar e ventos frescos é perigoso e imprudente. O extremo Norte do banco é separado do continente por um canal de 700 metros de largura, tendo de 10 a 15 metros de fundo, frequentado pelos navios que, vindo do norte, demandam a barra de Santo-Antônio.

*Ventos da costa baiana* — Os ventos alísios variam de 4 a 5 quartas durante as mansões opostas. Sopram de leste em Fevereiro, Março e Outubro; de SE. 4.<sup>a</sup> E. em Abril, Maio, Junho, Julho e Agôsto, sendo violentas, algumas vezes, as lestadadas. Durante os meses de Novembro e Dezembro êles sopram do E. NE. No pôrto, porém, os ventos sopram, de ordinário, do NE. ao SE., durante a maior parte do ano. Somente durante a mansão do SW. de Junho a Agôsto teem-se muitas vezes calmarias, trovoadas do NW. e aguaceiros do SW., de pouca duração, succedendo os ventos de leste. As chuvas rápidas que se encontram, são chamadas Parajás, porque, com a mesma rapidez com que caem, passam. Durante as luas cheia e nova, os ventos do sul (de Junho a Agôsto) sopram algumas vezes violentos durante 2 a 3 dias, levantando mar grosso e castigando os navios ancorados, dificultando as comunicações com a terra.

*Correntes da costa* — Ao longo da costa as aguas sentem e seguem a influência dos ventos reinantes quando êstes sopram durante mais de 24 horas de uma mesma direção. Com os ventos

do NE. as águas puxam ao Sul com uma velocidade de 30 milhas em 24 horas.

*Marés no pôrto* — São bem regulares. O estabelecimento do pôrto do Salvador é igual a 4 horas e 26 minutos. A amplitude da maré é de 2 h. 30 m. durante as águas vivas. A enchente corre ao N. NE. durante 5 horas, e a vasante ao S. SW. durante 7 horas com velocidade de 1,5 milha por hora, que pode atingir a 2,5 e até 3 milhas nas águas vivas.

*Aspectos mais notáveis da costa e cidade do Salvador* — Vindo do Sul, a costa sombria de Itaparica contrasta fortemente com a da cidade. Enquanto aquela é coberta de vegetação escura e densa, oferece esta outeiros e morros pardacentos, estradas ligeiramente coloridas e guarnecidas de conventos, igrejas e casas multicores. A igreja de Santo Antônio é a primeira grande construção que se depara por cima do forte de San Diego; logo depois avista-se o farol de Santo Antônio. Vindo de Leste, destaca-se antes a igreja de Nossa Senhora da Graça, e logo depois as casas do bairro do Rio-Vermelho que guarnecem bela praia de areia desde um velho fortim ao Oeste. A chaminé do Tarquínio, o hospital de Monserrate, a igreja do Bomfim, a de Santo Alberto, são pontos notáveis do litoral.

*Cidade do Salvador ou Baía* — Foi fundada por Tomé de Sousa em 1549, tendo hoje 350.000 habitantes. É a capital do Estado da Baía. Ocupa as terras baixas e altas da costa leste, estendendo os seus subúrbios até Itapagipe ao N. de Monserrate e até Nossa-Senhora-da-Graça, Rio-Vermelho e Amaralina a leste do Cabo de Santo-Antônio. Divide-se em duas partes, ocasionadas pelo desnivelamento do terreno, que se denominam Cidade-Alta e Cidade-Baixa. Nesta estão as principais casas de comércio, os estabelecimentos bancários, a empresa de navegação baiana, as agências das companhias estrangeiras de navegação, o Correio, o Telégrafo Nacional e dos Cabos Submarinos, o mercado, o cais e as docas do novo pôrto comercial, a Capitania do Pôrto e a Escola de Aprendizes Marinheiros. Na cidade alta acham-se o Palácio do Governo do Estado, a Intendência, as casas do Congresso Estadual, a Faculdade de Medicina, os teatros, o Quartel General do Comando da Região Militar, a Sé, a igreja de São Bento, a das Mercês, a da Graça e outras muitas com os seus zimbórios. Nos baixos do Campo-Grande, Vitória, Graça e Barra, acham-se as casas, algumas de estilo elegante, onde habitam a aristocracia e as pessoas de tratamento.

Ao longo da nova e bela Avenida Oceânica, na Barra e no Rio-Vermelho, existem excelentes e aprazíveis situações para vilas balneárias muito freqüentadas durante o estio.

A Baía foi no Império celeiro de notáveis estadistas como Saraiva, Cotegipe, Dantas e outros, e na República a terra do inconfundível Rui Barbosa. O clima é temperado e salubre. Uma potente estação rádio-telegráfica está situada em Amaralina, cêrca de 3 milhas do farol de Santo-Ântônio. E' dos Estados do Brasil de maiores possibilidades e que está em franco progresso. A pesca tem se desenvolvido muito, sobretudo a da baleia e as indústrias correlativas.

A baía é um vasto gôlfo de cêrca de 60 milhas de periferia. Grandemente favorecida pela natureza, é coalhada de inúmeros e bons fundeadouros e encravada entre terras ferteis e cuja configuração faz resplandecer panoramas dos mais encantadores. Esta imensa baía tem uma bacia principal a que se chama Recôncavo, célebre nas lutas pela Independência e onde se immortalizou João das Botas, é formada por uma costa sinuosa de cêrca de 30 milhas de extensão e constituída por um terreno extremamente fértil, inclinado em suave declive para o mar, regado por grande número de rios que alagam os vales na época das chuvas, contribuindo, dest'arte, para aumentar a capacidade produtora da agricultura, que é sem dúvida uma das mais promissoras e fecundas do Brasil.

Os caprichosos contornos do litoral, muito acentuado ao N. e NE., e as inúmeras ilhas que se agrupam nas suas proximidades, formam várias enseadas abrigadas e de boa tensa e grande número de canais navegáveis que, com os rios navegáveis que desembocam no vasto gôlfo, permitem uma navegação das mais intensas e produtivas que se conhece no litoral brasileiro.

*Ilha de Itaparica* — Proximamente com 16 milhas de extensão e 4 de largura, esta ilha corre na direção NE. SW. na parte oeste da entrada da baía, desde a ponta de Caixa Pregos até o paralelo do Banco da Panela, onde fica a sua ponta mais leste, chamada do Jaburú, que dista umas 4 milhas e meia do referido banco. Daí a costa de Itaparica corre para o Norte e ao NE. até a ponta mais norte do forte de Itaparica, que fica mais ou menos no paralelo da ponta de Itaçaranha, no continente leste, e mais ou menos N. S. com a ponta sul da ilha Cajúba, na foz do rio Sergipe. Esta ponta do forte de Itaparica é notável na história da nossa Independência, pois alí se feriu o famoso combate entre portugueses e a fôrça naval comandada por João das Botas e cuja vitória é uma das mais brilhantes ganhas pelo grande marinheiro baiano e da qual resultou uma si-

tuação favorável para o desenlace da expulsão das fôrças portuguezas que dominavam a Baía. A ilha de Itaparica é fértil e seu clima se recomenda no tratamento do beriberi. Tem água excelente na sua parte norte principalmente, onde se estendem belas praias com casas próprias à passagem do verão. Uma linha de navegação a vapor garante as comunicações diárias entre a costa N. e NNE. da ilha e a Capital baiana.

Além de alguns morros notáveis, como o da Conceição, existe o de Nossa-Senhora-da-Penha, com a altitude de 150 metros e que é o pico mais elevado da ilha.

Rio — Outubro de 1935.

---

#### RESUMO EN ESPERANTO

*Studo pri la marbordo de Brazilo* — Admiralo Raul Tavares.

Admiralo Raul Tavares sin konstante donadas al la studo pri la brazila marbordo; ĉifoje li priskribas longan pecon de la nordorienta marbordo ĝis golfeto Salvador.

En antaŭa numero ni jam publikigis unu studon de la sama aŭtoro pri la norda marbordo; la nuna studo estas daŭrigo de la unua.

La ĉisupra artikolo estas detala priskribo pri ĉiuj malebenaĵoj de la marbordo, kun ĝusta indiko pri la profundaĵoj, fluoj, tajdoj kaj aliaj teknikaj punktoj interesantaj la navigacion.

Ĝi estas utila tiel al nia geografio, kiel al la navigacio apud tiu peco de l' brazila marbordo.

## ESPERANTO, LINGUA DE TURISMO

Eng.º Alberto Couto Fernandes  
Tesoureiro da Sociedade

*Tradução da palestra feita em Esperanto pelo Eng.º Alberto Couto Fernandes, presidente da "Liga Esperantista Brasileira", no dia 2 de Maio de 1935, na estação da "Rádio Cruzeiro do Sul", instalada no Palácio das Festas, durante a "Mostra de Turismo"*

Dirijo-vos a palavra, neste momento, caros *coidealistas*, diante do microfone da bela estação da "Rádio Cruzeiro do Sul", instalada no grande salão do Palácio das Festas, situado no lugar em que funcionou a 7.ª Feira Internacional de Amostras do Rio de Janeiro, a maravilhosa capital do meu caríssimo Brasil. Nesse Palácio foi organizada a primeira Mostra de Turismo, cujo diretor, o engenheiro Pinto Guimarães, por sua excessiva atividade, parece ter o dom de ubiquidade.

A idéia de organizar uma Mostra de Turismo deve-se ao Dr. Lourival Fontes, o ilustre diretor geral do Turismo, depois da viagem que há pouco fez à Europa, onde teve ocasião de verificar que o Brasil ainda é pouco conhecido no exterior.

No Palácio das Festas foi destinado para o Esperanto um "stand" bastante grande, onde a Liga Esperantista Brasileira organizou uma atraente exposição de publicações em Esperanto sobre turismo. Consiste ela em diversos cartazes, belamente emoldurados, grandes cartões com inúmeros guias, folhas volantes, reclamos, prospectos, selos de propaganda, cartões postais e selos do correio com dizeres em Esperanto, chaves de Esperanto, gazetas e revistas esperantistas de cêrca de 40 países.

Ornamentam o "stand" o busto de Zamenhof, bandeiras esperantistas e grandes estrêlas verdes.

Aos visitantes são distribuídos prospectos de propaganda.

Muito mais rica seria a exposição do Esperanto se tivéssemos tido tempo suficiente para mandar pedir no estrangeiro material de propaganda. Entretanto ela foi feita com a "prata de casa", que na verdade vale ouro.

Desde muito tempo o governo brasileiro tem auxiliado a propaganda do Esperanto.

No ano de 1908 a direção geral de Estatística publicou em Esperanto o prefácio do Boletim Comemorativo da Exposição Nacional, cujos títulos e sub-títulos foram redigidos em português, francês e Esperanto.

Por ocasião das Festas do Centenário da Independência do Brasil o Esperanto foi bastante usado. Sua Comissão Organizadora publicou prospectos em Esperanto e um número especial da gazeta "Esperanto-Triumfonta", predecessor do "Heroldo de Esperanto", sobre a Exposição Internacional que ela organizou. Em consequência disso recebeu a mesma comissão algumas centenas de cartas e cartões redigidos na língua auxiliar e em mais de cem jornais estrangeiros apareceram informações sobre a exposição.

O Terceiro Congresso Sul-Americano de Turismo, reunido no Rio-de-Janeiro em 1930, aprovou unanimemente uma moção recomendando a publicação em Esperanto dos guias e folhas volantes a serem distribuídas nos países fora da América Latina e o ensino dessa língua nas escolas públicas de todo o país pertencente à Federação Sul-Americana de Turismo.

Em consequência dessa moção a importante associação "Touring Club do Brasil" em seu primeiro guia do Rio-de-Janeiro publicou algumas páginas em Esperanto ao lado de quatro línguas nacionais.

Tendo aparecido em gazetas esperantistas e nacionais notícias dessa publicação, o Touring Club e a Liga Esperantista Brasileira receberam grande número de pedidos. Infelizmente, por se terem esgotado esses guias, não puderam ser satisfeitos os últimos pedidos.

A introdução do Esperanto nessa brochura foi sem dúvida um grande passo para a conquista desse importante meio — o turismo, onde a língua neutra já está, no exterior, verdadeiramente radicada.

Durante o ano de 1933 apareceu uma nova edição do livro de turismo "O Rio Maravilhoso", editado pelo Sr. Amândio Soares, em seis línguas, inclusive o Esperanto, contendo uma descrição dessa cidade e informações oficiais sobre o grandioso monumento do Cristo no alto do Corcovado.

A direção da Feira Internacional de Amostras realizada no Rio-de-Janeiro utilizou o Esperanto para sua propaganda. Publicou um belíssimo prospecto com uma planta geral da Feira, 36 vistas cuidadosamente escolhidas da Capital do Brasil e uma viva capa multicolor.

Alem das edições nas principais línguas nacionais, apareceu também uma no idioma auxiliar. Alguns milhares do prospecto em Esperanto foram distribuídos pela secretaria da Feira e pela Liga Esperantista Brasileira.

Para mostrar o efeito dessa propaganda vou citar as palavras pronunciadas pelo incansavel Sr. Laercio Prazeres, sub-diretor e atualmente diretor interino de Propaganda, quando presidiu uma das sessões do Conselho Consultivo da Feira: "E' intensa a propaganda da Feira, que a administração está fazendo no interior e no exterior, cabendo-me assinalar, especialmente, os ótimos resultados colhidos pela publicação do resumo do regulamento em Esperanto. Foi com satisfação que verifiquei o interesse despertado nos meios esperantistas de todo o mundo e a valiosa cooperação dos Centros que adotam a língua universal na transcrição para a língua de seus países do referido regulamento, acrescido de lisonjeiras referencias à nossa Capital, apreciada por eles através das vistas que ilustram a publicação mencionada."

Dessa feira, organizada pelo Departamento Educativo do Distrito Federal, cujo diretor é o dedicado engenheiro Alfredo Pessoa, atualmente em comissão na Europa, participaram 742 importantes firmas e se fizeram representar 15 países da Europa e da America. Tõda a área ocupada pela Feira, inclusive o Parque de Diversões, era igual a 120.000 metros quadrados.

Visitaram a Feira cêrca de 2.000.000 de pessoas, inclusive as crianças, que tiveram entrada gratis.

Como órgão de propaganda da Direção Geral de Turismo, está sendo editada em língua portuguesa, com números especiais em espanhol e em inglês, a revista ilustrada "D. T. M.", cujo redator responsavel é o ativo engenheiro Rui Castro.

Segundo promessa que êste nos fez, brevemente aparecerá uma edição especial em Esperanto.

Satisfazendo o pedido da Liga Esperantista Brasileira, o Correio brasileiro editou uma bela série de 20 cartões postais oficiais com vistas do Rio-de-Janeiro e textos explicativos em Esperanto. Informações a respeito dêsses cartões apareceram em mais de duzentos jornais e revistas estrangeiras, além de jornaes brasileiros, graças à propaganda feita por intermédio da língua internacional. Alguns dêles, a saber: "Heroldo de Esperanto", da *Alemanha*; "La Interligilo de l'" "P. T. T." e "Le Relais", da *França*; "Esperanto", da *Suíça*; "Ciencia Popular", da *Argentina*; "La Praktiko", da *Holanda*; "La Revuo Orien-

ta", e "Esperanto", do *Japão*, publicaram fotografias de alguns desses cartões.

Informado do sucesso alcançado pela primeira série e impressionado pelos periódicos que lhe foram mostrados, o então Ministro da Viação e Obras Públicas, Dr. José Americo, determinou que o Esperanto também figurasse na segunda série.

Infelizmente essas duas séries em breve se esgotaram e a Liga Esperantista Brasileira está impossibilitada de satisfazer aos pedidos que ainda lhe chegam de toda a parte do mundo.

Um grande quadro mostrando esses periódicos foi exposto pelo Departamento dos Correios e Telégrafos em um "stand" na Feira Internacional de Amostras.

Um carimbo com as palavras "Rio de Janeiro-Turisma urbo" foi usado pelo Correio durante algum tempo. Também durante a Feira de Amostras a agência do Correio que aí funcionou usou dois carimbos com palavras em Esperanto. Esses importantes sucessos nos Correios devem-se aos Srs. Junqueira Aires e Tavares de Macedo, nesse tempo, respectivamente, diretor geral e diretor regional do Departamento dos Correios e Telégrafos.

Pode-se dizer que uma das primeiras propagandas eficientes do Brasil por intermédio do Esperanto foi a conferência realizada pelo professor da Universidade do Rio-de-Janeiro Dr. Everardo Backheuser, na Sociedade de Geografia de Paris, na presença de um seletos e numeroso auditório.

Essa conferência apareceu em brochura publicada pela importante casa editora Hachette & Cia., de Paris, e foi largamente distribuída pela comissão de propaganda do café brasileiro.

A mais convincente e interessante prova de que por meio do Esperanto se pode viajar pelo mundo é a viagem feita pelo Sr. Scherer, de Los Angeles, durante a qual fez conferências ilustradas em Esperanto sobre os países anteriormente visitados e em línguas nacionais de propaganda do Esperanto. Um interessante relato dessa viagem apareceu em um livro que tem o título sugestivo: "Em torno do Mundo, com a estrela verde".

Devo também citar o nome do esperantista brasileiro Carlos Domingues, que, como representante do governo do Brasil e de importantes associações brasileiras, em dois congressos universais de Esperanto visitou diversas localidades européias e em todas elas teve ocasião de entrar em contacto com esperantistas e assim usar a língua internacional.

Também outros esperantistas brasileiros, a saber: Backheuser, Keating, Medeiros e Albuquerque, Murilo Furtado,

Melo e Sousa, Quirino de Oliveira e Agenor de Miranda, tiveram ocasião de viajar e usar o Esperanto.

Muitos países, convencidos da utilidade do Esperanto, já o empregam por meio do rádio e viagens para propaganda, no exterior, de suas belezas, sua literatura e suas forças econômicas.

Em mais de 30 países apareceram belíssimos guias e fôlhas volantes em Esperanto e diversos escritórios turísticos já usam a língua auxiliar em suas relações.

As principais exposições e feiras internacionais de amostras de há muito se utilizam com proveito dos serviços do Esperanto.

Vou citar um fato que mostra que o Esperanto já está representando o papel que lhe cabe como língua internacional. A douta Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro, universalmente conhecida, publica em Esperanto o resumo de todos os artigos contidos em sua interessante Revista.

Durante o ano de 1932 reuniu-se em Budapest o Primeiro Congresso Internacional de Turismo, durante o qual foram aprovadas diversas propostas favoráveis ao Esperanto, entre as quais a que recomendou a publicação de uma revista internacional de turismo redigida em diversas línguas nacionais e em Esperanto.

A premência do tempo não permite que eu cite outros fatos comprovantes. Entretanto, não posso deixar de mencionar as importantes excursões turísticas às principais cidades e ilhas da Itália e a regiões do norte da África, as quais se realizarão durante e depois do próximo congresso de Roma, onde certamente se reunirão cerca de 5.000 esperantistas.

O turismo não se destina apenas a visita de lugares, mas visa também a aproximação dos homens, da qual é a língua o mais poderoso agente.

Assim já pensavam os antigos, porque os povos da antiguidade consideravam inimigos os homens que falavam língua diferente.

Não é fácil aprender línguas estrangeiras, embora o seu estudo ofereça vantagens: as línguas estrangeiras apresentam pontos impenetráveis aos estrangeiros.

O mundo moderno precisa de uma língua fácil e que seja, além disso, neutra.

Essa língua já existe, é o Esperanto, cuja gramática possui apenas 16 regras sem exceção.

O Esperanto, dizem muitas pessoas, é a língua do futuro. O

turista, porém, já pode dizer que êle é a língua do presente, graças às organizações esperantistas filiadas à *Universala Esperanto-Asocio* (U.E.A.), que, por intermédio de seus delegados em mais de 2.000 localidades em todos os continentes, dá as informações que lhe são pedidas e torna mais fáceis e agradáveis as viagens de esperantistas.

Conforme já disse, diversos brasileiros que falam o Esperanto viajaram no estrangeiro, e foram sempre bem recebidos.

Um deles, ardoroso propagandista, disse um dia que a vitória do Esperanto, que é inevitável, poderia trazer prejuízo só aos esperantistas, se desaparecesse a cordialidade existente quando o Esperanto se tornar uma língua generalizada. Creio, porém, que êsse perigo não existe, porque o Esperanto será sempre um elo de fraternidade entre os homens.

Terminando minha palestra, eu convido todos os esperantistas a visitarem o Rio-de-Janeiro, agora sob a direção progressista do Dr. Pedro Ernesto.

Asseguro que todos os esperantistas brasileiros farão esforços para retribuir as gentilezas que receberam os nossos patriotas no estrangeiro.

È estou certo de que todos os brasileiros, tendo à frente os diretores de Turismo acima citados, tudo farão para tornar-lhes agradável a permanência no Rio-de-Janeiro, a maravilhosa cidade que tem o dom especial de patentear aos visitantes, com as mais diversas belezas, as suas incomparáveis praias, suas encantadoras montanhas, suas densas florestas e suas admiráveis ilhas.

Vinde ao Brasil!

Visitae a cidade turística Rio-de-Janeiro!

---

## RESUMO EN ESPERANTO

*Esperanto, turisma lingvo* — D-ro A. Couto Fernandes.

Tiu ĉi estas la portugallingva traduko de parolado, farita en Esperanto, de d-ro A. Couto Fernandes, prezidanto de "Brazila Ligo Esperantista", la 2-an de majo 1935, per la mikrofono de "Radio Cruzeiro do Sul" instalita en la Palaco de l' Festoj, dum la "Montro de Turismo".

La aŭtoro montras la disvolviĝon de la lingvo internacia, ne nur en nia patrolando kiel en la ĉefaj nacioj en la mondo; li atentigas precipe al la alta graveco de Esperanto kiel plej oportuna rimedo por la internacia turismo.

## FIXAÇÃO DOS IMIGRANTES E ASSIMILAÇÃO DO IMIGRANTE ESTRANGEIRO

*Discurso pronunciado na Câmara dos Deputados em sessão  
de 29 de Junho de 1935*

**Wanderley Pinho**

Do Conselho Diretor da Sociedade

O sr. *Wanderley Pinho* — Temos, sr. Presidente, ouvido em várias sessões desta Câmara discursos de um sabor e interesse que não serão bastante louvados pelos que se dedicam aos assuntos nacionais, a essas graves questões de alta política que relanceiam em conjunto as lições do passado e as certezas ou esperanças do futuro brasileiro. Acima das críticas de atos e cenas contemporâneos; para além das paixões dos partidos; adiante; muito adiante das competições individuais — avultam êsses problemas que os espíritos tocados de patriotismo versam, com uma decidida orientação construtiva. Entre as orações do sr. Teixeira Leite sobre o problema alimentar brasileiro; dos srs. Diniz Júnior e Aranha sobre imigração alemã; do sr. Acelino Leão sobre imigração japonesa; impressionaram-me sobretudo certos tópicos do proferido pelo sr. Acelino Leão como a querer despear a imigração japonesa das limitações estabelecidas na recente constituição, visando encaminhá-la para a Amazônia, para o seu Pará. Trouxe S. Ex. argumentos novos para defender a adaptabilidade do japonês na Amazônia, a sua filtragem e absorção no elemento nacional do extremo norte. Citou-nos a semelhança física do japonês com o nosso caboclo; as afinidades, a simpatia que essa semelhança desperta em contraste com a hostil diferença de tipos encontrada no sul, pelo nipão, entre os imigrantes europeus, e a aspereza ou desprêzo do ambiente social que isola aqui, os japões, dificultando-lhes a assimilação.

Aparteavam com vibração, manifestando uma viva repulsa à imigração japonesa vários deputados paulistas, enquanto outros, representantes daquele Estado, em menor número e também com menor ardor, defendiam idéias contrárias.

Embora sem simpatia pela imigração japonesa, dizia de mim para mim: — se os amarelos já incomodam, se se enquis-

tam, se são mal acolhidos ao sul e se terão de entrar no Brasil em certo número todos os anos — mandem-nos aonde são procurados e pedidos e já recebidos; e mandem-nos aonde não existem ainda. E, lembrando os dispositivos sôbre imigração na nossa recente Constituição, e ponderando os mais elevados interesses do País, redigí o projeto que ora tenho a honra de apresentar à consideração da Câmara.

### PROJETO

*Providencia sôbre a fixação dos imigrantes entrados no território nacional e estabelece medidas para a assimilação do imigrante estrangeiro*

Art. 1º. A partir da data da presente lei, e durante o prazo de dez anos, os imigrantes japoneses que entrarem no País, de acôrdo com o que dispõe o art. 121, § 6º da Constituição Federal, serão fixados obrigatoriamente e exclusivamente nos Estados da Baía, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio-Grande-do-Norte, Ceará, Piauí, Goiás, Maranhão, Pará e Amazonas.

Art. 2º. A partir da mesma data e durante o mesmo prazo os imigrantes europeus que entrarem no País, de acôrdo com o que dispõe o art. 121, § 6º da Constituição, serão de preferência fixados nos Estados acima referidos.

§ Único. Serão tais imigrantes obrigatória e exclusivamente ali fixados, pelo menos até a metade da quota anual determinada pela Constituição, desde que todos aqueles Estados ou qualquer dêles ofereça aos ditos imigrantes a mesma assistência que lhes é dispensada nos Estados do sul do País.

Art. 3º. O Govêrno da União mandará construir quartéis junto às colônias e nas cidades e vilas onde atualmente haja acúmulo de elementos estrangeiros, quer europeus, quer asiáticos, e para êsses quartéis destacará batalhões compostos, pelo menos em dois terços, de praças e sub-oficiais de naturais do norte do País.

Art. 4º. Os centros coloniais existentes ou que venham a ser constituídos pelos Govêrnos Federal, Estadual ou Municipal, ou por entidades particulares, terão pelo menos metade de trabalhadores nacionais.

§ Único. E' expressamente proibido o encaminhamento de novos imigrantes estrangeiros para as colônias existentes que não satisfaçam a exigência dêste artigo.

Art. 6º. As despesas decorrentes da execução desta lei correrão pelas verbas competentes dos orçamentos da despesa pelos Ministérios da Guerra e do Trabalho.

Art. 7º. Revogam-se as disposições em contrário.

Não é novo entre nós, Sr. Presidente, êsse problema de fixação do trabalhador. A história do Brasil poder-se-ia escrever em torno das grandes migrações que se deslocaram em nosso território ou para o nosso território. Migrações do íncola, do litoral para o sertão, fugindo à tirania ou ao extermínio do colono português; migrações de índios escravizados em estradas e bandeiras, deslocados de sertões para as praias; migrações de africanos aos milhares de seu *habitat* natal para todo o Brasil; todos os seus portos e recôncavos; da escravatura do norte e do Rio — do litoral — para as minas, quando foi do ciclo do ouro; migrações de *emboabas* — reinóis e baianos — para o contacto trágico e sangrento com paulistas entre as catas e veios auríferos do centro; migrações da escravatura negra, do norte para o sul, quando se acentuou a superioridade econômica do café sobre o açúcar; migrações de mineiros e seus escravos, exhaustos de cavar ouro, para o vale do Paraíba pela atração do café, visando o ouro verde, no princípio do seculo passado; migrações de caboclos do São-Francisco e dos nordestinos para as desbravas e plantios de São-Paulo; migrações de cearenses para o Acre; de brasileiros de todo ponto para a Amazônia no grande ciclo da borracha; migrações de mineiros para a Baía quando da descoberta dos diamantes da Chapada; migrações de paulistas para tôda a parte, especialmente para as minas e para as colônias militares do extremo sul; migrações de italianos, alemães, polacos, japoneses para os Estados do Sul; migrações de ibéricos — de portugueses para todo o País.

Poderíamos distinguir a invasão, da deslocação. Esta, do elemento nacional ou estrangeiro, dentro do larguíssimo território, transformou o nomadismo — um vício, a inconstância — um defeito, o espírito de aventura, o desvario e o sonho dos tesouros faceis — uma balda — em fermentos úteis à unidade étnica e espiritual — nacional, emfim — do Brasil.

Ha porém uma corrente predominante, uma espécie de *gulf-stream* das populações brasileiras, na rota meridional, embora sub-correntes levem às vezes ao norte o homem do sul.

Perdida a atração política do norte com a mudança da capital da colônia, não diminuiu, todavia, a atração econômica para alí, no áureo período do açúcar. Baía e Pernambuco valiam então o resto do Brasil. A vitalidade política e de cultura evoluíam

paralelamente com essa hegemonia econômica. E as amostras da inteligência e os fastos entre brilhantes e agitados, antes, durante e depois da independência, eram cintilações das gemas de riqueza, tesouros daqueles tempos do norte rico daquelas épocas.

A decadência do açúcar, entretanto, se foi acentuando — outras colônias no mundo o produziam; surgia a beterraba. Ao mesmo tempo avançava a todo galope a prosperidade do café no sul do País.

A riqueza dos garimpos, que já sangrara a população escrava do norte de seus elementos de trabalho, para Minas e Goiás, era agora a riqueza do café a despovoar o norte de sua escravatura, para encher de africanos e filhos de africanos os cafezais. “O café é o negro”, dizia-se. E, como escreveu Eduardo Prado, “o fazendeiro fechou-se no círculo vicioso de que já falava Saint Hilaire: comprava escravos para cultivar mais terras, adquiria terras para comprar mais escravos. Negros que desembarcavam no pontal de Marambaia e em Mangaratiba, e em Ubatuba, eram como os negros que desciam junto a Itaparica ou em Serinhaem. Mas veio a abolição efetiva do tráfico; e já de África não chegava um só escravo. O fator econômico que levava à Baía, a Pernambuco, ao Maranhão, ao Rio-de-Janeiro, a Minas, milhares de africanos, e levantara do colono português uma aristocracia brilhante, o fator econômico que deslocara grandes massas de trabalhadores e elementos brancos dirigentes para a mineração — levava, à falta do negro d’África, que já não havia, o negro do açúcar para as fazendas de café que florescia e enriqueciam. Ao alvorecer da segunda metade do século XIX o Brasil ouvia o tropel desabalado da grande descida de escravos para o Rio e São-Paulo.

Foi essa avalanche que Cotegipe, num projeto que ficaria célebre, e com justificativas de uma alta previsão, procurou escorar com a barreira de uma lei da proibição do tráfico interprovincial.

Queria o estadista baiano repetir *providências que a coroa portuguesa tomara para evitar que o imã da riqueza de certas capitâneas não desorganizasse noutras o trabalho e as empobrecesse*. Assinalou um historiador, como o hão de fazer todos aqueles que atentarem um pouco para as crônicas da época, que o êxodo motivado pela atração das minas teve as mais deploráveis conseqüências. Despovoam-se as terras, não somente de gente livre que corria à aventura, mas principalmente de escravos. Cessava o fabrico de açúcar em muitos lugares. Os lavradores ou imigravam ou vendiam seus escravos para Minas por

preços nunca antes sonhados. Reclamavam os governadores, queriam regular o comércio de escravos, pretendiam proibição para o Rio-de-Janeiro de portos do Sul (1706); taxavam pesadamente o escravo exportado. Em todo o século XVIII as autoridades represam a deslocação do trabalhador do norte para o centro sul. O empobrecimento das usinas foi uma parada efêmera até que viessem cruzeiros ingleses, a campanha de Eusébio, o *bill* Aberdeen, a cessação do tráfico, justamente quando o café começou a pedir com igual afã ao norte os seus trabalhadores.

Desciam êles aos milhares. Em 1854, por exemplo, não menos de 6.000. Seria essa ou talvez maior a quota anual de homens pretos mandados dali aos cafezais do sul. Tavares Bastos afirmava que de 1850 a 1864 haviam entrado só no pôrto do Rio, vindos do norte, 42.000 escravos, — parcela de um total em que entrariam os descidos pelo sertão, por terra, pelas estradas, pelo São-Francisco, e mais os contrabandos. Mais de 2.000 anualmente emigravam da Baía. Nesta província o êxodo continuaria sempre. “O sul enriquecia à custa do norte”, dizia Tavares Bastos.

Contarei dois fatos que desenham em águas fortes de traços nítidos sínteses impressionantes. Ao arrepio da corrente pelo Rio São-Francisco acima, corriam para o sul, noite e dia, os escravos que pediam os cafezais. Um dia em 1855, o juiz municipal de Pilão-Arcado — Dr. Vilaboim — pai do meu ilustre conterrâneo e amigo, pelo coração grande paulista, a quem tenho a satisfação de reverenciar com as manifestações de minha estima e de meu respeito...

O SR. SAMPAIO CORRÊA — Muito justamente.

O SR. WANDERLEY PINHO — ... o juiz Vilaboim apreendia uma família de 19 pessoas livres que seguia pelo rio São-Francisco para ser vendida como cativa. Chegava a cousa para tais abusos. O outro episódio caracteriza a descida marítima, que não se contentava com porões e conveses de navios repletos de escravos nas linhas normais de navegação. Foi em 1851. O lavrador paulista de Jacareí — Gomes Leitão — foi à Baía; alí adquiriu não menos de cem escravos ladinos. Levou-os às autoridades; obteve os passaportes; fretou o brigue “Piratinim” e fez-se de vela com aquela fortuna para o Rio. Um navio do cruzeiro inglês, porém, o “Scharpshooter”, violentamente apresou o brigue, depositou os escravos na presiganga “Crescent”, conduziu o brigue como prêsa, como se fôra um ne-

greiro da África, e ao que parece, levou os escravos para as Antilhas britânicas.

Avivo a memória dos Srs. Deputados sobre estes fatos para, sobretudo, lembrar os argumentos de ordem política e econômica que foram trazidos à tribuna parlamentar para evitar esse êxodo.

Dois homens do norte que sofria, apresentaram-se então em campos opostos, com argumentos contrários. O Deputado Viriato, do Maranhão, vivo e esquisito, mas pouco afeito à realidade, opunha-se à proibição de Cotegipe, que interdizia o transporte de escravos de umas províncias para outras. Viriato lembrava que, com a alta dos preços conseqüente à abolição do tráfico, um escravo de 500\$000 subira, no norte, a 1:000\$000. Duplicaria assim a riqueza alí; e alí se julgava mais útil transformar negros em moeda, isso porque o escravo não dava naquelas regiões renda proporcional ao seu valor. O projeto ia desvalorizar essa riqueza pela falta de procura que acarretaria. "Mas que faremos de nossas terras do norte? Terras sem braços?" — se perguntava Viriato... "certamente por algum tempo as nossas terras do norte ficarão incultas, — respondia — passaremos por uma crise... depois dessa crise teremos imensos bens, teremos abundância de braços livres, eu vos afianço, porque logo que principiarmos a sentir mais fortemente a falta de braços escravos procuraremos fazer a colonização em maior escala".

E, com uma certeza divinatória que o enganava: "Senhores, eu sou filho do Maranhão, tenho lá alguma fortuna e quando vejo estes vapores cheios de escravos que nos chegam do norte, fico satisfeito, intimamente persuadido que assim mais brevemente se fará sentir necessidade de ativar, de desenvolver a colonização."

Este queria despovoar o norte para estimular a colonização. Cotegipe, ao contrário, queria reter alí o trabalhador, para não empobrecer aquela região, à espera da colonização que viria tardia. Reconhecendo a maior vantagem do trabalho ao sul, com o café, que ao norte, com o açúcar, e que o êxodo conseqüente da escravatura reduziria o norte a criar bois, respondia aos que lhe objetavam com a razão econômica da procura do trabalho onde é mais lucrativo, exclamando: "Admiro-me que haja quem se esqueça dos interesses de seus irmãos para só cuidar de aumentar os próprios! Pois, senhores, de-veras quereis que só duas ou três províncias regorgitem de riquezas e as demais províncias fiquem reduzidas a míseros irlandeses!?" E, contra-

riando os argumentos do Deputado maranhense Viriato, ajuntava: "Penso que não teremos colonização no norte sem que tenhamos colonização no sul. A colonização, senhores, pequena, como a temos, vai-se encaminhando, de preferência, para o sul; o seu clima aproximado àquele com que está habituado o colono europeu, a sua maior riqueza, e por conseguinte os maiores adiantamentos que podem fazer os proprietários do Sul para atrair a colonização, mesmo a circunstância de estar a Côrte ao sul, fazem com que a imigração procure, como tem procurado, essa parte do império, e só depois do sul estar repleto de colonos é que alguns procurarão o norte... Mas vós que quereis suprir de braços escravos o sul causareis um dano geral; não tereis colonização ou não vos esforçareis por tê-la enquanto tiverdes o mercado de escravos do norte, e deixareis o norte empobrecido, sem escravos e sem meios com que possa promover a colonização. Senhores, tornando-se as províncias do norte mais pobres, o futuro do Brasil está desgraçado. Cessando a escravidão no norte como consequência dos continuados suprimentos feitos ao sul, quer a imigração européia afluia para alí quer não, os resultados políticos para o império serão graves e perigosos. A consequência de uma mudança radical nas condições do trabalho das províncias será o antagonismo político entre as províncias do sul e as províncias do norte, porque estas, logo que não tiverem escravos, se empenharão para que os não haja no sul; as províncias do sul quererão o contrário, e veríamos saltar dêste choque de interesses entre nós os mesmos perigos que teem ameaçado a União dos Estados Unidos da América."

Essa preocupação de felicidade comum de todo o Brasil; de sua unidade, Cotegipe a definia então: "O estadista não é um especulador que busca somente a maior produção, o estadista tem em mira outros interesses mais momentosos, outros pensamentos mais nobres e elevados; o estadista no que sobretudo se empenha é em conseguir a felicidade do povo que governa. E não pode promover o bem estar e a felicidade de uns, cavando a ruína e fazendo a infelicidade de outros."

Continuou todavia o êxodo do negro do norte para o sul; a desproporção econômica dessas duas regiões do País se acentuou; a população escrava do norte diminuiu ainda pela epidemia da cólera em 1855, que devastou as senzalas do norte, especialmente as da Baía. Posteriormente a imigração européia se dirigiu, como previa o estadista baiano, exclusivamente para o sul. O sul crescia, enriquecia, modificava com os hábitos e ha-

bilidades do trabalhador europeu os seus costumes, e, se recebia aquela constante injeção de sangue negro, recebia outrotanto italianos e alemães. O norte ficava entretanto limitado ao crescimento natural da população autóctone e à imigração estrangeira, especialmente a ibérica, espontânea, porém, reduzida.

Esse mesmo espetáculo impressionaria ainda a Cotegipe quando em 1887-1888 encabeçava a resistencia à abolição revolucionária precipitada e sem indenização. As palavras de seu discurso no Senado a 19 de Outubro de 1887, respondendo a Antônio Prado, que apressava a solução dentro de um prazo no qual São-Paulo se prepararia para não precisar de escravos, mais uma vez acentuariam uma profunda diversidade de interesses econômicos-sociais entre regiões brasileiras. "As circunstâncias são idênticas? perguntava Cotegipe. As indústrias agrícolas das províncias as mesmas? Os gêneros que elas produzem podem suportar tanto quanto os de São-Paulo a concorrência estrangeira? O café, que é computado em 4/5 de toda a produção do mundo, não está nas mesmas circunstâncias que o açúcar, combatido por todos os lados, não só pela produção de colônias, não só pelo cultivo da beterraba na Europa, como também por meio de leis proibitivas na importação. Ao passo que o café nos Estados Unidos é recebido livre de direitos, sobre o açúcar pesam extraordinários.

Em França é quasi impossível a importação de um quilo de açúcar. Na Alemanha se dá o mesmo, e ainda ultimamente o álcool tem sido tributado de forma a tornar impossível também que os produtos estrangeiros possam concorrer com a indústria alemã. Ora, nestas circunstâncias, disse S. Ex.: — "Não nos podemos regular pelo passo do retardatário!" — Não, senhores, não é o passo do retardatário que vos pode regular, mas sim a sorte de vossos irmãos... somos uma família de irmãos... nós não precisamos que nos ajudeis, não digo a manter tal ou qual prosperidade, mas o indispensável para nos sustentar: precisamos que nos deis algum tempo para chegar à meta."

Veio contudo a abolição sem indenização, sem transição, sem proteção ao liberto. Empobreceram ainda mais as províncias sem colonos.

Há que estudar até onde influíu a lei *áurea* na economia do norte e dos Estados do Rio-de-Janeiro e de Minas especialmente. A capacidade, a produtividade do trabalhador negro essa desapareceu sem dúvida, no ambiente e sob as inspirações de uma liberdade, equiparada no ânimo do antigo escravo à ociosi-

dade, alentadora do ódio ao trabalho como uma reminiscência do eito, reduzida a atividade do antigo escravo ao bastante ao pão de cada dia e às necessidades as mais restritas e imediatas, de abrigo e vestuário. Desceu o *standard of life* do trabalhador — na alimentação, na higiene, na roupa, na moradia.

A choça substituiu a senzala de telha; formaram-se nas cidades “mocambos” e “favelas”; a enfermaria dos escravos desapareceu; desapareceu a escola das caixarias dos engenhos; os médicos de partido e os capelães perderam pingues ordenados, corpos e almas de escravos que curavam. O negro desamparado repentinamente das defesas sociais, econômicas, disciplinares e higiênicas do senhor, que antes cuidava dele como de sua fortuna — o negro começou a ser devastado pela miséria, pelo alcoolismo, pela tuberculose. E há quem diga que moléstias quasi desaparecidas ressurgiram com a abolição como ela foi feita.

A reação, a adaptação ao regime livre veio lenta, sem indenizar os males econômicos causados.

Os números e estatísticas da produção e do comércio imediatos a 1888 talvez não confirmem em absoluto a descrição dêste panorama. Mas os vestígios sociais são evidentes como ruínas que relembram e afirmam. Ainda a história da abolição nas senzalas está por ser feita. Até hoje só se escreveu a do abolicionismo, isto é, a crônica urbana e parlamentar de uma campanha de grandes claridades. A sociologia, a economia política do 13 de maio estão apenas esboçadas.

Mas, se a libertação do escravo ia agravar o contraste econômico entre norte e sul com a perturbação do trabalho numa indústria em decadência — o açúcar, ela conservaria o problema étnico no mesmo pé. Não cessou a descida dos negros, não cessou a avalanche dos caboclos sertanejos, não cessou a emigração dos brasileiros e nortistas de todos os matizes, — a atração do café se acentuou, exercendo-se ainda com sucesso através o oceano, até o Mediterrâneo, a carrear da Europa levas e levas de imigrantes brancos. A ascendência política, decorrente da hegemonia econômica, facilitava, com o bafejo oficial, um tão notável surto demográfico que as facilidades de comunicação espalhavam, sobretudo por esse solo maravilhoso de São-Paulo, essa milagrosa terra roxa, misturando aí o que há de fecundo em indústria, belo em arte, cintilante em futuro no italiano, com o que há de ativo e altivo, seguro e audaz, no paulista. Era agora aí, sobretudo, que a mistura das raças se processava. O caudal mestiço-brasileiro descia a desaguar onde afluía o caudal dos

brancos, seu tanto mestiços, do Mediterrâneo. Embora esse afluxo dos brancos, a porcentagem ariana não se desenvolvia proporcionalmente a êle, mercê dos brasileiros-paulistas que ali encontravam, dos brasileiros-nortistas que também para lá emigravam. Mas a diferenciação entre o norte sul, entre açúcar e café teria que ser agravada pela dissemelhança étnica, que viria e vem lenta, porém infiltrante. Faltam-nos estatísticas, mas haverá sempre alguns números a apresentar como provas. A situação econômico-financeira de norte e sul era ainda em 1855 a seguinte: importação (mais de 50 % ao Rio-de-Janeiro); norte 40 %; sul 5,1/2 %. Exportação (Rio-de-Janeiro 60 %) norte 37 %; sul 10 %. Tráfego marítimo: norte 8.263 embarcações, sul 5.759.

Vejam as duas províncias como pólos das duas regiões — Baía e São-Paulo. Enquanto a Baía dava às rendas gerais 4.400 contos, São-Paulo chegava apenas a 443 contos. Nas rendas provinciais era este o contraste: Baía 13.600 contos, São-Paulo 482. Exportação: Baía 12.800 contos, São-Paulo 3.200. Tráfego marítimo: Baía 3.656 embarcações, São-Paulo 275.

A essa superioridade econômica, que aliás caía aceleradamente, correspondia determinada distribuição étnica.

Onde a maior riqueza, aí maior afluxo de escravos. A tinta africana da população nortista, entretanto, se rarefazia. Ia atingir agora os cafezais do sul.

Essa grande migração do elemento negro, se tinha por causa o ascendente econômico do sul, e se agravava a decadência econômica do norte, não deixava de trazer em si benefícios, como todas as coisas e fatos maus. O grande e excessivo acúmulo de elementos da raça negra no norte se reduzia.

Em 1851 uma estatística dava para o norte do Brasil — Baía acima — uma população de 3.703.000 habitantes, dos quais 967.000 escravos ou negros, para o sul uma população de 2.180.000 habitantes, dos quais 850.000 escravos, para o centro (Minas e Mato-Grosso) 1.300.000 habitantes, sendo 301.000 escravos. Ora, como vimos, a descida anual não era inferior a 6.000 cativos que vinham do norte para o sul. A Baía, por exemplo, que em 1851 tinha 500.000 escravos, em 1874 se via reduzida a 173.639. Diminuíra de mais de dois terços da sua população negra encaminhada para o sul, especialmente para o Rio-de-Janeiro e para São-Paulo.

Mesmo admitindo que a descida de escravos continuasse na mesma proporção assinalada por Tavares Bastos: 3.000 anualmente — o que é uma média baixa, e como a emigração servil,

de norte para sul não se estancou até a abolição, ou se quisermos até 1880, temos que de 1851, ano da estatística, de que nos servimos, até 1880 desceram do norte para o sul 87.000 negros. E como as entradas de africanos depois de 1851 foram mínimas e por assim dizer iguais no norte e no sul, temos que a situação, que era em 1851 — norte 967.000 escravos, sul 850 — passou a ser norte 880.000 — sul 937.000.

Inverteu-se a maior porcentagem do elemento negro na população. Foi o café que, chamando o negro do norte, adensou-o no cenário meridional, onde se foi misturar com as grandes levadas de europeus que aí chegavam.

Não temos elementos para comparar o afluxo de imigrantes europeus ao sul com o dos elementos nacionais que continuavam depois da abolição e da republica a descer seguidamente do norte. Esta corrente talvez, ou certamente, na sua maior força se fazia pelo sertão, pelo largo caminho do São-Francisco, criando com um vocabulo novo uma entidade social não desprezível no estudo da evolução da nossa sociedade: — “o Sampauleiro”. Não podemos amiudar também a análise das entradas de europeus no norte e no sul. Podemos lembrar, entretanto, que a entrada normal costumeira de europeus no norte não foi perturbada enquanto ao sul se desenvolvia nas grandes massas migratórias, sobretudo depois de 1880.

Essas massas encontravam uma base demográfica tanto ou mais colorida que a do norte. Mas, se a entrada do ariano ou pretense ariano, no sul, era muitas vezes maior que a que se verificava no norte, por certo que a dissolução do pigmento se processaria por diversas fórmulas.

Não fôsse a corrente norte-sul e já uma viva diferenciação étnica ter-se-ia pronunciado entre as duas regiões brasileiras. Mercê dêsse fluxo e da fecundade do elemento brasileiro que o imigrante encontrou, começam só agora a ser perceptíveis dissimelhanças que já nos inquietam. Não falo daquelas zonas de aglomeração de elementos estrangeiros que formam, mais do que um aspeto da questão que estou neste momento versando, um outro problema tão grave como aquele.

Já é motivo para a preocupação que inspira o meu projeto êsse maior grau de arianização ao sul. Embora falhos, e sobretudo errados na dosagem do negro do norte, por tomar-se a parte pelo todo, assimilando o litoral ao sertão (o sertão do norte não tem quasi negros), muito dizem os números que conhecemos, acêrca da progressão percentual de brancos nas várias regiões do País.

Assim, se nas estatísticas de 1851 tínhamos para a Baía, Maranhão, Rio-de-Janeiro, Municipio Neutro e Rio-Grande-do-Sul 50 % de escravos, isto é, metade da população pelo menos de negros; para São-Paulo e Minas 25 %; Santa-Catarina 16 %, — em 1889, quarenta anos depois, resultado da imigração para o sul, segundo Eduardo Prado, eram estas as proporções de brancos: na Baía 25 %, Rio-de-Janeiro 38 %, Rio-Grande-do-Sul 50 %, São-Paulo 67 %, Santa-Catarina 78 %.

O norte tinha, como ainda informa Eduardo Prado, 30 % de brancos, o sul 57 %, sendo os restantes: negros, mestiços, caboclos.

Segundo o recenseamento de 1890, o coeficiente de negros, que na Baía em 1851 era superior a 50 %, baixou a 20,39 %; no Rio-de-Janeiro, que era de 50 %, baixou a 26,79 %; no Rio-Grande-do-Sul, que era de 50 %, baixou a 8,68 % (grande imigração ariana sem a imigração nacional), em Minas, que era de 25 %, baixou a 18,31 %; em São-Paulo, que era de 25 %, baixou a 12,97 % (grande imigração ariana, temperada da imigração brasileira).

Os últimos recenseamentos não cuidaram de informações sobre a raça, mas os algarismos, que acabamos de alinhar, ainda defeituosos, testemunham com eloqüência como se fazia a dissolução do elemento preto e como a arianização se processava frisantemente no sul.

A tendência arianizante na população brasileira é um fato constante e acentuadíssimo. Vultosos foram os novos elementos brancos que nos chegaram. A imigração amarela é recentíssima. E se o norte, não recebia o caudal imigratório, não cessou de acolher o normal das imigrações de sempre. Assim, por exemplo, numa estatística que me cai sob os olhos — de 1908 a 1912 — 30.000 europeus se dirigiram para o norte. Portugueses e espanhóis nunca desprezaram o setentrião brasileiro. E as riquezas da borracha encaminharam a seu tempo para a Amazônia levas de portugueses. Já nos últimos anos da monarquia os vapores da "Red Cross Line", dirigindo-se em linha reta de Liverpool e o Havre para Belém e Manaus, partiam para alí cheios de imigrantes portugueses. Mas é evidente que sempre ao sul essa arianização se fazia mais precipitadamente. De 1872 a 1890, é o que afirmam as observações e estatísticas, enquanto no país o grupo negro crescera de 7.000 indivíduos, o mestiço de 44.000, a massa branca avultava em mais de 137.000. O caboclo puro, desprezado pelas estatísticas, entrava na ampla iguacaba dos mestiços. O fato geral arianizante é animador, mas há

evidentemente uma má distribuição. E' esse erro, cujos resultados começam a inquietar, que os estadistas teem que corrigir, e emendar o legislador.

Temos insistido na significação do fator econômico em sua magnética atração — congregando o homem, chamando e adensando populações, criando civilizações e misturando raças. E não nos cansaremos de insistir nas conseqüências do grande movimento congregante do café, que acrescentou a agitação das correntes humanas com um novo fluxo — o dos italianos, alemães, etc. Entre essas conseqüências estão a modificação dos costumes, a utilização de outros instrumentos de trabalho, outro ritmo na atividade, outro rendimento na ação individual e coletiva.

Tudo são quebras de unidade que intranquilizam os verdadeiros amantes do Brasil uno e forte.

Foi a entrada dos imigrantes ao sul que deu origem ao surto industrial paulista e sulriograndense, junto às condições econômicas favoráveis que encontraram. Ainda na sessão do dia 12 dizia em aparte ao Sr. Diniz Júnior o Deputado gaúcho Renato Barbosa, do grande bem que trouxeram os alemães ao seu Estado, particularizando “a civilização esplendente que criaram, além da educação que trouxeram, pelo exemplo, às populações autóctones”. Isso acentuou diferenças entre o norte e o sul. Alí a educação do trabalho, a adaptação dos novos moldes, a evolução em busca do padrão europeu, se faz com a lentidão dos autodidatas, com a pausa e o esforço próprio dos elementos antigos.

Esse aspecto de identidade étnica que escapava à cogitação dos nossos homens do império e foi letra morta para os estadistas da republica, é dos que jogam com o que há de mais sério para o brasileiro — a unidade nacional. O antagonismo econômico receado por Cotegipe é minguido perigo diante do antagonismo étnico, que aliás é conseqüência daquele.

A minha sentimentalidade, a emoção exaltada do meu patriotismo, cria-me uma fé granítica na unidade nacional que há de desafiar séculos; essa fé origina a certeza dos fatos providenciais; ela me comunica a antevisão dos grandes movimentos de homens do sul correndo para o norte, chamados por outra riqueza igual à do açúcar, ou à da borracha, superior à do café ou à do ouro — digamos petróleo, digamos a utilização econômica dos espinhais das caatingas, digamos oferendas novas do solo, do sub-solo do setentrião, chamando o homem faminto de riqueza. Mas o homem de Estado não pode ficar no êxtase sentimen-

tal à espera das fatalidades providenciais que imagina. Tem que providenciar com tempo e remediar com acêrto.

Sim; um dia uma determinante econômica — como foi o surto da borracha que levou à Amazônia brasileiros de todos os Estados e fez de Plácido de Castro — um gaúcho — o herói do Acre, atrairá para o norte a corrente ascendente que neutralizará aquela que há mais de um século desce para o sul. Mas não aguardemos parados. Estimulemos a ida do brasileiro do sul — teuto-brasileiros, ítalo-brasileiros — às regiões setentrionais do País levemos ao norte os surtos imigratórios arianos, não demoremos de corrigir com a arte do estadista os defeitos do crescimento, os gigantismos parciais, as parciais atrofias, as hemiplegias passageiras, anquiloses fugazes, do corpo do Brasil. Façamo-lo uno e igual. Como hoje, igual na raça e na religião, e na língua e nos hábitos, e nas virtudes como nos defeitos, nas tendências como nos ideais.

Numa época em que tanto se fala em racionalização e em economia dirigida, o problema norte-sul se impõe como o problema maior da nacionalidade, na sua dupla face — econômica e racial.

Não nos oponham, como é costume a espíritos menos ponderados, o clima do norte como um veto à imigração do europeu. O *clima* não tem êsses defeitos categóricos. A própria noção do clima se baseia em tão díspares alicerces que nos decidem a jamais estabelecer num país zonas definidas, separadas por linhas rígidas. Estão Rio-de-Janeiro e Santos ao Sul — mas ao tempo da febre amarela eram cidades de um *clima* proibitivo pra o europeu, peor, incomparavelmente peor, que o de Manaus sob o Equador. Osvaldo Cruz e as obras de saneamento transfiguraram um clima, antes espantinho de nórdicos e mediterrâneos.

O *clima* não é uma expressão sintética que valha para êsses decretos irrecorríveis e essas barreiras intransponíveis. Se atentamos como êle, em relação à existencia humana, se desdobra em temperatura; em higrometria; em altitudes; em natureza, direção e constância dos ventos; em pluviometria; natureza e relêvo do solo; vegetação ambiente; endemias locais; atividades especiais da população — pastorís, agrícolas, industriais — estamos a ver que ninguém pode levantar muralhas, além das quais se decreta a impossibilidade da vida produtiva do imigrante europeu. E onde começa essa barreira no Brasil? Por onde se estende ela? Baía abaixo? Pois a Baía não participa de certas características meteorológicas que a integram aos climas do sul? Até

lá não se faz sentir “a ação refrescante dos sistemas anticiclônicos tão freqüentes no sul do Brasil”, como assinalou Morize? Acima da Baía? Desmentem-no as colônias de alemães, como a de Uvá, e de italianos, em Goiaz, como a contraditam, na Baía, a prospera colônia de italianos, em Jequié, em terras relativamente baixas e quentes, em pleno sertão.

Acabemos de vez com êstes preconceitos sem base na ciência, sem assento na realidade, sem confirmação na nossa história.

O fracasso de certas tentativas de colonização européia, na Baía, por exemplo, nada tem com o clima mas com a falta de estímulo econômico e sobretudo com os erros administrativos de sua localização, organização, manutenção. Mas onde a economia cresceu, onde o cacau criou riqueza, há fortunas hoje fruídas pelos filhos ou netos daqueles colonos alí chamados — Steigaer, Berbet, Fuchs, Muller, Kruchewsky, Olenverger e tantos mais.

A Baía, na sua posição entre norte e sul, quis sempre e quer ser norte, e o é.

Essa sua posição entre as divisas das duas regiões da Pátria está destinada a encabeçar um movimento de atração de homens de outras raças para modificar hábitos de trabalho, para modificar caracteres raciais, para igualar o norte, que permanece, ao sul que se distancia e modifica.

Eduardo Prado, contrariando Straten Ponthoz, já dizia em 1889: “O europeu pode se aclimatar no norte do Brasil. E’ a opinião de todos quantos teem visitado o Amazonas.” E cita Wallace a gabar a maravilhosa frescura da atmosfera, a doçura balsâmica das noites setentrionais; Agassiz a dar testemunho da salubridade e da boa temperatura do clima amazônico; Cou-dreau a frisar, numa comparação com a Guiana, como os colonos brancos na Amazônia se aclimataram e prosperaram, nesse centro de riqueza e felicidade que seria em breve um centro de atração de imigrantes da Europa; Castelneau que expõe a tese do trabalho possível e produtivo do europeu sob os trópicos.

E Eduardo Prado, ainda contestando, assim, a opinião antiga de Cotegipe (que o estadista baiano provavelmente não teria ao fim da sua vida) firma a esperança da imigração para o norte, na certeza da expansão natural dessa região do País, sem ser preciso aguardar “que as províncias do sul estejam saturadas de imigrantes e que despejem para o norte os excessos da sua população”.

Disponha-se cada govêrno estadual do norte a fundar e manter colônias de imigrantes; defenda cada govêrno setentrio-

nal como o melhor do seu programa mostrar ao fim de cada exercício quantos colonos europeus fixou ou ajudou a fixar no seu Estado, e (por que não, por ora?) quantos asiáticos. Mande-nos ao norte o govêrno federal — alemães, italianos, portugueses, suíços, finlandeses, polacos, espanhóis e até japoneses. Ergamo-nos, os do norte, neste setor administrativo, da inércia; desse quietismo conformado como se tivéssemos de esperar as sobras humanas do sul. Fixe-se o caboclo (ou desça embora o caboclo); fixe-se o mestiço ou negro (ou continuem embora a descer os negros e os mestiços), chamem-se imigrantes eurásicos.

Faça-se da colonização, a princípio, um item de luxo improdutivo das administrações; faça-se mesmo dela um ideal utópico de realização remota. Menos serodidamente do que pensam muitos dos homens de hoje êsses devaneios e sonhos se farão fatos e utilidades.

A colonização do norte há de cedo alegrar e orgulhar homens de hoje e de amanhã.

Por certo que ninguém pensaria em Estados muito menores que o nosso, quanto mais num País extensíssimo como o Brasil, criar por leis a equivalência econômica e racial de todas as suas províncias. Mas, quando as diferenciações podem ameaçar a coesão e o futuro da nacionalidade, o estadista tem que intervir porque tem muito o que remediar.

Ao demais em nenhum Estado como o Brasil o problema da unidade nacional se apresenta como entre nós. A despeito das grandes superfícies; da rarefação demográfica; das comunicações precárias; das latitudes diversas; das bases econômicas contrastantes nada mais sólido, surpreendentemente sólido, do que a unidade brasileira.

Não somos uma França de provençais e bretões; uma Espanha de catalães e galegos; uma Inglaterra de irlandeses e escoceses; uma Suíça de três línguas e duas religiões.

Nada mais comovente ao sentimento patriótico do brasileiro que o espetáculo dessa unidade ao viajar, correr por mar, pelos rios, pelo caminho de ferro, pelas estradas de rodagem, o País. Somos iguais, somos quasi totalmente iguais. As casas que beiraram as estradas tem a mesma arquitetura, as mesmas dimensões, o mesmo quintal de cêrcas ao fundo, o mesmo alpendre derramado à frente. O traço idêntico, o falar o mesmo, a língua sem sotaques quasi — variações de um leve cantar como uma melodia distante mal decorada — o gesto semelhante. O gibão de couro do nordestino é uma peça do guarda-roupa do gaúcho

que prefere o ponche. Surgem aqui ou ali ancenubios — justamente nesses núcleos coloniais que demudam seu tanto a fisionomia nacional geral. Mas uma reação será obra feita em cinquenta anos. Escolas e escolas só brasileiras; batalhões de nordestas, entre alemães, italianos e polacos ou japoneses — colônias de nacionais junto aos europeus ou asiáticos. Mas também europeus e asiáticos para o norte.

Enchemos muita vez o peito, a eloquencia ou a literatura explora essas emoções, recordando fastos com o título de baianos, paulistas, mineiros, pernambucanos, gaúchos, como a nos destacarmos uns dos outros, em superioridade. Aquí porque fizemos a independencia, fomos bravos no Paraguai, demos estações de talento, governámos durante uma larga época o País através nossos estadistas; alí porque expandimos a Patria, porque dilatámos o império, porque criámos uma Bélgica, porque nos avançámos muito além dos demais no presente; além porque, conservando as características antigas do brasileiro da colônia, o mixto de caboclo e português, fomos amigos da liberdade e da paz, soubemos nos rebelar contra a prepotência, e amar a ordem com a lei, tendo do trabalho mais a noção da economia do que a da ousadia; adiante porque expulsamos o batavo, brigamos por largos ideais, fomos rebeldes e altivos, a fama nos coroou com o título de leões; acolá porque fomos bravos dispostos à guerra, paramos ao sul a invasão castelhana, fomos com Osorio à Tuiuti. Mas por isso haverá uma superioridade, uma raça baiana, paulista, mineira, pernambucana ou gaúcha? Olhemos o tempo, olhemos a vida das nações que se contam por séculos e não por décadas. Roda a rosa dos ventos; a prosperidade regional se sucede por etapas não nos orgulhemos da vez da felicidade antiga ou atual olhando de soslaio os menos venturosos de ontem ou de hoje; nem nos abatamos os mais fracos de agora mirando com inveja os mais poderosos ou os mais felizes desta época. Ajudem-nos como irmãos para que sejam menores as diferenças da fortuna; aguardemos cada um nossa vez de prosperidade ou de infortúnio.

Esse espírito de solidariedade nacional é que se não deve perder, antes alentar e desenvolver.

Por certo que a riqueza, como a glória, desperta orgulho, que é na ordem dos sentimentos uma dimensão, uma distância, uma noção de superioridade. Mas a razão modera êsses entusiasmos que encham o peito de jatância e esvaziam o cérebro dos fatos que a história guarda para a advertência a tais excessos. Não baseamos a superioridade de uma região na excelên-

cia dos seus habitantes, senão no vulto da riqueza ou na ventura das circunstâncias; não malsinemos a decadência local como um estigma de inferioridade do homem, senão culpemos fatalidades geográficas, oscilações de riqueza, infortúnio dos fastos. Onde houve um produto que o renumerasse, um fator de riqueza que o opulentasse, o homem agitou-se, criou, fez-se, — enquanto rico, guerreiro, — enquanto afortunado — esclarecido, convicto dos determinismos providenciais de sua predestinação. Essa lição da história, a seguir a evolução dos ciclos econômicos nos nossos anais. Aí estão açúcar, ouro, café, borracha, — polarizando a riqueza, orgulho, superioridades locais, ora de pernambucanos e baianos, ora de mineiros, agora de fluminenses e paulistas, logo de amazônicos. Desloca-se, num País vasto como o nosso, o polo econômico e com êle o da civilização, da cultura, da política, do orgulho local.

Mas a despeito de tudo, através de todas as vicissitudes não se quebra essa unidade brasileira apenas sombreada e colorida de matizes, — aquí ou alí tendências diversas que se esboçam, além ou aquém esmaltes que se sobrepõem à contextura idêntica do brasileiro. Vêde por exemplo, senhores Deputados, nessa variedade de tipos que aquí neste recinto se reúnem — brasileiros vindos de tôda a parte, de todos os Estados e todos os recantos de cada Estado, — vêde nessa variedade a unidade, que não permitiria reconhecêsseis o homem do norte ou do sul, destacásseis o representante do Pará ou do Ceará, do Deputado dos pampas, o paulista do pernambucano, o mineiro do nordestino.

Que alguém que nos não conhecesse viesse separar Deputados pelas regiões do País, bancadas por Estados!... Quantos erros!... Mas já na massa popular em dadas zonas do País se acentuam diferenças e contrastes.

Em síntese, Sr. Presidente, uma unidade que começa a fender-se nos primeiros estalos carece da providência urgente das leis. Se bem a redigí; — esta cujo projeto apresento — não sei. A Camara resolverá. Fi-lo com toda a alma de brasileiro sem preocupações regionais, sem lembrar o passado ou encarar o presente senão para prover e dispor a felicidade do futuro, mas a felicidade do Brasil.

Quatro séculos de existência para a civilização; um século de autonomia — uma evolução político-econômica travada e tecida nesse entrecruzar de diversidades e adversidades; uma vida política muitas vezes sem roteiro, perdidas as fôrças propulsoras ou anárquicas lutas sem vantagens — legaram à nossa geração êsse patrimônio como jamais teve outro povo: unidade perfeita

numa extensão imensa, uma coleção de raças sem antagonismos étnicos. A nós cumpre transmitir à geração que nos sucede, intacto ou acrescido, êsse incalculável tesouro que herdamos.

(Muito bem; muito bem! Palmas. O orador é cumprimentado.)

(*Transcrito do "Diário do Poder Legislativo" de 30-6-1935*)

---

## RESUMO EN ESPERANTO

*Fikslokado de la enmigrantoj kaj asimilado de la fremdlanda enmigranto — S-ro Wanderley Pinho.*

S-ro Wanderley Pinho, deputado el Baía, pritraktante la demandon pri la enmigrado en nian landon, prezentis projekton koncerne la lokadon de la enmigrantoj kaj ties asimiladon.

Por pravigi sian projekton la reprezentanto de Ŝtato Baía faris brilegan paroladon, kiun ni ĉisupre transskribas kaj kiu devas interesi ĉiujn sin donantajn al la studado pri la enmigroj, ne nur pro la klereco de tiu deputito, sed ankaŭ pro la abundeco de faktoj prezentitaj en la parolado.

## C A B O - F R I O

Paulo José Pires Brandão  
Do Conselho Diretor da Sociedade

Lido em Sessão do Conselho Diretor de 6 — 12 — 1934.

Entrei nesta cidade talvez a que mais velha tenha assentado seus fundamentos no Brasil. Lugar onde pela primeira vez o homem branco pôs os pés. Entrei não vindo pelo mar, como os primeiros que a ela trouxeram a civilização que como sempre na América vem do mar. Entrei vindo do interior pela grande ponte de cimento armado que atravessa o canal da lagoa de Araruama, donde se pode admirar com espanto a linda situação geográfica e a extensão desta cidade onde seu casario conservado e limpo mostra a autenticidade de sua velhice. Esta ponte assenta uma de suas extremidades numa elegante colina em cujo cimo modesta e tosca capelinha eleva-se à devoção de Nossa Senhora da Guia que frades Franciscanos de Santo Antonio do Convento de Nossa Senhora dos Anjos na base da mesma colina cuidaram e veneraram durante séculos. Hoje êste Convento que foi fundado em primeiro de Abril de 1617 está completamente demolido, conservando-se ainda e em perfeito estado a Igreja dêle e a da sua Ordem Terceira onde ostentam altares de artística obra de talha e uma riquíssima grade de jacarandá negro que os separam. Êste Convento no seu apogeu foi habitado por 48 frades menores sem contar leigos e sacristães.

Mais duas outras Igrejas tem a cidade a de São Benedito da Passagem e a Igreja Matriz de Nossa Senhora d'Assunção.

Em 1721 a Câmara de Cabo-Frio comunicava a El-Rei D. João V de Portugal o achado milagroso de uma imagem de Nossa Senhora da Conceição dentro de uma grotta à beira-mar onde as agitadas ondas em sua fúria souberam respeitá-la, e para ela foi construída uma Igreja hoje desaparecida mas a imagem de sua padroeira ainda é venerada em um dos altares da atual Matriz.

Foi Constantino Menelau que com tropas que trouxera e alguns pobres pescadores depois de renhidos combates expulsou de vez os corsários que infestavam Cabo-Frio e suas praias. Corsários que viviam na rendosa derrubada e transporte para a Europa das toras do então afamado *Pau Brasil*. Em consequência destes heróicos feitos d'armas teve a cidade o titulo de *Nobre*. Expulsos os piratas, Menelau edificou um forte dedicado a Santo Inácio e traçou o primeiro plano da cidade que batizou de *Cidade de Santa Helena*. Era justo, nem podia ser de outra forma que a primeira cidade da terra de Santa-Cruz, tivesse o nome de Santa Helena. Santa Helena como mãe deu a Roma na pessoa de seu filho Constantino o primeiro Imperador Cristão o fundador de Constantinopla e como cristã fervorosa descobriu na longínqua Terra Santa a Santa Cruz, lenho sagrado onde Jesús foi crucificado.

A cidade chama-se hoje simplesmente Cabo-Frio. O forte ruíu, edificaram-no de novo no mesmo lugar então com o nome de São Mateus. Hoje este segundo forte também ruíu todo, porém os baluartes ainda de pé enfrentam os vendavais e as injúrias do tempo e seus velhos canhões desmontados e espalhados por todos os lados se não incutem pavor, fazem pensar as gerações presentes no que deveria ter sido nos primeiros tempos as lutas de conquista.

A grande cordilheira de montanhas que remata Cabo-Frio precipita-se pelo mar grosso a dentro numa extensão de dezoito léguas onde embatem-se ondas sempre revoltas e um poderoso farol avisa aos navegantes o perigo dos escolhos orientando e dando-lhes uma rota certa e segura.

Cabo-Frio não precisa doutras cidades nem doutros centros para viver, ela tem vida própria, próspera e se engrandece sem querer a si própria com o pescado abundante de seu mar, de suas lagoas e com a indústria do sal que abarrota armazens, transborda navios que de panos enfunados num constante vai-vem embelezam ainda mais sua maravilhosa paisagem.

A sua indústria do sal vem sendo explorada desde tempos inmemoriais e Portugal quando metrópole tanto e tanto legislativa sobre êle com a mesma ambição que legislava sobre o ouro e diamantes tirados das minas do Brasil.

Não foi somente o ouro e os diamantes do Brasil que enriqueceram Portugal, reconstruindo Lisboa, comprando sedas e alfaias de França e Inglaterra, fazendo o Patriarcado de Lisboa e outras honras e breves da Santa-Sé, foi

também o sal de Cabo-Frio que encheu as suas ávidas e sequiosas arcas.

*Não se vive de vento*: dizem os Cariocas. Pois Cabo-Frio vive do vento. E' êle que ajuda a cristalização do sal, que faz mover os moinhos que levam água às salinas e enfunam as velas para correr os barcos no seu constante transporte.

Vento bem abençoado, constante aragem que vem do mar, carícia de saúde, festa de alegria, alavanca de progresso, vento que não para, varre a cidade e à noite quando a população dorme êle vem como uma guarda de conchas, sussurro de sereias e em gemidos prolongados canta como uma trova de saudade lembrando os segredos e os mistérios que se acoitam nas profundezas insondáveis do oceano.

Nobre Cabo-Frio, tu deste heróis no Paraguai, poetas, homens de letras, artistas, estadistas, tu deste tudo à Patria. Continua no teu afã silencioso e produtivo que Deus Nosso Senhor não te abandona.

Não tendo, pobre de mim, nada para te dar Cabo-Frio, recebe estas notas históricas aliás bem conhecidas de todos, mas recontadas por aquele que agradece reconhecido a hospitalidade que deste nas curtas horas que aí passou no agasalho quente e carinhoso do convívio de seus habitantes onde a inteligência, o caráter, o trabalho de seus homens e a beleza e virtude de suas mulheres sabem prender e cativar.

---

## RESUMO EN ESPERANTO

*Cabo-Frio* — D-ro Paulo José Pires Brandão.

Temas tie ĉi pri nedetalaj impresoj el ekskursoj faritaj al unu el plej malnovaj urboj sur la marbordo de Ŝtato Rio-de-Janeiro. Ĝi estas bela paĝo, sur kiu la aŭtoro, kun viva emocio, rememorigas la tradicion de tiu urbo kaj samtempe reliefigas ĝian nunan gravecon.

# IMIGRAÇÃO

(*Esbôço médico-social*)

(Lido em Sessão do Conselho Diretor realizada em 8-11-1934).

José Magarinos  
Socio efetivo

E' assunto, a imigração, de suma importância, do ponto de vista médico-social, principalmente em um país como o nosso, ainda mal definido nessa particularidade.

País extenso, passível de aspetos geográficos que lhe dão climas diversos, difícil se torna para a localização do nacional, que fará para estabilizar o estrangeiro.

No entanto, a questão magna, o ponto vulnerável não é, tão somente, aquele de bem acertar o colono no solo, no que se refere ao próprio colono; é, antes, no que concerne às carências do nativo, na conveniência do nosso país.

O fenômeno racial impera; a antropologia se nos depara como ciência mestra; a eugenia no seu conjunto de tríplice higiene e a sociologia como padrão para investigar processos que nos ponham em pleno descortínio para a devida seleção.

O Brasil, que é um grande panorama de beleza e de quantas virtudes climáticas, não é, no entanto, um país saneado, a não ser excepcionalmente.

Se, por ventura, o seu estado tropical se compensa de algumas condições favoráveis, em grande parte, por falta de higienização, somos servidos por desvantagens.

O grande Miguel Pereira sofreu as setas da crítica e foi acoimado de impatriota, por proferir aquela sua frase axiomática: — "O Brasil é um grande hospital!"

Contudo, a afirmação do grande mestre fere mais aos homens do que a terra em que nascemos.

Estigmatiza de chofre o pouco ou quasi nenhum trabalho de saneamento do nosso solo e das medidas higiênicas postas na prática da educação dos filhos do nosso torrão amado.

A natureza, por si, pode apresentar-se em surtos de favorecimento para as adaptações humanas; todavia, quando isso não

se dê, a ciência supera e o engenho humano poderá suprir o que o meio não lhe proporcionou.

O poeta Antônio Feijó, exaltando a intelectualidade, disse, em determinado trabalho literário, que a própria natureza já tentava imitar o esforço humano, na beleza e em outras perfeições.

Não vamos ser românticos diante do assunto versado, mas coerentes e sinceros com as verdades que se nos apresentam.

Em primeiro lugar, para um bom tipo, deveremos preferir a raça de bom talhe, boa pigmentação, cutânea e pilosa, boa compleição, no sentido das medidas antropométricas, sem o esquecimento das tendências subjetivas, favoráveis e que se enquadrem aos fins do imigrante.

Os fenômenos bio-tipológicos, atualmente, interessam à sociedade e às operações de trabalho que se agitam nas sociedades.

A somática, a morfologia e as revelações psíquicas e psicopáticas são as preocupações dos endocrinologistas, que no velho mundo se interessam pelo homem, como Pende, Riffine, Marañon e, no Brasil, Rocha Vaz, Berardinelli, Afrânio Peixoto e outros.

Da criminalística à arte, do trabalho, às tendências de várias atividades e profissões, os homens se comportam como os organismos lhes permitem, para as ações, pelo seu tipo glandular predominante.

A isso se associam a psicologia, a psicanálise e as várias medidas aconselhadas pela antropologia para, na experimentação, obter-se a organização necessária que a psicotécnica impõe.

Mesmo nos estágios de educação, a escola ativa assim se revela, que ela prepara homens, não para a prisão entre paredes, mas para o grande ambiente de trabalho, da luta pela vida.

Dest'arte, o imigrante precisa ser selecionado com a máxima prudência, mesmo que para o nosso solo não convém, absolutamente, senão tipos de eleição.

E' mister o exame prévio e rigoroso às levas destinadas ao Brasil, pois que necessitamos, para os nossos empreendimentos agrários, capacidades físico-psíquicas que se recomendem.

Sob o ponto de vista médico-sociológico, a dedução é fácil, pois que o mau elemento só nos prejudicará, e porque mesmo admitido só seria conceber-se o homem eugênico dentro da concepção: física, psíquica e moral.

Será absurdo que nos penetre elemento que não se disponha ao trabalho e que, além disso, seja portador de enfermidades transmissíveis ou de estados mórbidos que inutilizem o próprio indivíduo.

Faz-se mister vigilância séria nesse sentido.

E' preciso que não nos venham os indesejáveis do estrangeiro; não carecemos de pêso morto, que êste já nos recalca sobrejamente.

Carecemos de esvaziar os manicômios, os hospitais e as penitenciárias, e não de enchê-los; urge coibir o furto, o roubo, o assassinio, o meretrício, a vadiagem e os vícios, e não incrementá-los.

O imigrante deve ser o agricultor e êsse agricultor deve ser o homem são de corpo e de espírito, que se agite dentro das boas tendências da ordem e do trabalho.

O govêrno, portanto, higienize bem o solo, receba o imigrante de escol, coloque-o no sector geográfico indicado; contudo, exija-o escoimado de defeitos orgânicos e morais, despido de crassa ignorância e de pauperismo econômico.

Nada de tracomatosos, escleróticos, tuberculosos, luéticos, cancerosos, dermatopatas, etc., nem, do lado mental, epiléticos, parafrênicos, paranóicos, cocainômanos, eterômanos, morfinômanos, alcoólatras, etc., que tais unidades serão falhas, por diogênicas, tanto física, como intelectual e moralmente.

Já nos bastam as nossas misérias...

Para refôrço de nossas idéias, apreciemos bela página do saudoso e sábio mestre Juliano Moreira, que, relativamente ao imigrante, assim se externa: "Para o imigrante estabeleçamos, sem distinção de raça ou de nacionalidade, uma seleção individual, o mais que possível rigorosa sôbre o ponto de vista mental, isto é, não devemos receber imigrantes que apresentem perturbações mentais congênicas ou adquiridas: nenhum idiota, nenhum imbecil evidente, nenhum epilético, nenhum maníaco depressivo, nenhum parafrênico, nenhum paranóico, nenhum doente de qualquer outra psicose definida poderá saltar em nenhum pôrto nacional e, se entrar pelas fronteiras terrestres, deverá ser repatriado, mesmo que seja à custa da nação.

Se dentro dos 12 primeiros meses da entrada do emigrante no país lhe sobrevier alguns dos referidos estados psicopáticos, deverá também ser repatriado o mesmo emigrante."

Com estas palavras, ficam expostas idéias relativas à epígrafe dêste artigo, de um modo pálido, contudo, mas conciençiosas, pois parecem sensatas e patrióticas, ao mesmo tempo que aconselhadas pela ciência.

Num país como o nosso, em que, pelo crescido número de analfabetos, o caboclo, inexperiente e humilde, passa o seu ouro às mãos do judeu, que o arrebatá por uma lata de biscoitos ou por uma pulseira de celuloide, como há pouco nos contou o "Jornal do Brasil", em entrevista com índios Guaranís e Urubús, é fato inconcusso, não se nega, que é necessária muita cau-

tela com a escolha da imigração, a qual muito devemos esperar criteriosa e perfeita.

Para concluir, é necessário pensarmos que, como o trabalho mental, todo e qualquer trabalho carece de uma vontade constante, pois, como disse Köhn, trabalhar quer dizer: "Propor-se um objetivo; procurar os meios para conseguí-lo; planejar os meios e utilizá-los sucessivamente de modo conveniente, para desta maneira realizar gradualmente o fim perseguido; não esquecer o fim durante a elaboração; comprovar na representação de finalidade os resultados parciais; vencer os possíveis obstáculos; examinar os resultados."

E só o indivíduo sadio, no bom sentido, está apto, portanto, para a verdadeira aquisição e aproveitamento condigno da terra que lhe cair às mãos.

---

#### RESUMO EN ESPERANTO

*Enmigrado* — José Magarinos.

La aŭtoro atentigas al tio, ke ni devas meti la demandon pri la enmigrado en nian landon sub regulojn de eŭgenio. Ĝi estas negranda, tamen interesa medicinsocia studo, en kiu estas konsiderataj faktoroj antropologiaj kaj raso-sociaj, kapablaj influi al la formado de nia raso.

## O ESFÔRÇO DO JAPÃO PARA O PREDOMÍNIO COMERCIAL DO MUNDO

*Comunicação feita na sessão do Conselho Diretor, realizada em 14 de Março de 1935, pelo Sr. João Ribeiro Mendes, 1º Secretário da Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro*

F. Restrepo Eldridge

Em todo o mundo produtores e comerciantes mantem-se em um estado de crescente alarma pelas incursões que os artigos japoneses realizam em todos os mercados. Daí levantarem-se por toda a parte barreiras comerciais e porem-se em jôgo legislações protecionistas, com o fim de conter a arrojada maré do comércio japonês.

Consideremos alguns exemplos: bicicletas fabricadas no Japão e vendidas na Inglaterra a \$5, resistem favoravelmente às inglesas que se vendem por mais do dôbro. Solas de borracha japonesas introduzidas nos Estados-Unidos, com uma taxa de seis centavos pelo par, podem ser vendidas, apesar disto, por trinta e cinco centavos menos que as americanas. Lâmpadas electricas, de fabricação japonesa, vendem-se nos armazens norte-americanos a dez centavos, e, embora inferiores em duração às norte-americanas mais caras, vendem-se por milhões annualmente. Os Estados-Unidos empregaram \$788,240 em brinquedos de origem japonesa em 1932; e desde a *boycotage* dos produtos alemães, estes veem sendo substituídos por aqueles, de tal modo que sua introdução quasi duplicou.

Porcelanas e artigos de cerâmica japoneses podem vender-se nos Estados-Unidos, 50 a 60 % mais barato que os deste país.

Em dois anos, sòmente, as exportações para as Índias inglesas e holandêsas aumentaram, aproximadamente, de . . . . 94.000,000 de *yens*, numa proporção de 90 %, as primeiras, e 150 % as segundas. Na Grã-Bretanha aumentaram de 60 %; no Egito, 150 %; nos Domínios do Estreito, 140 %; nos Estados-

Unidos, 16 %; na América Central e do Sul, 250 %; na Austrália, 190 %; na França, 140 %; somente em dois países, China e Canadá, as exportações japonesas declinaram nestes dois últimos anos.

Em Janeiro de 1934 o Japão exportou 128.288,000 *yens*, em tôdas as classes de artigos. Em uma palavra, 20.879,000 mais do que exportara em Janeiro de 1933. O total da exportação nesse ano foi de 1.861.045,000 *yens*, ou sejam 441.000.000 de *yens* mais que em 1932, e 714.000.000 de *yens* mais que em 1931. Antes de tentar descobrir o segredo da habilidade japonesa para competir com êxito com os fabricantes de tôdas as nações, em quasi todos os mercados, contemplemos algumas outras cifras. Os três artigos mais importantes das exportações japonesas, em Janeiro de 1934, foram: tecidos de algodão, 28.808,000 *yens*; seda crua, 21.474,000 *yens*; tecidos de seda, 11.429,000 *yens*; o total de suas exportações ascendeu a 126.524,000 *yens*, que, adicionadas às reexportações, montam a 128.288,000 *yens*. Pode-se observar, assim, que, na realidade, 30 % dessas exportações consistiu em tecidos de seda e de algodão. Quanto ao resto, não mais de 20 % foram matérias primas. O saldo de 50 % consistiu em uma variedade de artigos, em cuja fabricação interveio o trabalho humano em maior ou menor grau.

Como está organizado êste trabalho e de que modo vivem e produzem os homens e mulheres que elaboram esta imensa e variada série de artigos que o Japão exporta, eis a chave do êxito dêste país como nação exportadora. Chamou-se a Inglaterra nação de comerciantes; o Japão é a nação das oficinas.

A maior parte dos seus variados artigos não é elaborada em grandes estabelecimentos; industrialmente falando êste país apenas transpôs o limiar da indústria caseira.

Suas grandes indústrias são unicamente as do algodão. Praticamente tôdas as outras mercadorias proveem de pequenas oficinas; há centenas delas em Toquio e milhares em Osaka. A força elétrica, barata e abundante, é produzida por grandes turbinas, cuja instalação é fácil numa terra onde são tão freqüentes as grandes quedas d'água. Os operários japoneses, em sua maior parte hábeis e bem preparados, são pagos em *yens* (\$0,30), enquanto os americanos recebem dólares. Os maquinismos surpreendem por seu modernismo; examinando-os cuidadosamente, neles se descobre uma acentuada imitação dos estilos ocidentais, cujos fabricantes teem fracassado procurando defender seus direitos de patentes. Os edifícios onde se manufaturam seus artigos, a miúdo, não são mais que toscos barracões; há, entretanto, exceções, tais como os modernos edifícios da Tokio Electric Comp. em Hawasaki, controlados pela General Electric, que pro-

duzem lâmpadas elétricas. Os estabelecimentos de Shibaura Works em Toquio, também controlados pela General Electric, que produzem motores elétricos.

Muitos dos artigos que se exportam, tais como objetos de cerâmica, brinquedos, tecidos de meia, artigos de palha, joalheria e para-sóis, saem das oficinas de povoados e aldeias do interior. Se um dos intermediários de Osaka ou de Toquio recebe pedidos de algum dos grandes exportadores que tem sucursais no estrangeiro, começa por comprar os materiais e enviá-los às aldeias onde diretores ou técnicos do ramo assumem a responsabilidade de copiar exatamente as amostras e preparar os artigos para determinada data. Isto não conduz, naturalmente, a uniformidade de estilo, dando lugar a que compradores do estrangeiro se queixem das muitas variações das remessas, não obstante haver o Govêrno, para satisfazer às reclamações, estabelecido um serviço de inspeção para assegurar uma qualidade "standard".

Algumas de suas indústrias estão circunscritas, geralmente, a determinados distritos, pela razão de que as matérias primas aí se produzem em maior escala, ou porque podem ser adquiridas em melhores condições. Isto se relaciona especialmente com os cristais de mentol, cânfora, extraída em sua maior parte de Formosa, flôres inseticidas e chá. A ilha principal de Hondo, onde se obtém a seda crua, tem também seus distritos especiais: Shinshú, por exemplo, que se distingue por sua qualidade e onde uma série de fatores concorrem para criar um tipo excelente, que serve de modelo para fixar as categorias das outras sedas, devido à exuberância de suas amoreiras, alimento das lagartas, o clima propício para a criação destas e a habilidade e perícia das obreiras.

A maioria das oficinas de artigos de exportação são patrimônios familiares; algumas se tem reunido, constituindo, assim, pequenas empresas industriais que não são afetadas pelas perturbações do trabalho, tão naturais, hoje, nas emprêsas comerciais, devido à completa ausência de obreiros eventuais, e também porque êstes consideram o proprietário como o chefe de uma família industrial. Se o negócio decai e faz-se necessário uma supressão de empregados, o costume estabelece que êstes recebam o salário de seis meses a um ano. Também nas grandes indústrias têxteis tem-se para com os operários esta atitude paternal.

As razões para o êxito desta indústria individual, entre outras muitas, são: fôrça elétrica abundante e barata; mão de obra pouco custosa e eficiente; adaptação ao uso de maquinismos modernos, baixo custo das construções; o uso do sistema ca-

seiro em muitos setores de exportação, eliminando a primasia das grandes fábricas; efetiva localização das indústrias em outros artigos, e um mínimo geral de perturbações do trabalho, devido à intimidade fraternal também possível sob um sistema de pequenas unidades de produção.

De todos êsses fatores, o custo da mão de obra é o mais importante; deve-se a existência simples e frugal a que está acostumado êsse povo, pois que uma família pode sustentar-se, tendo por todo alimento arroz, peixe e alguns vegetais. As vagens fornecem as proteínas necessárias que o trabalhador norte-americano ou europeu encontra na carne, muito mais custosa. O alimento chega ao trabalhador por um baixo custo, vindo diretamente do solo e do mar. Sob um regimen baseado em uma alimentação de carne e de leite, o custo da vida do japonês, e por conseguinte o salário japonês, teriam que ser, necessariamente, muito mais elevados.

Nos subúrbios de Toquio ou Osaka uma família de cinco membros pode obter, mediante o aluguel de \$ 12 mensais, uma casa de três ou quatro peças, com jardim. A sala converte-se em dormitório para toda a família, bastando para isto estenderem-se no chão, coberto de esteiras, grossos acolchoados. O mobiliário brilha por sua ausência. Um bom quimono para as ocasiões de gala dura por tóda a vida. Claramente falando, o japonês paga em *yens* o preço das cousas que os americanos pagam em dólares, e *per capita* a necessidade dessas cousas é quasi a metade da nossa. Assim, resulta praticamente sem razão o uso de uma unidade de medida baseada no salário, ao tentar analisar a vantagem industrial japonesa, no custo da mão de obra.

Um trabalhador japonês em uma fábrica de tecidos recebe somente \$ 0-58 centavos diários, o que não indica que viva da mesma maneira que um trabalhador americano ou europeu que tenha o mesmo salário. Deve-se ter em conta o que êste salário representa em relação ao habitual *confort* de vida de cada país. O japonês pode viver tão alegre e confortavelmente como o trabalhador americano que ganha seis vezes mais do que êle.

Não é só no custo da produção que reside a vantagem d'êste país sôbre seus competidores. Foi lembrado estender seu comércio de exportação com mais intensidade e perfeição que nenhum outro país do mundo, exceção feita da Alemanha antes da guerra. Por meio do seu novíssimo sistema de missões comerciais, os pequenos exportadores teem oportunidade de penetrar mais além dos primitivos centros das Índias Holandesas, do Oriente próximo e Sul da África. Enquanto as grandes casas comerciais concentram sua distribuição por meio de sucursais, na China, Estados-Unidos, Austrália e Índia, onde os preços de

venda são reduzidos em razão da compra de matérias primas, o pequeno comerciante aproveita as facilidades que lhe oferecem as exposições permanentes de artigos em mercados quasi inexplorados. Suas missões comerciais percorrem os países recolhendo amostras dos artigos procurados e registrando pedidos. Dêste modo suas fábricas e oficinas mantêm-se ativas e o incremento da produção sôbre a base de um custo unitário rebaixado lhes dá uma vantagem adicional sôbre seus competidores. No ano passado, com oito milhões de fusos, igualou a exportação inglesa de 2.000.000 de jardas de mercadorias de algodão, apesar de que esta trabalhava com 50.000,000 de fusos. Isto sucedeu porque, enquanto no Japão trabalhavam todos, na Inglaterra só funcionava a sexta parte. Sua economia é francamente capitalista sem os brandos coxins do socialismo. Não é uma economia de superprodução como a americana; é de escassez e o trabalho penoso é a regra, não a exceção.

Na época crítica da depressão mundial, o Japão foi ajudado na sua carreira de exportação pelo restabelecimento do embargo ouro em Novembro de 1931, pouco depois do abandono do padrão ouro na Inglaterra. O embargo do ouro havia sido suspenso no ano de 1929 para reforçar a deflação do nível de preços. Restabelecido o embargo do ouro em 1931, o preço do câmbio do *yen* desceu, porém, o nível de preços domésticos, logicamente, aumentou. O resultado obtido foi baixar o nível dos preços dos artigos estrangeiros em relação com a moeda americana de 116 (1913=100) em Novembro de 1931, para 64,5 em Fevereiro de 1933. No mesmo período o nível de preços americanos baixou de 85.5 a 67.7. Sôbre a mesma base os preços de exportação japonesa alcançaram a 91.8 em Abril de 1933 (1913=100) considerada em libras esterlinas, enquanto que o nível local britânico era sômente de 87.9.

Não se deve ao *dumping* de câmbio o que as exportações japonesas lucraram senão a simples razão de que as matérias primas compradas com *yen* alto em 1931, foram vendidas com *yen* baixo, como produtos fabricados, em 1932 e 1933. Esses *stocks* de matérias primas estão sendo substituídos agora por outros comprados com o mesmo *yen* baixo por que se vendem. Os preços de exportação japonesa se elevam sendo resultado natural a diminuição de sua intensidade.

Como conseqüência da invasão japonesa nos mercados até hoje preferidos pela Grã-Bretanha, não sômente em seus domínios, como também na América Latina, em franca competência com as suas indústrias nacionais; nas Índias Holandesas, em luta aberta com as indústrias holandesas, e também nos mercados da França e da Itália, levantaram-se barreiras aduaneiras

contra as mercadorias de sua especialidade. A arma japonesa mais contundente e mais fácil de esgrimir contra seus rivais é sua potencialidade como país comprador de matérias primas, não só intensificando o comércio nas colônias daqueles, como enfrentando-os nos países latino-americanos.

O Japão adquire suas importações de algodão cru da Índia; a lã, da África do Sul e da Austrália; polpa de madeira e madeiras, do Canadá; borracha, açúcar bruto e óleos minerais, das Índias Holandesas; peles e couros, da Argentina; e nitratos do Chile, além de uma larga lista de outros artigos. O total destas importações excedeu suas exportações em Janeiro de 1934 de 16.544,000 *yens*, e foram adquiridas, em sua maior parte, nos mesmos países onde o Japão vende e por suas próprias organizações. Por esta razão, um grupo destacado da opinião industrial e comercial japonesa trata de implantar uma política de comércio internacional mais ampla e irrestrita.

Enquanto este país mantém uma vantagem definida no custo da produção e exportação da larga lista de artigos em que tem demonstrado sua habilidade para competir, será muito difícil às indústrias dos demais países levantar barreiras contra a invasão de suas mercadorias nas colônias e possessões, sem despertar ressentimentos entre os naturais destas colônias e possessões. Esta dificuldade ficou demonstrada na Índia, onde a questão de quotas restritivas da importação de mercadorias japonesas teve de ser abandonada ante a ameaça do Japão de prescindir do algodão hindú. Austrália, temerosa de perder um comprador tão efetivo para a sua lã, manobra cautelosamente em prol da ampliação dos direitos *anti-dumping*, contra as mercadorias japonesas.

Na Batávia uma conferência ativa seus trabalhos, pois o governo holandês defronta o mesmo delicado problema.

Em países como a Índia, onde os vínculos com a mãe pátria são tão frágeis, o Japão levará toda vantagem; em compensação, no Canadá, ligado à Inglaterra por laços raciais, seu comércio, nos últimos anos, tem sofrido relativo decréscimo.

O Japão parece resolvido a usar de todas as armas de que possa dispor para sustentar sua liberdade de comércio no mundo em uma escala tão grande ou maior ainda do que dispõe no presente. A Grã-Bretanha, a Itália, a Alemanha, a Bélgica, e outros países industriais da Europa já jamais tiveram que se haver com um competidor tão formidável. Até este momento os Estados Unidos não tem sido tão afetados. Apenas 5 % do total de sua importação de \$ 128.421,000 corresponde a artigos japoneses adquiridos dentro do campo de competência de 1933. A esse respeito muito afortunados tem sido os americanos, porque vários

outros países industriais do mundo vão se chocar contra essa competência, eficazmente ajudada pela simplicidade espartana do seu sistema de vida e mais difícil de conter do que na realidade êles imaginam.

(Traduzido do "Boletim del Departamento de Contraloria". Setembro — 1934 — número 84 — Bogotá — Colombia — Imprenta Nacional).

---

### RESUMO EN ESPERANTO

*La strebado de Japanujo por la komerca supereco en la mondo — S-ro F. Restrepo Eldridge.*

Tiu ĉi artikolo estas tradukita el la "Boletín del Departamento de Controleria" — septembro 1934 —, aperanta en Bogotá, Colombia, kaj legita al la Societo de Geografio de Rio-de-Janeiro, ĉe kunsido de la Direktanta Konsilantaro okazinta la 14-an de marto 1935. Per la citado de ekzemploj bazitaj sur statistikaj ciferoj, la aŭtoro pruvas la grandan penadon de Japanujo por la superrego de l' tutmonda komerco. Tiu unuaranga lando serĉas novajn merkatojn por siaj industriaj produktoj kaj ilin vendas laŭ kondiĉoj pli favoraj ol tiuj ekzistantaj en la landoj, kie estas trovataj la samaj artikloj el nacia industrio.

## UNIFICAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO DAS ESTATÍSTICAS NACIONAIS

*Atlas Municipal Estatístico-Corográfico e Anuário de Legislação e Administração Municipal*

O Sr. Dr. M. A. Teixeira de Freitas, Diretor Geral de Informações, Estatística e Divulgação do Ministério da Educação e Saúde Pública, apresentou a seguinte indicação à Comissão dos Diretores de Estatística:

“Resolvido mais êste encontro dos diretores dos Serviços Federais de Estatística, afim de ser examinado o resultado dos trabalhos da Sub-Comissão incumbida de unificar as estatísticas demográficas, bem assim de deliberar sôbre quaisquer outros alvitres úteis aos fins da Comissão, peço vênua para submeter à esclarecida decisão dos distintos colegas mais uma proposta.

Como bem o sabe a experiência diuturna de todos nós, uma das grandes dificuldades com que luta a estatística brasileira é a falta de informações seguras sobre a situação territorial: demográfica, econômica, social e administrativa dos municípios. E essa falta é também particularmente sensível a todos quantos — geógrafos, historiadores, sociólogos, etc. — precisam documentar-se sôbre as circunstâncias e os acontecimentos da vida municipal do país, a qual, afinal de contas, é a própria vida da nacionalidade, vista, porém, no seu sentido primário, nos seus aspectos mais profundos e particularizados.

Ora, o levantamento e a coordenação sistemática dos elementos de caracterização da vida municipal não podem caber com propriedade, nem à União, cujas indagações com aquele intuito se fariam a excessiva distância, nem aos municípios, que, sem orientação técnica adequada e sem unidade de critérios, fariam obra imperfeita e fragmentária, incapaz de preencher a lacuna tão geralmente sentida.

E daí a conclusão de que os órgãos estatísticos estaduais são os centros administrativos naturalmente indicados para levar a

efeito o levantamento e a coordenação sistemática dos elementos básicos ao conhecimento da vida comunal do país, desde que, como de mister, tais órgãos se articulem simultâneamente, de um lado, com as repartições federais de estatística, afim de assentarem um plano uniforme e de interêsse nacional para suas pesquisas, e do outro, com as administrações locais, garantindo-se o concurso destas na coleta e crítica do material documentário e informativo a recolher e sistematizar.

Indo-se um pouco mais além nessa ordem de considerações, chegar-se-á ainda à conclusão de que os elementos de elaboração ou coordenação mais indispensáveis são:

1.º — mapas municipais, representando cartograficamente, com a possível aproximação, os limites, a divisão, o facies fisiográfico e os principais aspectos antropogeográficos do território municipal, e permittindo o levantamento, no seu total e nos seus desdobramentos, da superfície dêste;

2.º — memórias ou notícias histórico-estatístico-corográficas, que façam a resenha da formação administrativa, social e econômica da comunidade municipal, descrevendo-lhes ao mesmo tempo, com apropriada documentação numérica — e possivelmente também fotográfica, — os aspectos corográficos de cada circunscrição comunal;

3.º — coletâneas da legislação municipal e dos demais documentos administrativos (relatórios, mensagens, etc.) do Governo local.

E' certo que o preparo de tais elementos não constitue propriamente uma novidade entre nós.

Muitos Estados já dispõem de mapas gerais com a divisão municipal, o que supre de alguma sorte a falta de mapas municipais. Outros, porém, já tentaram mesmo a cartografia dos seus municípios. E avulsamente, muitos são os municípios brasileiros que teem feito levantar, êles próprios, os respectivos mapas, sendo alguns dêstes muito minuciosos e absolutamente perfeitos, como acontece, por exemplo, com o município de Ouro-Fino, pois que êste, além do mapa municipal, possui um mapa especial, de extraordinária minúcia, para cada um dos seus distritos.

As memórias ou notícias municipais teem sido mandadas organizar — sob critérios os mais divergentes, é verdade — por não poucos dos nossos municípios. E vários Estados — São Paulo, Minas e alguns mais — já tentaram êsse trabalho com caráter mais ou menos sistemático.

A divulgação dos documentos administrativos e legislativos dos governos municipais é feita em jornais e brochuras por grande número, talvez a maioria das municipalidades. Mas, além de não ser geral, infelizmente, essa prática, o pequeno vulto e a forma avulsa das respectivas edições faz com que êsses elementos não estejam ao alcance dos que precisam compulsá-los e impede mesmo a sua conservação, pois, por via de regra, os folhetos ou jornais em que são divulgados esgotam-se e destroem-se em pouco tempo, não ficando vestígio, decorrido pequeno prazo, da vida administrativa e legislativa da grande maioria das comunas brasileiras. Entretanto, êsses documentos — e principalmente as mensagens, que devem ser repositórios completos dos fatos da vida local — constituem as fontes mais puras e mais preciosas para o estudo da evolução da comunidade nacional. Tanto é assim que, como lembrei alhures, já em 1781 o Governo da Metrópole, pela Ordem Régia de 21 de Maio, da Rainha D. Maria I, determinava: — “Faço saber a vós Governador e Capitão General da Capitania de Minas Gerais que Eu sou servida Ordenar-vos que pelos ouvidores das Camaras dessa capitania façaes praticar o arbitrio de se fazerem effectivamente todos os annos humas memorias annuais dos novos Estabelecimentos, actos e cazzos mais notaveis e dignos de historia, que tiverem succedido desde a fundação dessa capitania e forem succedendo; sendo estas escriptas pelo vereador segundo (atendido o impedimento que pode ter o primeiro servindo de juiz), o qual no fim de cada hum anno os apresentará em camara, aonde lidas e examinadas se farão registrar em hum Livro destinado para este fim, dando fé todo o corpo de Vereadores por escripto serem aquelles factos e successos na verdade; recommendando outrosim aos mesmos ouvidores em correição tenham huma particular inspecção em tão interessante materia.” —

A necessidade de tais repositórios, no entanto, não obstante tão perceptível e há tanto tempo de fato percebida, não foi até agora devidamente atendida pela administração pública. E daí a interferência da iniciativa particular, procurando, como sói acontecer em casos tais, prover a lacuna. Assim é que vários almanaques, dos que se publicam no país, uns de caráter municipal, outros de caráter regional, e o grande Almanaque Laemert, que tão úteis serviços teem prestado à vida brasileira, procuram enriquecer-se exatamente com as notícias, cadastros, sinopses, mapas, resenhas, etc., definidores das condições dos municípios.

Êsse esforço, porém, sôbre não ter também êle caráter sistemático, não poderá nunca suprir de fato a deficiência da iniciativa oficial, antes constitue mais uma prova da necessidade e ur-

gência desta, cujo dever é oferecer ao país, com segurança, sistematização adequada e atualidade, os elementos informativos de ordem local sem os quais a civilização brasileira se sentirá tolhida nos seus impulsos e conquistas de significado mais profundo.

Urge, conseguintemente, que os Estados iniciem o levantamento, a coordenação e a divulgação daqueles elementos — cartográficos, estatísticos, corográficos, históricos e administrativos — que devem caracterizar, para conhecimento geral da Nação, a sua vida comunal.

E para tanto, nenhuma outra ocasião mais oportuna do que esta. Primeiro, porque parece que afinal se está formando entre nós a verdadeira mentalidade municipalista, que vê na interiorização das forças de progresso, na dinamização da vida municipal e na articulação racional das suas atividades — intra e inter-comunais — o único processo capaz de plasmar e desenvolver a grande Nação que o Brasil se destina a ser no cenário mundial. Segundo, ainda, porque está o país neste momento sob os estímulos de uma reorganização e reestruturamento profundos dos quadros constitucionais, e isto lhe dá mais fácil percepção dos seus problemas e maior decisão no enfrentar as resistências da rotina e do personalismo, procurando implantar a ordem nova que as circunstâncias tanto internas como externas lhe estão a exigir. E terceiro, também, já se vai afinal integrando sob o patrocínio prestigioso do Exmo. Sr. Ministro das Relações Exteriores, não só a articulação dos serviços federais de estatística, como mesmo o sistema estadual e municipal dêesses serviços, na conformidade do que lembrou o nosso apêlo às constituintes estaduais, o que tudo sugere e possibilita agora as iniciativas fundamentais para que a estatística brasileira assuma horizontal e verticalmente o sentido de unidade e integralidade sem o qual não pode corresponder à sua missão, como condicionadora do acêrto, da oportunidade e da eficiência de tôda a extensa obra de renovação, preservação e provisão que os nossos governos vão precisar realizar, quando não "*sponte sua*", certamente sob a pressão inelutável das forças históricas que estão começando a processar, com significação mundial pela primeira vez, a renovação dos quadros sociais e políticos e de todos os valores humanos.

Proponho assim que a Comissão, pelo órgão do seu eminente Presidente, sugira em termos encarecidos a todos os Governos Estaduais, não sòmente — e de um modo geral — a intensificação dos respectivos serviços de estatística, mas também, e de modo especial, daqueles dentre os aludidos serviços que visarem a informação sôbre as condições da vida comunal, e de

sorte que êstes últimos se concretizem pelo menos nas duas seguintes publicações periódicas:

1º)—o Atlas Municipal Estatístico-Corográfico, e

2º)—o Anuário de Legislação e Administração Municipal.

O Atlas, contendo possivelmente, como preâmbulo ou introdução, o mapa do território estadual e um sintético estudo estatístico-cronográfico do Estado, será principalmente uma coletânea sistemática editada com periodicidade quinzenal ou decenal:

a)—de mapas municipais, rigorosamente ajustados entre si, e obedientes às mesmas convenções e ao mesmo plano, tendo em vista a minuciosa e uniforme caracterização do território de cada comuna e das suas condições demográficas, econômicas e administrativas;

b)—de notícias estatístico-corográficas dos municípios, dispostas alternadamente com os mapas e completando-lhes as informações com um texto histórico-corográfico, com documentação numérica e com ilustrações gráficas (fotografias, diagramas, plantas, etc.).

O preparo do plano dessa publicação, para que o tentamen alcance todo o significado nacional que deve ter, haverá de fixar-se sob a condição de respeitar as indicações formuladas pelas repartições de estatística, tendo em mira conseguir a necessária generalidade para os informes municipais de significação fundamental para a estatística brasileira. E à execução desse plano hão de fornecer subsídios tanto os vários órgãos estaduais para isso qualificados (comissões geográficas porventura existentes, serviços de inspeção, professorado público, coletorias, etc.), mas ainda os próprios governos municipais, mandando completar os esboços cartográficos das respectivas circunscrições por meio de levantamentos expedidos e fornecidos mais os subsídios outros que lhes forem solicitados.

E para garantir melhor não só a unidade mas a eficiência desses esforços, acompanhará o trabalho a Seção de Estatística Territorial e Cartografia Geográfica da Diretoria de Estatística da Produção, a qual está perfeitamente habilitada, pelos seus fins, seu aparelhamento e sua modelar organização, a prestar a melhor assistência a tais trabalhos, desde o preparo das instruções, dos subsídios técnicos e do material, até a re-

visão dos elementos coligidos e o seu enquadramento geral, se não mesmo até a impressão dos mapas mediante acordos especiais.

O Anuário da Legislação e Administração Municipal, êste, à sua vez, será organizado com o auxílio dos departamentos da Administração Municipal, destinando-se a constituir a coletânea completa tanto das leis, decretos e resoluções do governo municipal, quanto também das mensagens e relatórios dos respectivos prefeitos ou autoridades equivalentes. E as próprias sugestões das repartições de estatística encarregadas do serviço, tanto quanto a emulação natural da larga publicidade assegurada a êsses últimos documentos, provocarão a melhoria constante de tais relatórios e mensagens, tornando assim o Anuário cada vez mais útil como repositório de fatos e dados sôbre os aspectos mais profundos da vida nacional. Enquanto que, por outro lado, a possibilidade decorrente da distribuição de cada número do Anuário por todas as municipalidades, de conhecerem estas mutuamente suas realizações progressistas, suas iniciativas corajosas, suas conquistas de civilização, irá provocando a imitação salutar, pelas demais, daquelas normas, diretivas ou métodos que houverem posto em prática as mais esclarecidas ou melhor organizadas, resultando daí um notável surto de progresso e uma verdadeira escola de administradores sob os estímulos de largos círculos de opinião e pode-se dizer mesmo que sob a observação vigilante de toda a nacionalidade.

Se esta proposta merecer o assentimento da Comissão e um concitamento caloroso fôr dirigido pelo Sr. Ministro das Relações Exteriores aos Governos Estaduais para que seja providenciada a imediata execução dos dois trabalhos indicados, tenho plena convicção de que o êxito da nossa iniciativa será duplo — na unanimidade da sua aceitação pelos Estados e pelos resultados dos esforços que êstes empregarão para torná-la vitoriosa.

Esta certeza me advém de três motivos.

Primeiro, porque os novos Governos dos Estados, já pelas disposições constitucionais que resultarem das sugestões que formulámos há dias, já mesmo pela sua missão histórica, hão de achar-se com o ânimo predisposto a levar avante o patriótico propósito que lhes apontarmos tendo em vista o desenvolvimento da estatística estadual de certa maneira harmônica e convergente em todo o país e, portanto, com êsse desenvolvimento, a própria expansão do progresso nacional.

Segundo, porque os serviços federais de estatística, e principalmente os do Ministério da Agricultura, estão hoje em con-

dições verdadeiramente favoráveis a uma colaboração eficiente, para os fins em vista, com as administrações estaduais.

E terceiro, finalmente, porque a minha experiência pessoal, enriquecendo a estatística de Minas-Gerais — que dirigí durante dez anos — com o Atlas e o Anuário de que nos ocupamos, me demonstrou a perfeita exequibilidade dêsses dois tentamens.

Coloco, pois, ante vós, mui confiantemente, como brasileiro e como estatístico, a indicação que acabo de formular e justificar.

---

Nota — Êste trabalho também foi lido à Academia de Ciências de Educação, que resolveu convidar o Instituto Histórico e Geográfico e a Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro para um pronunciamento solidário das três instituições, apoiando as sugestões aqui formuladas.

(Publicado no *Jornal do Comércio* de 12 de Junho de 1935 e transcrito na "Revista" a requerimento do Dr. Alexandre E. Sommier em sessão de 4 de Julho de 1935).

---

## RESUMO EN ESPERANTO

*Unuigo kaj perfektigo de la Naciaj statistikoj* — D-ro M. A. Teixeira de Freitas.

Tiu ĉi estas studo prezentita al la Komisiono de la Statistiko-direktoroj fare de d-ro M. A. Teixeira de Freitas, ĝenerala direktoro de Informoj, Statistiko kaj Diskonigado de l' Ministrejo de Edukado kaj Publiksano pri la unuigo kaj perfektigo de la naciaj statistikoj, krom ankaŭ pri la organizo de statistik-geografia tabelaro kaj de jarlibro de leĝoscienco kaj administrado de l' komunumo.

La aŭtoro prezentas sian planon pri la organizo de tiuj laboroj ja tre klare kaj obeante bonegan metodon, tre atentindan pro sia sekura kaj konciza orientado.







BRAND  
PONGE 